Carioca

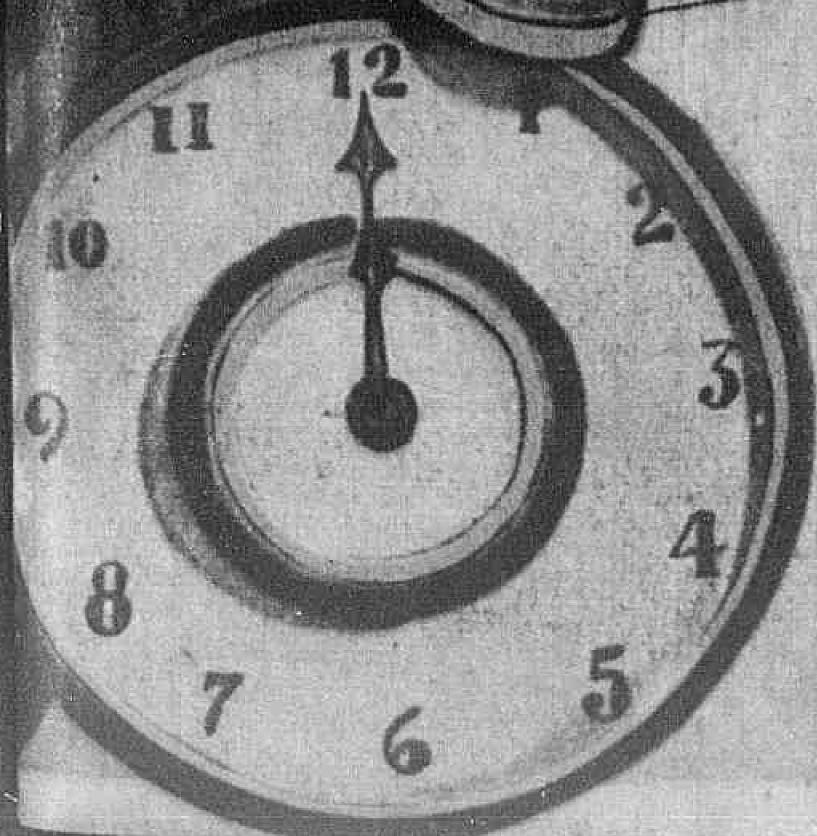

BIBLIOTECA NACIONAL
RIO DE JANEIRO



CR$ 4,00
N.º 952
2-1-1954

DIRETOR
HEITOR MONIZ
GERENTE
OCTAVIO LIMA

Feliz
ANO NOVO



NORA NEY

A vantagem dêle...





é valorizar

sua alimentação diária com

Malzbier da Brahma

– a cerveja preta, nutritiva e deliciosa!



Sorte dêle beber às refeições a substanciosa Malzbier da Brahma! Sorte sua também se você completar seu almôço... enriquecer seu jantar... e reforçar seu lanche com a Malzbier da Brahma, rica em malte, de acentuado valor nutritivo! De sabor levemente adocicado e pelo seu mínimo teor alcoólico, Malzbier da Brahma é a saborosa cerveja que as famílias bebem habitualmente! Não fique para trás... complete as suas refeições com a gostosa e tonificante Malzbier da Brahma!

***em garrafas
e 1/2 garrafas***

Produto da
CIA. CERVEJARIA BRAHMA



OUÇA as irradiações esportivas Brahma pelas:
R. Nacional–M. Veiga, Rio
R. Nacional, São Paulo
R. Mineira, Belo Horizonte
R. Guairacá, Curitiba
R. Clube Paranaense, Curit.
R. Soc. Gaúcha, P. Alegre

202 - Ullmann



Carioca

DIRETOR
HEITOR MONIZ
GERENTE
OCTAVIO LIMA

EMPRÊSA A NOITE
PRAÇA MAUÁ Nº 7
ANO XIX — Nº 952

A ALMA E O PALCO - CRÔNICA DE PÁDUA DE ALMEIDA

A arte de dizer versos é, certamente, uma das mais altas, pela dificuldade com que se interpretam as imagens. Representar com inflexões humanas o que transcende a própria Vida me parece o mesmo que exprimir as notas musicais por meio de palavras. Ninguém poderá encerrar todo o azul do espaço entre os dedos. Da mesma forma, colocar dentro da voz o imponderável, sinceramente, é uma tarefa mais para os deuses do que para os homens.

A Poesia transfigura a Vida. Para dizê-la, portanto, a intérprete deve pairar, e não tocar na terra. Se a "diseuse", num verso, se refere à luz, tem que passar a ser, também, luz, e, se não der essa impressão, não alcançará o efeito esperado pelos seus ouvintes.

Quem a vê precisa imaginar que ela é um **sonho**, e nada mais.

A declamadora que diz um grande poema renuncia, por instantes, à sua essência mortal, toma uma aparência de eternidade e a sua natureza se torna translúcida. Deixa de ser material, para ser, apenas, uma imagem. Essa necessidade de espiritualizar-se, de adquirir um aspecto ideal, de participar mais do céu do que da terra, ao interpretar uma poesia, é tão fundamental para a sua alma quanto respirar ou mover-se para o seu corpo.

Nisto, a arte de dizer é irmã da arte de bailar. A declamação e a coreografia não têm linhas divisórias entre si: aquela é o bailado da voz, esta é o poema das atitudes. E, semelhante à bailarina, que vence a fôrça da gravidade, e se liberta do chão, como uma nuvem ou uma asa, a "diseuse", pela voz e pelos gestos, domina as leis do som e da mímica, e se transforma numa idéia ou num sentimento. Os princípios da física não existem para essas duas artes. A Ciência pára diante delas, porque a atmosfera que as separa do mundo nada tem de comum com a Verdade, e, sim, com a Poesia. Aliás, a Poesia também se manifesta em realidade, mas numa realidade sem cadeias, inteiramente livre. A Ciência é a Verdade do pó; a Poesia é a Verdade das estrêlas.

Como a artista do "ballet", a intérprete de poemas, se fôr verdadeira, é sempre mística. Seu destino é revelar o Inatingível e as suas únicas leis são o sonho e o mistério. Por isto, não há fenômenos na arte da dição e na coreografia, e, sim, milagres. Ouvir uma grande "diseuse", ou assistir a uma grande bailarina dançar, é como dobrar os joelhos diante de um altar invisível.

Tudo na Poesia está acima do Homem. Podemos defini-la como um país onde só há céus. Um país onde não se vêm vestígios de pés humanos, pois os sentimentos não deixam rastros, e ninguém entra naquela região imaterial senão **sentindo**. Unicamente as almas sabem chegar até lá. Mas as almas que fogem da poeira e que têm saudades de Deus.

O Teatro está no outro polo da Arte. Sua finalidade é humanizar tudo. Em suas peças, Aristófanes sobe ao Olimpo e vai buscar Júpiter para misturá-lo com os sofistas de Atenas. Shakespeare situa a Humanidade em suas exatas proporções psicológicas. Faydon obriga o Homem a descer abaixo de si mesmo e apresenta-o nú e quase objeto, leviano, eufórico e admiràvelmente sem espírito.

Às vêzes, contudo, a Poesia deslisa e se instala, suavemente, no Teatro, sem que o teatrólogo o perceba. Há comédias, dramas ou tragédias que são poemas somente. Falta-lhes a obetividade do **terra-terra.** A Vida afasta-se, chega o Sonho, e o palco cede lugar à alma... É o caso de "Peer Gynt", a melancólica obra-prima de Ibsen. Eis uma das suas cenas, que se envolve do mais profundo, o mais terno, o mai simples e o mais comovente lirismo que já conheci em Teatro.

A mãe de Peer agoniza, e êle canta. Canta e sonha que o Rei vai dar uma esplêndida festa e que o convida a aparecer no Castelo em companhia da sua velhinha. A pobre anciã estende para o filho as mãos nervosas, muito brancas e úmidas, onde a neve da morte principia a cair longamente. Peer, com uma fita, amarra o gato da casa ao leito de sua mãe, e, fingindo que açoita o animal, enquanto, ocultamente, lhe acaricia o pêlo, diz-lhe:

— "Vamos! Ligeiro! O Rei nos espera! Corre! Depressa, meu ginete veloz!".

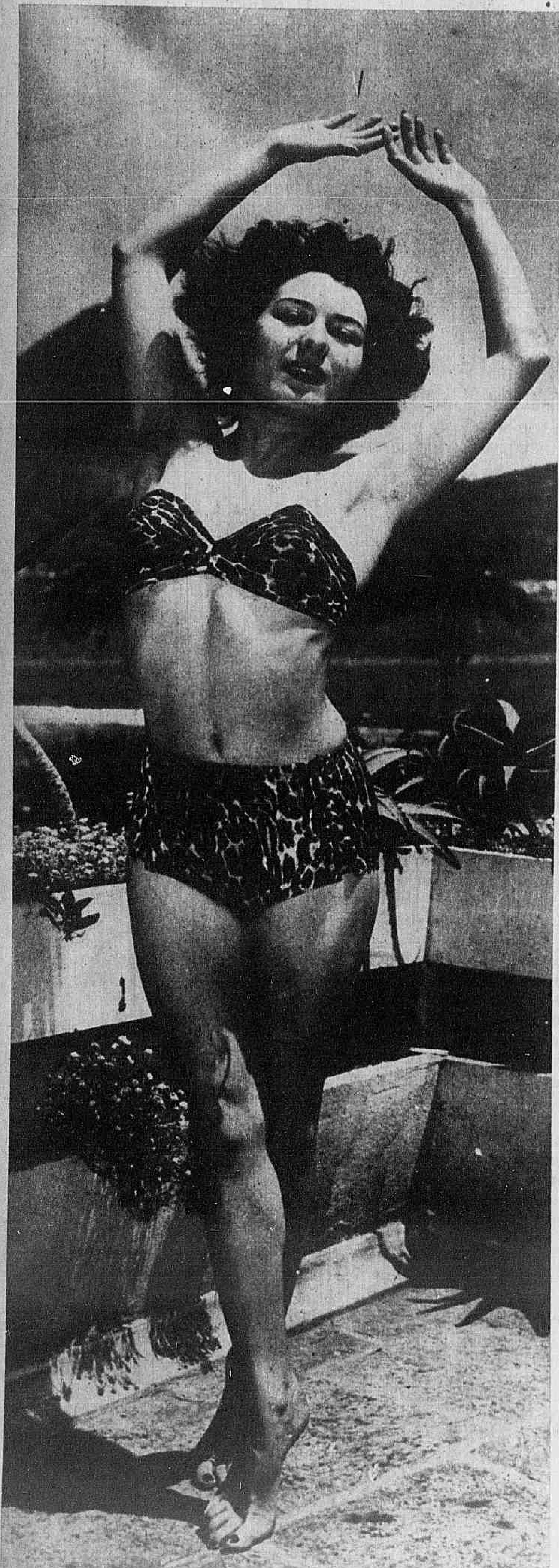
A agonizante, como num conto de fadas, sorri, em alvorôço:

— O carro já está aí, meu filho? Então, vamos ao Castelo mesmo? Ah! as janelas da torre se abriram, agora, completamente iluminadas... Dançaremos a noite tôda na festa do Rei...

(Conclui na página 59)

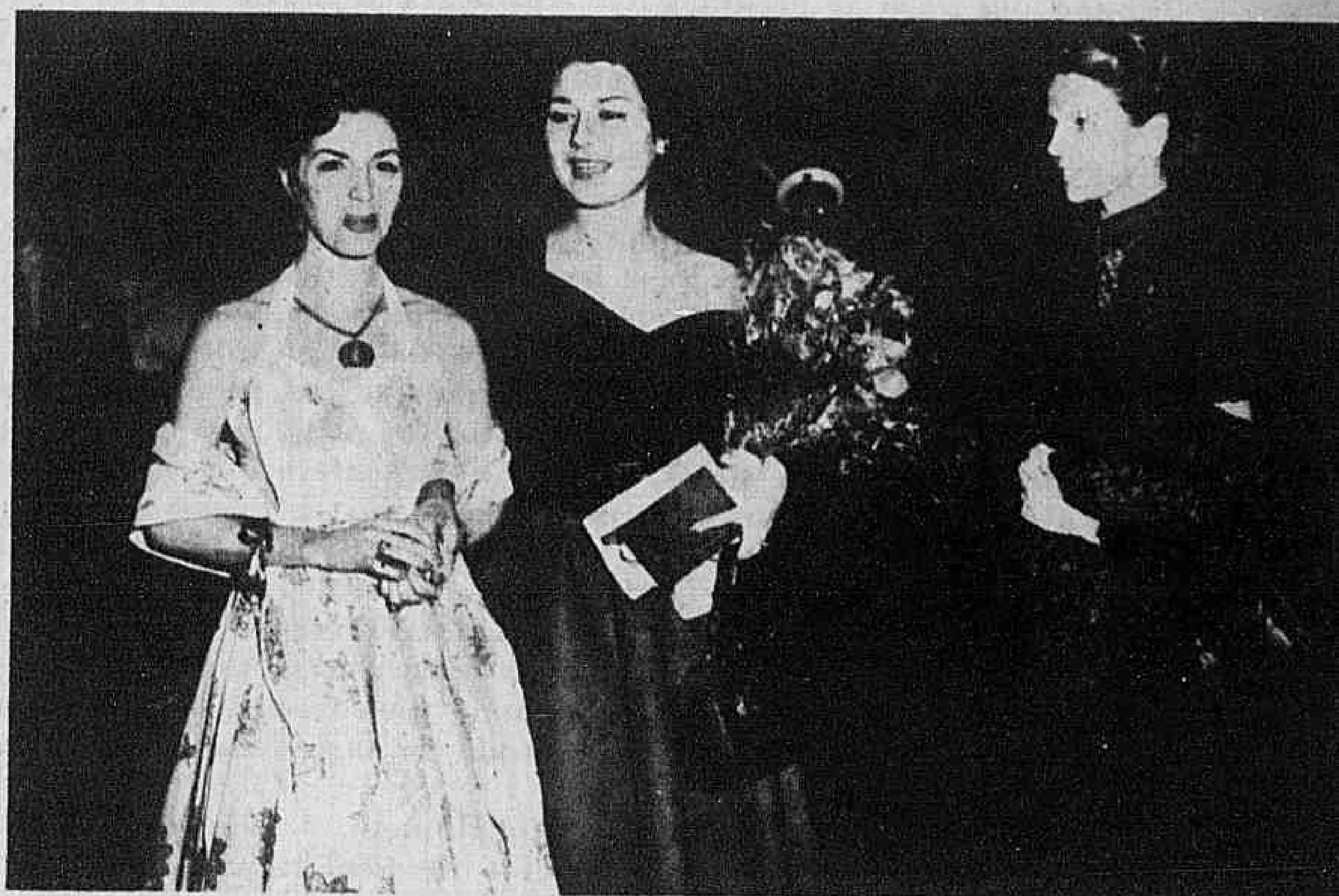


NO RIO, A "MISS OBJETIVA" DE PARIS



Lina Andrés gostou do Brasil e dos Brasileiros

Texto de DIRCEU EZEQUIEL
Fôtos de FERNANDO RIOS
(Especial para CARIOCA)



A noite continua efervescente. Agora ao começar o ano novo, perspectivas novas, mais que nunca!

Um sem número de boemios novos, em férias, surgem dentro da noite. As casas de recolhimento noturno vibram, e primam por suas apresentações, ansiosas por merecer a preferência dos notívagos, turistas e forasteiros.

Já surgem e se anunciam os "shows" carnavalescos, êste ano em maior número, e com maior fastígio que nos anteriores. E' Carlos Machado, com suas deslumbrantes "feeries"; é Ney Machado, com suas novas idéias para a "boite" do Joá; é Mauricio Lanthos, com "scripts" de Fernando Lobo e Ary Barroso, no seu palco majestoso; é Silveira Sampaio, continuando sua carreira vitoriosa no mundo noturno, apresentando êle próprio e Jorge Veiga, na "revuette" "Quem Roubou Meu Samba?", e mais, muito mais...

ANTES DO CARNAVAL, PORÉM

Se bem que algumas "boites" já se tenham lançado ao Carnaval, outras, antes de levar a efeito seus "shows" momesmo, estão apresentando programações natalinas, em que

LINE ANDRÉS, uma beldade da paisagem milenar gaulesa, dentro da exuberante paisagem tropical brasileira, num êxtase de vida e côres



oferecem aos seus "habituées", cartazes de todo o mundo, com músicas melodiosas, como um regalo de Noel àqueles que lhes têm dado a preferência.

Carlos Ramirez, Adelina Garcia, Anna Marly, Line Andrés são alguns nomes. Os três primeiros, já muito nossos conhecidos. O último, uma novidade importada da França. Falaremos, pois, de Line Andrés, uma francesinha muito jovem e de cabelos acaju, dona de uma elegância tradicional, que vem em linha reta da Rue de La Paix, contudo simples e graciosa.

UMA ENTREVISTA FELIZ

Sim, foi das mais felizes a nossa entrevista com Line Andrés. Fomos encontrá-la em seu apartamento no Hotel Glória e, ao principiarmos, já nos havíamos entusiasmado com ela que, para começo de conversa, fala muito bem o castelhano.

Line Andrés revela que se iniciou como cantora existencialista, numa das "caves" de Paris, e quase que chegou a ser a substituta de Juliette Grecco, porém,

(Conclui na página 60)

Ex-existencialista, ex-"miss" Riviera, atriz de rádio, teatro e cabarés parisienses, depois de percorrer meio mundo, ela descansa numa das poltronas do Hotel Glória

Ao desembarcar no Aeroporto do Galeão, a artista francesa foi recebida por um batalhão de fotógrafos, e pela "Miss Objetiva" Carioca, Ester Tarcitano



A "miss objetiva" francesa, numa pose especial para os leitores de CARIOCA, sorri, feliz e alegre

COROADOS, EM S. PAULO, O "REI" E A "RAINHA" DOS "EXTRAS"

RITA CLÉOS E LAERCIO NAVARRO ELEITOS SOBERANOS DOS FIGURANTES PAULISTAS DE 1953 — ALBERTO RUSCHEL E MARISA PRADO, OS PADRINHOS DOS PREMIADOS

De SERGIO SANTIAGO



Rita Cléos, consagrada como «Rainha dos Figurantes Paulistas de 1953», fala ao microfone da Record, empunhado pelo artista Paulo Ruschell. Ao centro, Alberto Ruschell, o astro de «Cangaceiro» e padrinho da nova soberana

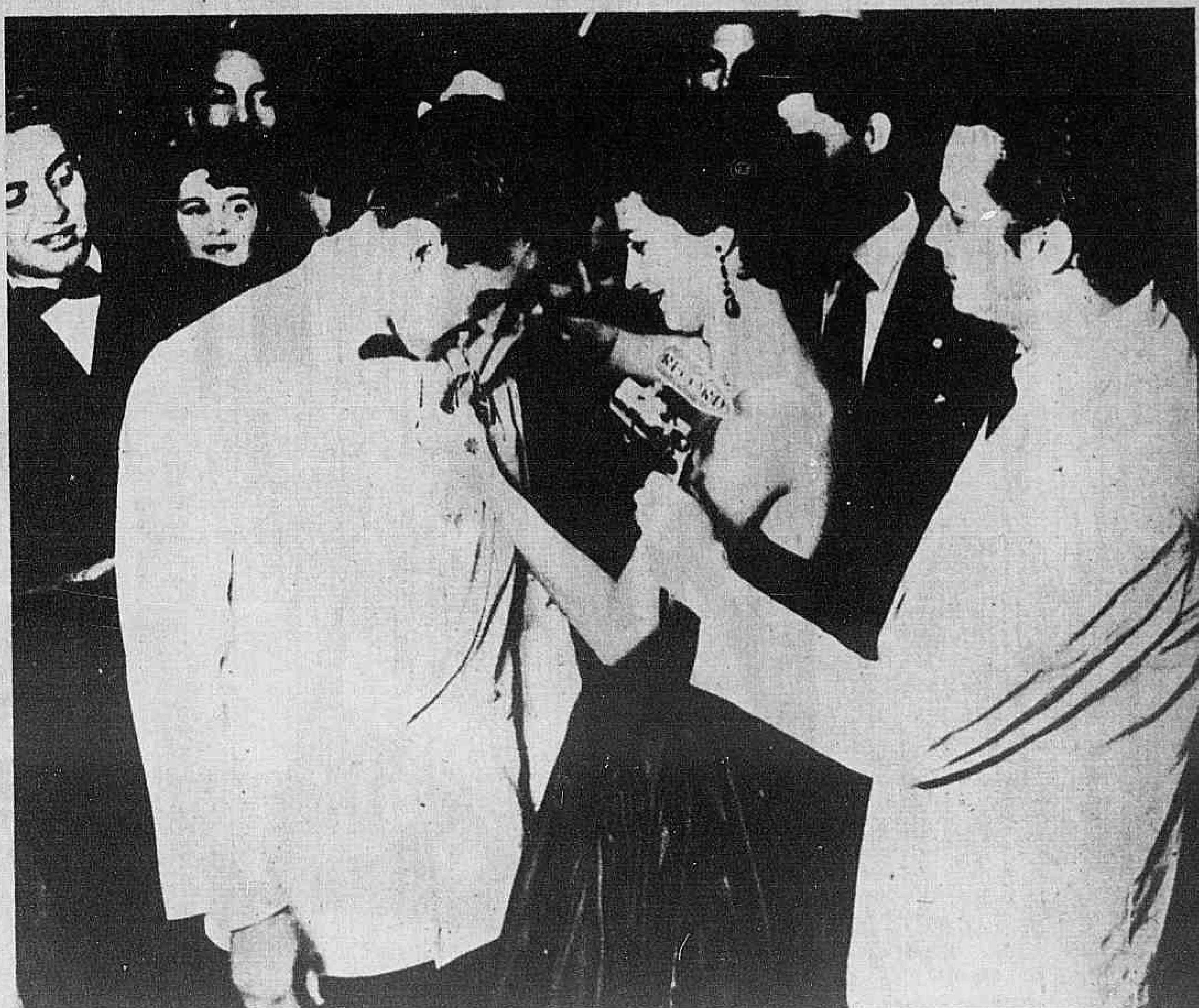


Marisa Prado dá início ao Baile dos Figurantes, dançando a valsa de gala com o cineasta Paulo Fuchs, gerente da «Columbia» no Brasil

A Associação Paulista de Cinema promoveu, com a Rádio Record e as agências de figurantes de São Paulo, original concurso destinado a escolher o «Rei» e a «Rainha» dos «extras» do cinema paulista. O certame despertou invulgar interêsse nos nossos meios cinematográficos, dado o seu caráter democrático e de generosa simpatia por uma classe de profissionais de nosso mundo artístico.

Inicialmente, foram escolhidos vinte candidatos, através de votação popular (é interessante destacar o elevadissimo número de votos computados nas diversas apurações — nada menos de 250 mil): dez candidatos masculinos e dez jovens concorrentes femininas. Em seguida, nomeou-se um juri composto de prestigiosos profissionais que militam nos estúdios e la-

(Conclui na página 58)



Marisa Prado condecorando com o escudo simbólico o «Rei dos Figurantes», o artista Laercio Navarro, vencedor do empolgante pleito, patrocinado pela Associação Paulista de Cinema

O NOIVO DE MERCEDES

C. VIGIL FILHO

Mercedes Horta e Raul Brown ficaram noivos quando eram ainda adolescentes. A família do rapaz era rica, a da moça muito pobre, embora estivessem ligados por laços de amizade, já que ambos eram tradicionais e provinham de troncos ilustres. O amor dos dois jovens crescera num ambiente propício, favorável. Tinham-se conhecido quando eram pequeninos e cresceram juntos. Com o passar dos anos, foram se definindo seus temperamentos e personalidades.

Mercedes era pequena, frágil, harmoniosa, com seus cabelos castanhos e olhos verdes. Possuia gênio retraido, sonhador e romântico.

Raul, ao contrário, era sólido e um pouco rude, tanto fisica como espiritualmente. Era jovial, expansivo e mimado.

Unia-os a juventude com sua boa fé e sinceridade, anulando, destarte, a grande diferença de caráteres existente entre êles Mercedes vivia, realmente, o seu romance. Preferia morrer, a viver sem o rapaz.

Raul, em troca, era mais cauteloso. Amava a moça, amara-a sempre por suas excelentes qualidades, mas em suas confissões havia algumas reticências:

— Mercedes — declarava, à miudo — você é uma grande mulher... completa... nobre e leal... virtuosa. É, além disso, doce, formosa e terna. Sem dúvida será a espôsa ideal, mas... toma a existência de maneira excessivamente formal — continuava, gracejando — Sua gravidade até assusta um pouco...

Fora a noiva, a mecânica e as corridas de cavalos, nada preocupava a Raul Brown. Mercedes confiava nele.

Uma tarde, quando Mercedes com sua mãe, entraram numa confeitaria, ali encontraram Raul tomando chá com uma jovem atraente. Sem poder dissimular o nervosismo, o rapaz apressou-se em fazer a apresentação:

— Senhorita Dorotea Ortiz...

Resolveu abandonar o local, com a companheira. Na saida, disse à noiva:

— Volto já. Espere-me...

Na verdade, cinco minutos depois, estava de volta. Explicou-se:

— E' a noiva de um amigo meu, o Mario... Tiveram uma briga e ela veio falar comigo, para ver se eu poderia facilitar uma reconciliação...

Dias depois, Mercedes recebeu uma carta anônima, na qual «uma amiga» prevenia-a que Raul estava namorando Dorotea Ortiz, uma bailarina de cassino...

Uma noite em que o noivo lhe explicara a impossibilidade de ir vê-la, por ter «uma reunião importante no clube», um chamado telefônico cruel por sua precisão, veio trazer o pânico ao coração da moça.

— Escute, Mercedes — declarou a voz desconhecida — já é hora de você abrir os olhos. Raul não a ama. Raul a engana! Nesse momento, êle está na «boite» Z, com Dorotea...

Resolvida, a jovem pediu ao pai:

— Papai, quero que me acompanhe a uma «boite»... preciso muito ir, lá...

O senhor Horta compreendeu a inutilidade de qualquer evasiva.

— Bem, se você quer... vamos.

Lá, a penumbra do salão facilitou a comprovação terrivel. Raul fazia uma côrte ostensiva à mesma jovem da confeitaria, Dorotea Ortiz. A intensidade da dor de semelhante choque, superou a resistência do sistema psiquico de Mercedes, que ficou prostrada.

Duas semanas mais tarde, ainda não conseguira superar a crise.

Os membros de ambas as famílias, acharam conveniente intervir. Parentes e amigos empenharam-se em séria campanha com o jovem Raul, para fazê-lo compreender o êrro, o «crime» que cometia contra sua bela e doce noivinha.

— Mercedes é um anjo! — Reune tôdas as qualidades para ser uma espôsa perfeita — E' suave, linda e prendada — Adorou-o sempre como a um ídolo... — A pobrezinha não merece tanta ingratidão... — Você deve deixar estas aventuras loucas, Raul, e refazer sua conduta! — Pratica um delito contra esta pequena! — E' um disparate deixá-la por esta Dorotea Ortiz... Um péssimo negócio... Um negócio de doido... — Volte à Mercedes, explica-lhe que compreendeu o seu grande êrro. Peça-lhe perdão. Ela é compreensiva e saberá perdoá-lo... — Se você visse a dor e o desespêro dela, ficaria arrependido. Pobrezinha, inspira comiseração! — Você destruiu, de um golpe, seus castelos e seus sonhos maravilhosos... — Ande, rapaz, devolva-lhe a vontade de viver, devolva-lhe as ilusões!

Um pouco pela persuassão, outro tanto pelo chamado insistente de seus sentimentos cavalheirescos, muito pela comiseração, e principalmente pelo convidativo convite ao seu orgulho e sua vaidade de homem rogado e generoso, Raul Brown resolveu que voltaria à noiva.

Bruscamente, sem aviso prévio, apresentou-se ante a moça sucumbida, impressionantemente abatida.

Comovido ante aquele espetáculo doloroso, Raul gritou:

— Escute, meu bem... por favor! Mercedes, estou novamente a seu lado. Perdoe-me! — e tentou tomar-lhe as mãos.

(Conclui na página 58)



Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON n.º 1; e quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON n.º 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil
Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda.
Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda.
— Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" n.º ....
NOME ....
RUA .... N.º ....
CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00



PROFESSOR MARIO MASCARENHAS

ACADEMIA DE ACORDEON MASCARENHAS

A mais ampla e completa Academia do Brasil e que tem formado os maiores artistas do nosso broadcasting. Três andares destinados ao ensino do acordeon. Completo sortimento de arranjos para acordeon. Peça lista de músicas pelo reembolso postal

R. SENADOR DANTAS N.º 7-A — Telefone: 42-4615 — Rio

DEPARTAMENTO EM COPACABANA

Rua Siqueira Campos, 68 - apt. 101
Tel. 37-5216

Cravos e Espinhas

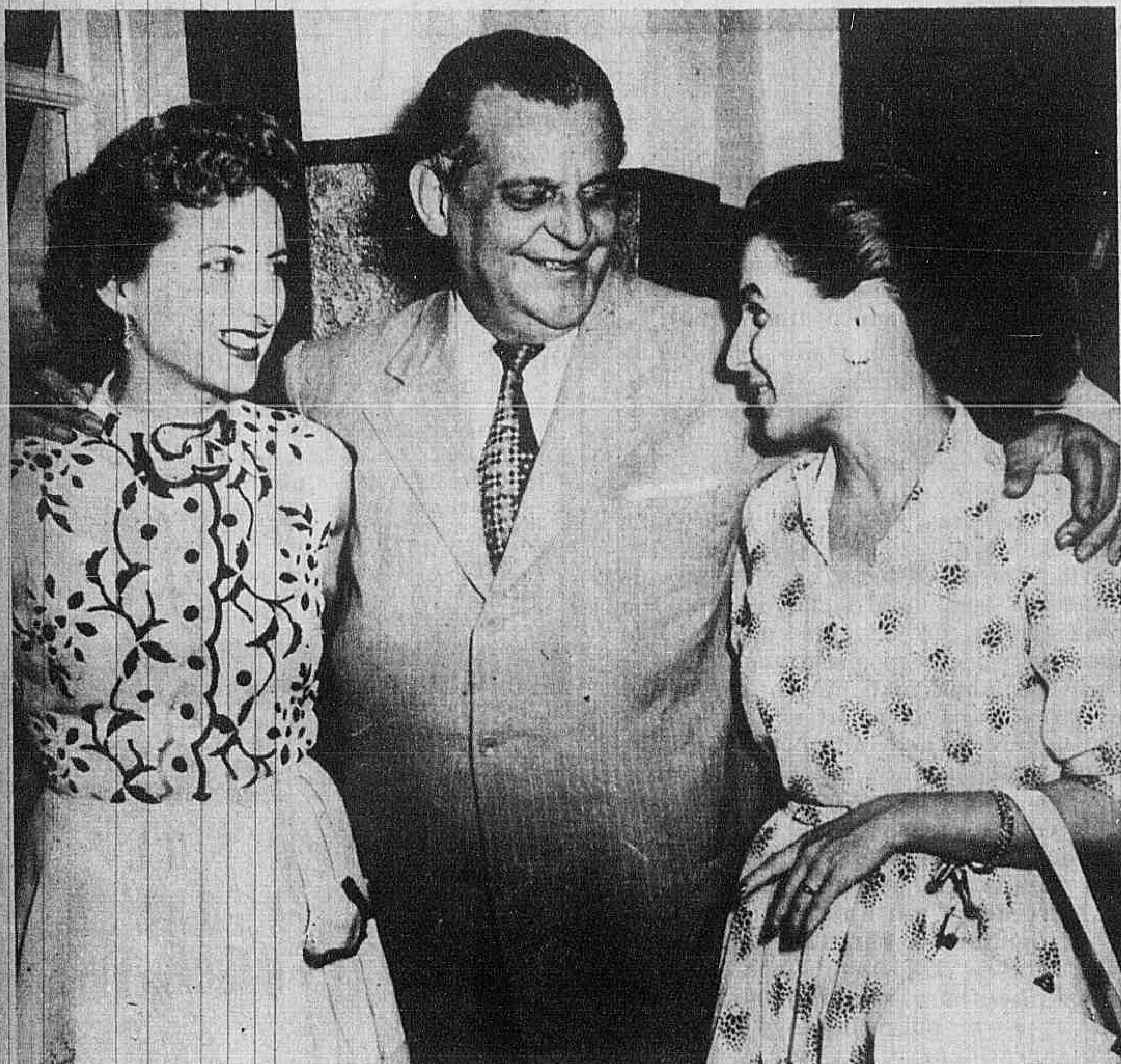
Tratamento definitivo dos cravos, espinhas e seborréia. — Extração radical e sem marca dos pelos do rosto, verrugas e sinais

Dr. Pires

(Prát. hosp. Berlim, Paris, Viena, N. York)
Rua México, 31 - 15.º — Rio de Janeiro
Peça informações sem compromisso
Nome ....
Rua ....
Cidade .... Estado ....

Os grandes batalhadores do Radio

EDMUNDO DE SOUZA, CHEFE DO DEPARTAMENTO ARTISTICO DA NACIONAL



Edmundo de Souza e as suas «estrêlas». Aí o vemos ao lado de Neusa Maria e Olivinha Carvalho

Edmundo de Souza, João Dias, Francisco Carlos, Herivelto Martins e Lurdinha Bittencourt



Eis aqui um dos mais dinâmicos e esforçados batalhadores do rádio brasileiro. Ele se chama Edmundo de Souza. E' um homem inteligente e que conhece profundamente o seu «metier». E' ainda uma figura que pelas suas qualidades pessoais soube se impor nos nossos meios radiofônicos e fazer em tôda parte amigos numerosos.

Foi em 1945 que Edmundo de Souza entrou para a Rádio Nacional, reservado e esquivo, como é do seu temperamento. Iniciou-se modestamente como contra-regra. Falava pouco, mas trabalhava com eficiência. E Edmundo começou então a sua carreira na maior emissora do país. Passou de contra regra a assistente do Departamento Artístico. Hoje é o chefe dêsse departamento e o seu nome está ligado a vários dos mais importantes programas da casa, como Honra ao Mérito, Orquestra Melódica, Cesar de Alencar, A Felicidade bate à sua porta e tantos outros. Quando se tratou da inauguração da Rádio Nacional de São Paulo, seus

O chefe do Departamento Artístico da



serviços foram logo requisitados pela direção geral e lá se foi êle para a capital bandeirante prestar sua colaboração aos trabalhos iniciais e à grande festa do rádio brasileiro que foi aquela inauguração. Pouco depois a Rádio Gaucha comemorava o seu Jubileu de Prata e Edmundo de Souza era convidado para dirigir os festejos comemorativos, o que fez com a sua conhecida capacidade profissional e técnica em assuntos dessa natureza.

O público, de modo geral, só conhece no rádio aqueles que «aparecem»: cantores, orquestras, locutores, compositores. Não se faz uma idéia mesmo longínqua do que seja o trabalho «invisível» daqueles que agem por detras do microfone e são os organizadores de tudo o que se apresenta aos rádio-ouvintes. Esses «trabalhadores anônimos» do sem fio exercem um papel da máxima importância em tudo quanto se refere ao desenvolvimento e ao progresso da radiofonia. Como chefe do Departamento Artistico da Nacional, Edmundo de Souza assume responsabilidades muito sérias em tôda a programação da PRE-8, inclusive nos grandes «shows» da popular emissora da praça Mauá. Ele é um homem que chega ali às 10 horas e fica até às 22 horas, indo às vezes pela madrugada a dentro quando artistas da estação se apresentam em festas, bailes e progra-

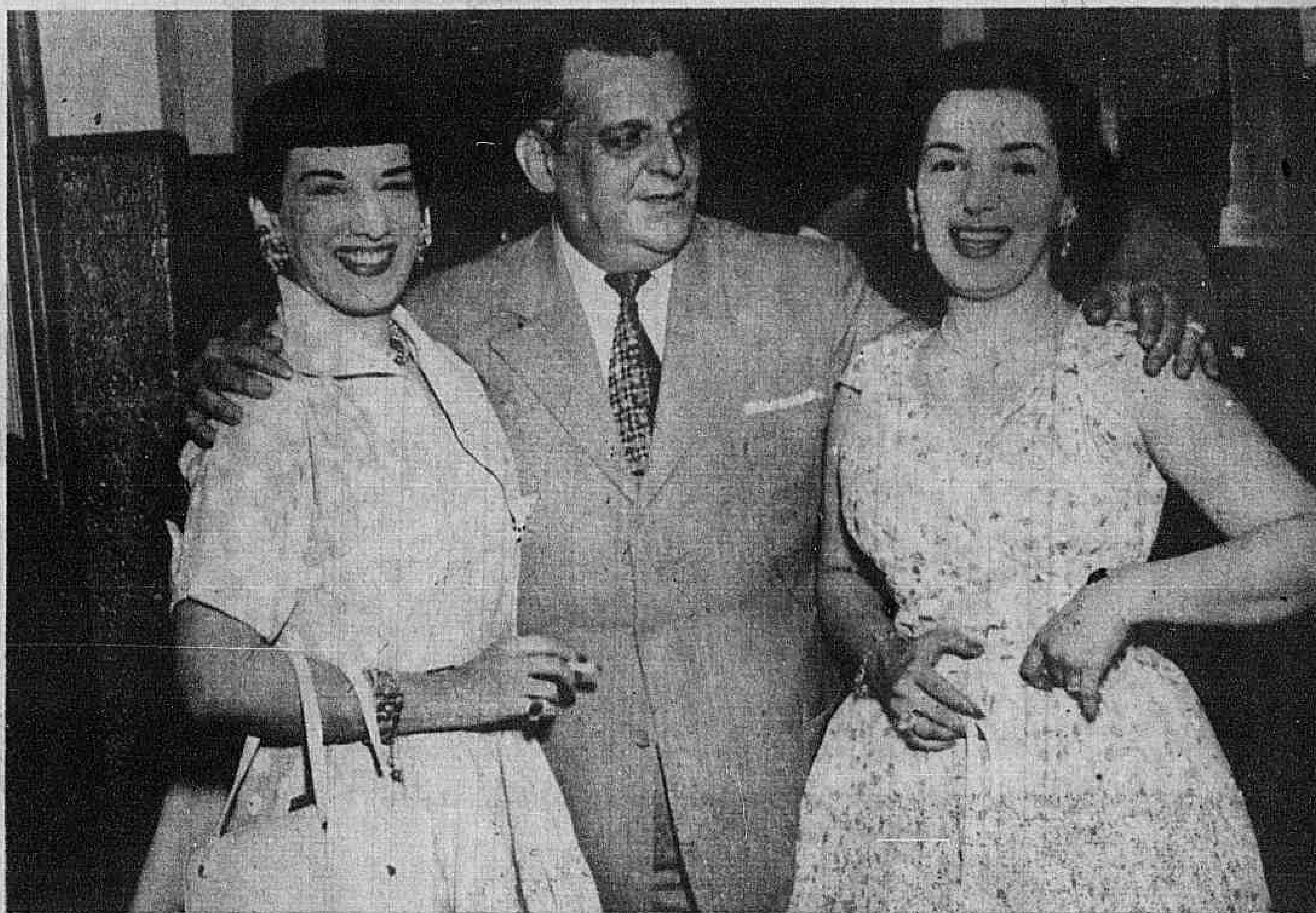
(Conclui na página 57)

Rádio Nacional e Nora Ney





Edmundo é um incentivador dos valores novos. Ele cumprimenta Marly Sorel, Rainha do Cinema, no dia de sua estréia como cantora da Nacional



Ele se sente sempre muito bem no meio das «estrêlas». Ei-lo no meio, entre a Rainha do Rádio, Emilinha Borba, e Heleninha Costa

Edmundo comenta os fatos do dia com Cesar de Alencar e Jorge Goulart



QUE ESPERA EM 1954?

Perguntou: Miguel Curi
Fotografou: Hélio Pontes



Urbano se elegerá? e Sagramor de Scuvero se reelegerá?



Brício de Abreu falando ao microfone, sua espôsa Odete e Lourdes Mayer.



Paulo Cesar não é só "homem mau" das novelas; compõe também. Vêmo-lo ensinando uma sua música ao cantor Cauby Peixoto.

QUE ESPERA EM 1954?

Responderam:

PAULO ROBERTO — Receber, como candidato a deputado pelo Partido Socialista Brasileiro, nas eleições de 1954, a generosa manifestação de aprêço do povo, pelo que tenho feito, e de sua confiança no que poderei fazer.

NILZA MAGRASSI — Desfrutar da mesma felicidade que, em 1953, meu espôso me proporcionou.

CHOCOLATE — Uma oportunidade para ser ator cômico num filme e que o público se aperceba da beleza poética e melódica do samba "Vida de Bailarina", gravado por Angela Maria e cujos versos são de Américo Seixas.

AMARAL GURGEL — Paz! Paz! Paz! E concluir o romance que comecei a escrever há tempos.

LOURIVAL MARQUES — Estou com o passaporte na mão para ver se vou aos Estados Unidos e Europa.

CELSO GUIMARAES — Ensejo de produzir algo de novo no rádio e estrear como autor teatral.

URBANO LOES — Exercer a advocacia, pois acabo de me diplomar pela Faculdade Nacional de Direito, e ver como agirá o povo em face de minha candidatura a vereador pelo Partido Socialista Brasileiro, tendo em vista a minha atuação na Câmara do Distrito, quando, como suplente, ocupei a vaga de Raimundo Magalhães Junior.

LOURIVAL FAISSAL — Três grandes sucessos musicais, com as gravações de Nora Ney, Angela Maria e Emilinha Borba.

MARION — Continuar feliz com meu marido e filha e alcançar êxito notório com um disco.

PAULO CESAR — Inspiração para compor uma música de remarcado sucesso e que, no rádio-teatro, tenha "chance" e felicidade em fazer um galã amoroso.

MARLENE — Comprar uma casa com quintal e árvores e uma piscina... para esquecer o "apertamento" de Copacabana e viver mais alegre e livremente, sem o pêso de certas etiquetas e restrições. Uma casa e um quintal!

EMILINHA BORBA — Construir a casa dos meus sonhos e ter sempre os fãs ao meu lado, reforçando a nossa mútua simpatia.

DORIVAL CAYMMI — Visitar a França, Portugal, Itália e Espanha.

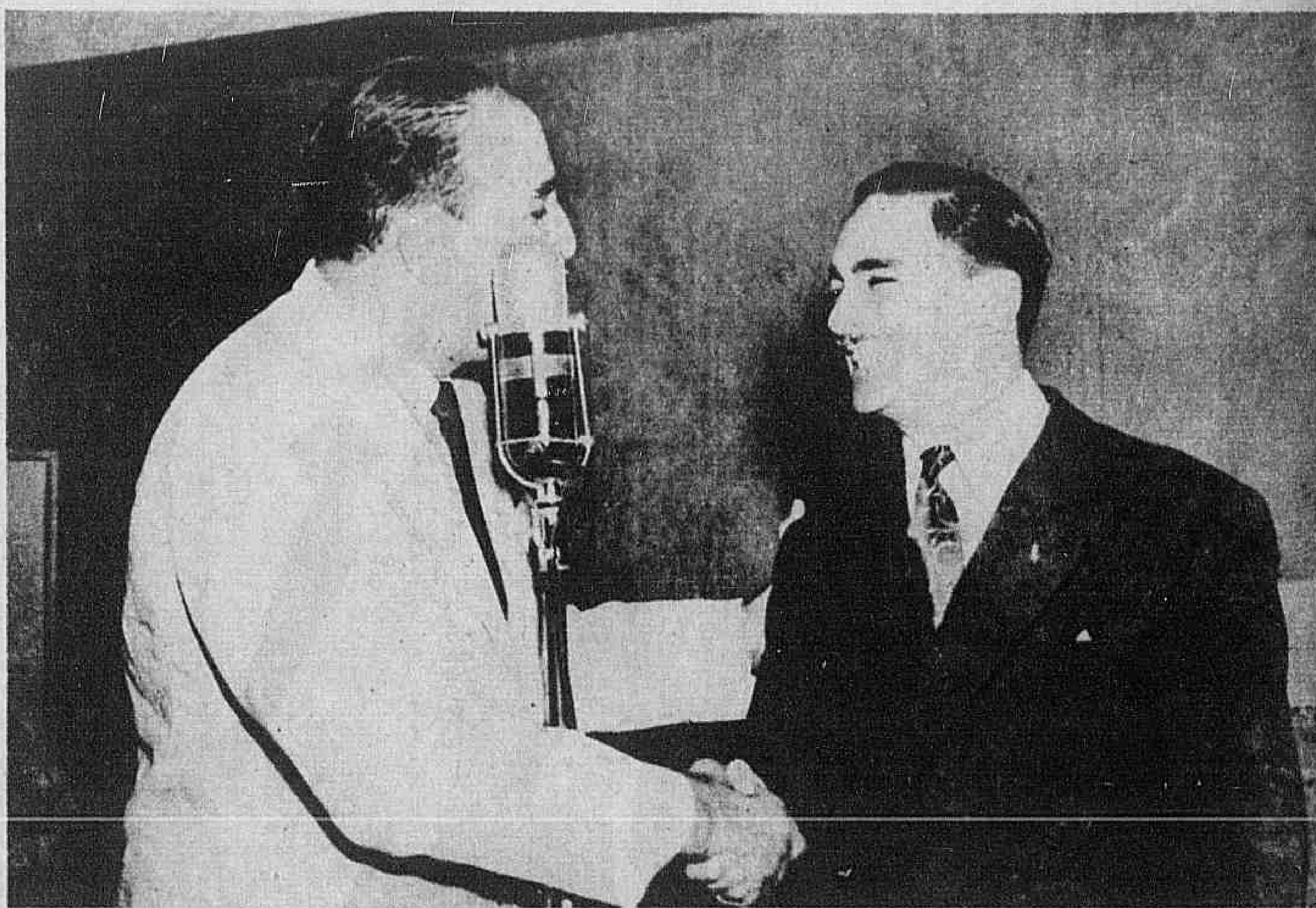
MOYSES WELTMAN — Alongar as perspectivas de 1953, escrever mais novelas e tê-las no ar — e ser pai.

CAUBY PEIXOTO — Efetuar longas temporadas na Rádio Nacional do Rio, sem deixar a de São Paulo, e fazer-me estimado e apreciado, como cantor, pelos ouvintes cariocas.

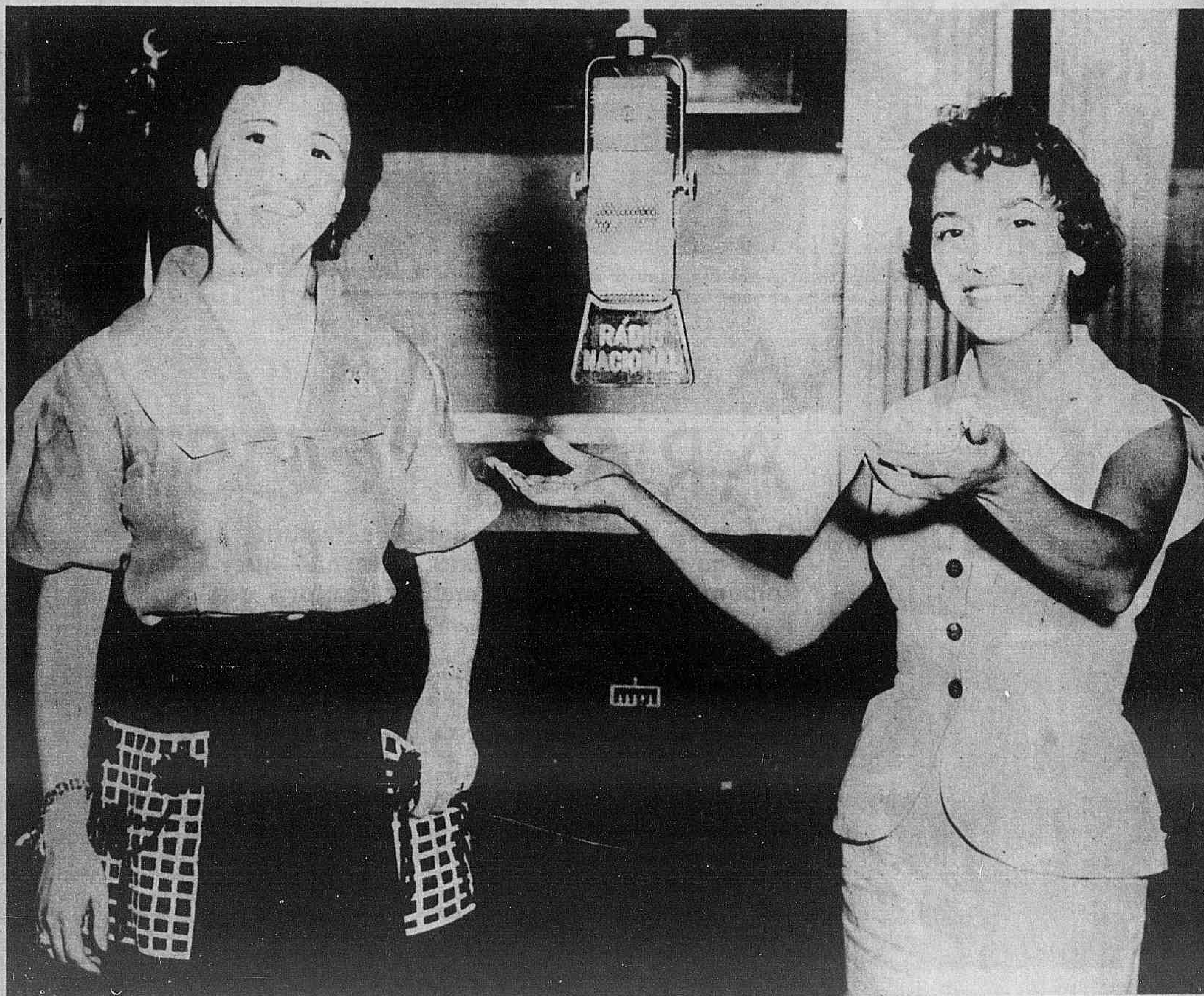
DOLORES DURAND — Que seja bom como foi 1953 e realizar uma temporada em Montevidéu, já em negociações.

JORGE CURI — Ampliar minha ativi-

(Conclui na página 58)



Jorge Curi e Celso Guimarães



Jacyra Gomes apresenta Nelma Costa.



Aracy Costa foi consagrada pelos fãs como «A melhor cantora das associadas». Na foto, vemo-la quando recebeu a faixa e o diploma, ao lado de dois outros vitoriosos, Avalone Filho e Aurea Dornel

A GAROTA ARACY COSTA

O roteiro artístico da querida estrelinha — Duas excursões ao exterior — Por enquanto não quer saber de casamento — Eleita a "melhor cantora das associadas"

Reportagem de Roberto Espindola — Fotos de Zacarias



Graciosa, simpática e... solteira

Estamos numa época de renovação radiofônica, principalmente no que diz respeito aos cantores. Há bem pouco, por assim dizer, da noite para o dia, surgiram nomes que rapidamente ganharam popularidade, quase sempre em virtude de uma música bonita que, caindo no agrado do público, projetou o nome do cantor. Este é o caso de Nora Ney, Elizete Cardoso, Orlando Corrêa, Ernani Filho, Angela Maria, Doris Monteiro e Aracy Costa, que fazem parte da nova geração de cantores de música popular brasileira. E' a respeito desta última — Aracy Costa — que vamos falar nesta reportagem.

A «Estrelinha grau dez», conforme foi cognominada, bem merece o lugar de destaque que ocupa na Rádio Tupi, formando, com Doris Monteiro e Ademilde Fonseca, as maiores atrações da emissora associada.

Carioquinha da gema, Aracy Costa ainda é brotinho, pois tem apenas 19 anos, completados a 3 de dezembro passado. Há cinco anos começou a galgar os degraus da popularidade, ensaiando seus primeiros passos na vida artística. Foi quando venceu o concurso instituido pela Rádio Clube do Brasil, para ser a «lady crooner» da orquestra de Napoleão Tavares. Mas, sua ambição de estrelato levou-a a lançar-se em nova batalha, desta feita na Rádio Nacional, no programa de Renato Murce. Vencedora de ponta a ponta, obteve, como

prêmio, seu primeiro contrato, que durou quatro meses, com um ordenado de mil e quinhentos cruzeiros mensais. Daí foi para a Guanabara, onde realmente começou a se projetar, e posteriormente se transferiu para a Rádio Tupi, onde se encontra no momento.

Aracy é simpática e sabe interpretar um samba como poucas. Possuindo jôgo de cena característico, torna-se um atrativo para o auditório, quebrando a monotonia do ambiente. Na Tupi, ela já tem a sua «torcida» organizada, que diariamente lhe oferece flores, faixas, títulos, e grita a todo pulmão o «E' a maiorrrr!

Aracy Costa já esteve de visita a vários Estados do Brasil e, em São Paulo, possui, também, grande número de fãs, em virtude de suas atuações frequentes no «Palácio do Rádio», Já visitou o Uruguai, em fevereiro de 53, atuando ao lado de Orlando Corrêa e a orquestra de Carioca. Esteve em Montevidéu, Piriápolis, onde se apresentou nos teatros «Solis», «Atlântida» e «Saito». Em virtude do sucesso alcançado pela caravana brasileira, novos contratos lhe foi oferecido, indo os artistas atuar em Punta del Leste, onde eles tiveram oportunidade de travar conhecimento com Jean Pierre Aumont e Cecile Aubry.

Aracy Costa acaba de regressar de outra grande excursão ao exterior. Desta feita, percorreu países centro-americanos, acompanhando Ary Barroso e sua orquestra de ritmos brasileiros. Mas deixemos que a própria Aracy nos forneça os detalhes dessa viagem:

— Foi uma viagem maravilhosa. Vimo-nos recebidos muito carinhosamente pelos nossos irmãos. Estivemos em Cuba, Panamá, México, Porto Rico, ob-

(Conclui na pagina 60)

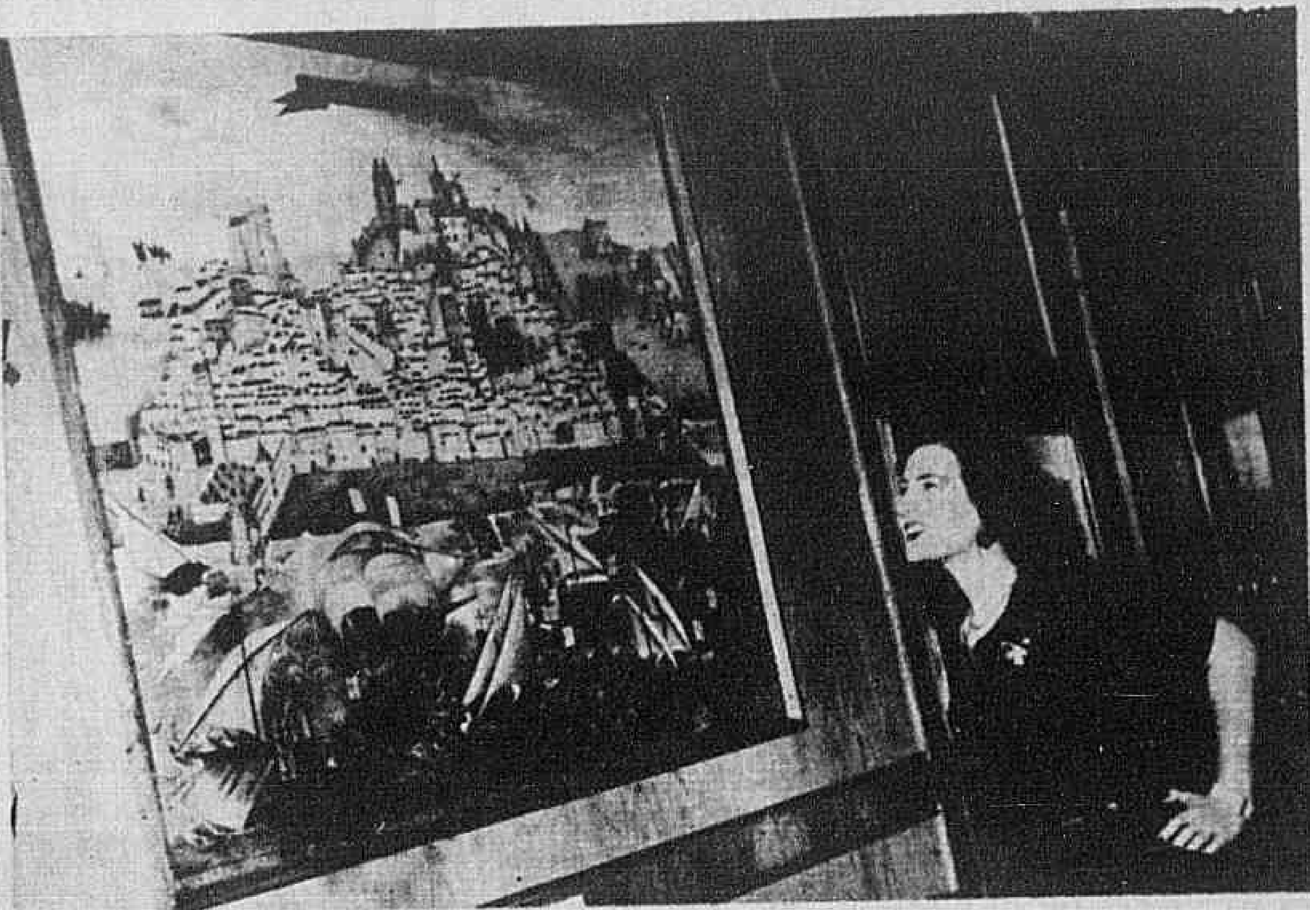

No auditório, Aracy é sempre uma sensação. Aqui a vemos ao lado de Silveira Lima, durante a apresentação de seu programa


Aracy Costa e dois diretores da Tupi: Cambises Martins e Paulo Gramont, êste último agora na Nacional de São Paulo


A mais recente pôse de Aracy Costa



A SALA DE MÚSICA. Ester estava em seu elemento.



LISBOA, SÉCULO XVI. Quantas recordações, hem?

ESTER DE ABREU VISITA O "SANTA MARIA"

Grandes emoções experimentou a festejada cantora ao rever coisas de sua terra — Bom gosto, confôrto, luxo e tradição no transatlântico português.

Reportagem de Diler e Adolfo Cruz

Especial para CARIOCA

A viagem inaugural do "Santa Maria" ao Brasil foi marcada por expresivos acontecimentos, dentre êles a comemoração em que a numerosa colônia portuguêsa da Capital da República, uma vez mais, consolidou a amizade existente entre os dois paises. Ocorreram fatos dignos de nota. Desde a madrugada do domingo em que aportou o moderno barco luso, milhares de pessoas se acotovelaram junto ao Cais, na expectativa de saudar a irmã gêmea do "Vera Cruz". A chegada foi emocionante. Fogos espoucavam no ar; a Banda do Corpo de Fuzileiros Navais, em uniforme de gala, fez ouvir acordes, culminando as homenagens com a execução dos Hinos Nacionais Brasileiro

(CONCLUE NA PÁGINA 59)



DUAS BANDEIRAS, BRASIL E PORTUGAL, emolduram Ester. Símbolos que penetram em sua sensibilidade.



A beleza viva de Ester de Abreu enaltece o valor do belo jarrão. Uma pôse especial da artista para CARIOCA.

"SANTA MARIA"! LISBOA! Um salva-vida de grande significação. Quantos o necessitam para não morrer de saudade!



NA ESCADA DO SUCESSO? Podia ser, mas esta é uma das muitas que abreviam os caminhos do "Santa Maria".

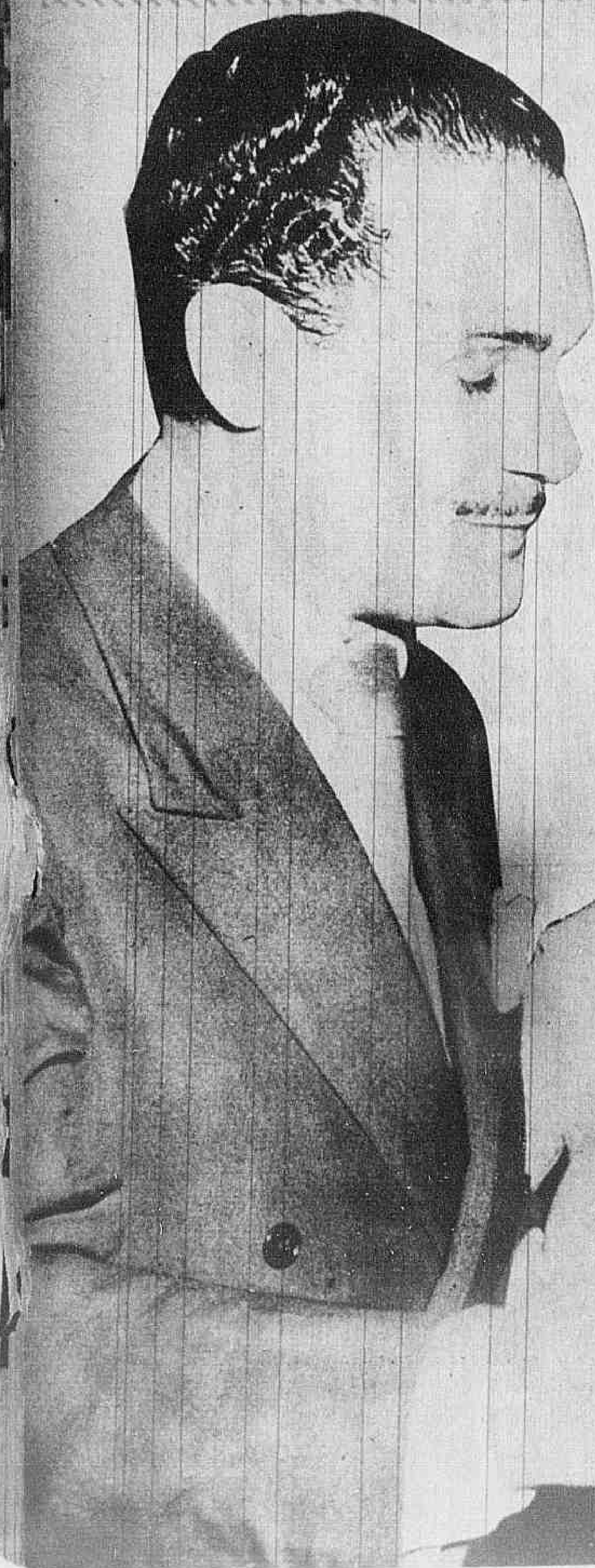
COISAS DE AFRANIO RODRIGUES

Jorge Curi entra na curiosa coincidência, mas, desmentindo os versos do samba, entra Olivinha Carvalho — O locutor, rádio-ator, narrador e animador gravou para o Carnaval de 1954

Reportagem de M. C.
Fotos de Pontes de Almeida



Bons colegas e amigos: Jorge Curi, Lucia Helena e Afrânio



Afrânio Rodrigues era dentista da Central do Brasil, com o ordenado de 1.500 cruzeiros mensais. Lotado no ambulatório da cidade de Barra Mansa, quando êle trabalhava, todo o mundo abria a bôca. Talvez por isso é que, em 1942, pegou o vício de abrir a sua também, ao trocar a odontologia pelo microfone.

Estreou na Rádio Tamoio, lendo um noticiário de guerra. Tropeçou um bocado e suou mais que qualquer dos seus clientes, quando o viam de boticão à mão. Aquêles nomes de generais e cidades alemães, holandeses e russos eram de amargar. Em 1944, Afrânio passou-se para a Rádio Nacional, devendo, em pouco, completar dez anos de militança nela.

Curiosa coincidência: Jorge Curi, que se diplomou em odontologia às custas de seu labor no rádio, locutor e narrador como o é Afrânio, seu colega e estimado amigo, inteirou, no último dia 14 de de-



Na Mayrink Veiga, contracenando com Zé Trindade .





Afrânio e Jorge são sempre assim: brincalhões, não querendo, um, perder para o outro.

zembro, dez anos de Rádio Nacional. Para a coincidência ser completa, bastaria Jorge ser rádio-ator, como o é Afrânio, ou êste ser locutor esportivo, como Jorge o é.

Hoje, Afrânio Rodrigues é locutor e animador da Nacional e rádio-ator da Mayrink Veiga. Interpreta o "Aristoteles Socrates", o menino inteligente do programa de Haroldo Barbosa, "A cidade se diverte", e contracena com Renata Fronzi e Brandão Filho no "show" transmitido do Cine Odeon, "De ponta a ponta, o melhor", às terças-feiras, às 12,30 horas.

Na PRE-8, Afrânio é o animador do "Edifício Balança, Mas Não Cai", "Rádio-Semana", "Carnaval Brahma Chopp" e de "A felicidade bate à sua porta".

O CANTOR

No Carnaval próximo passado, Afrânio, devido à sua popularidade, foi convidado a gravar um disco numa das melhores fábricas do país. Quis relutar, a princípio, mas seus amigos e, principalmente, os compositores, achavam que não havia mal nenhum na gravação. Não tinha voz? Não cantaria no mesmo tom? Ora, todo o mundo sabe disso, mas todo o mundo há de ver que, no Carnaval, se permite até que Afrânio e Cesar de Alencar gravem.

E êle gravou o samba de Dante Santoro e Ari Picaluga, "Oh! Deus", e a marcha de Felisberto Martins e J. Piedade, "Cada um dá o que tem". As composições foram muito "trabalhadas", aparecendo alguma coisinha.

— Quanto ganhou, de direitos de interpretação?

— Uns três mil e poucos cruzeiros.

O repórter, depois, pegou o lapis e fêz umas contas: 3.200,00 cruzeiros divididos por 80 centavos, dão quatro mil discos vendidos. Até que foi bom.

Para o Carnaval de 1954, Afrânio tornou a gravar para a mesma fábrica, agora, o

(Conclui na página 57)



Uma lembrança do "Balança", com todos os seus intérpretes, na época. (Foto Emerico).

AVA GARDNER, UM PRAZER PARA OS OLHOS

SORTE E BELEZA SEMPRE AJUDAM — O ASSUNTO PREFERIDO DA IMPRENSA CINEMATOGRÁFICA

•

Por CARLOS FERNANDO

QUANDO ouvem falar em Ava Gardner, seu fãs ficam logo alvoroçados, querendo saber, desde logo, o que há com a morena de olhos profundos e sonhadores...

Já houve tempo em que Ava foi o prato preferido das grandes agências telegráficas e informativas, dos repórteres indiscretos, dos «gossips» que pululam pelos estúdios cinematográficos.

O «disse-me-disse» de Hollywood, não faz muito tempo, envolveu a figura de Ava de maneira fora do comum. A «onda» mais forte, porém, registrou-se no início de sua carreira. Basta atentar para o fato de como seu nome surgiu nas manchetes, quando contraiu núpcias com Mickey Rooney.

Centenas de reportagens especiais e milhões de fotografias fizeram dela uma «descoberta». De tal forma se interessou o cinema por sua figura verdadeiramente atraente, que a chamou para si, com todos os seus predicados. E, assim, surgiu Ava Gardner no portal de uma carreira promissora, rumo à glória, pois a fama se encarregaria de elevá-la ao estrelato.

Estreando em 1941, em «Tu és a única», cuja principal personagem feminina era Norma Shearer, logo a seguir Ava apareceu em «Cumpra o Teu Dever», tendo Marsha Hunt e Robert Young nos papéis centrais. Seu progresso artístico foi assinalado por papéis cada vez melhores, como em «O Anjo Perdido», «Três Homens de Branco» e «Por Conta de Cupido».

A segunda fase de sua carreira compreende papéis de grande destaque, que lhe deram logicamente, ainda, maior projeção e, por conseguinte, lhe proporcionaram a conquista definitiva do estrelato. «Whistle Stop», com George Raft, marcou sua primeira aparição verdadeiramente, importante na sequência que viria a seguir: «Assassinos», «Singapore» e «Mercador de Ilusões».

Sim, Ava continua sendo uma boa bilheteria!

Por essa altura, Ava Gardner já contava com alguns milhões de fãs em todo o mundo. Os estúdios sentiram que ela se destacava dentre as suas melhores bilheterias. E trataram, então, de melhorar cada vez mais o nível dos seus trabalhos.

Havia um papel com o qual, desde há muito, sonhavam as mais belas «estrêlas» e que, entretanto, continuava arquivado, pela simples razão de os produtores não terem, até então, encontrado alguém com qualidades suficientes para interpretá-lo. Durante largo tempo, a Universal conservou trancada a moderna história de Venus, até que decidiu chamar Ava e entregar-lhe o «script» de «Venus, a Deusa da Beleza» (One Touch of Venus), aquela deliciosa comédia com Robert Walter, que teve por cenário o ambiente de um grande magazine.

Depois dessa consagradora «performance», Ava alcançava o pináculo da fama. E, nesse Olimpo de sucessos, seguiram-se outras não menos notáveis interpretações, como «O Barco das Ilusões», «O Grande Pecador», com Gregory Peck, e «Pandora», com James Mason. Dentre os astros famosos com os quais Ava já teve oportunidade de contracenar, Clark Gable tem sido o mais constante. Com Gable, apareceu em «Mercador de Ilusões» e «Estrela do Destino». Agora, a Metro os reuniu novamente em «Mogambo», inteiramente filmado na Africa, numa atmosfera cheia de aventuras e belezas panorâmicas



«Charme» e beleza são os principais fatores de seu sucesso

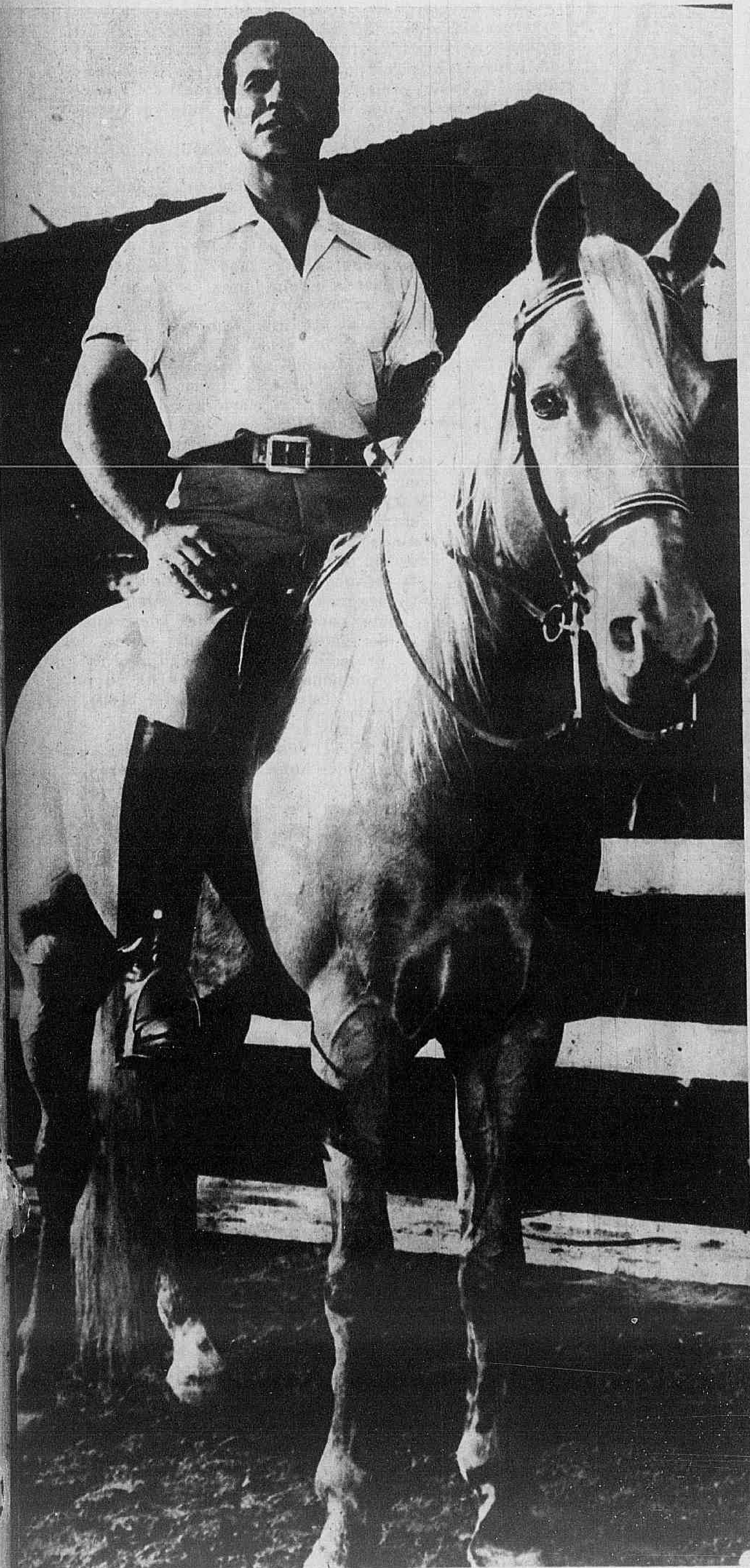


A Venus cinematográfica descansa longe das câmeras

"MEU AMOR BRASILEIRO"

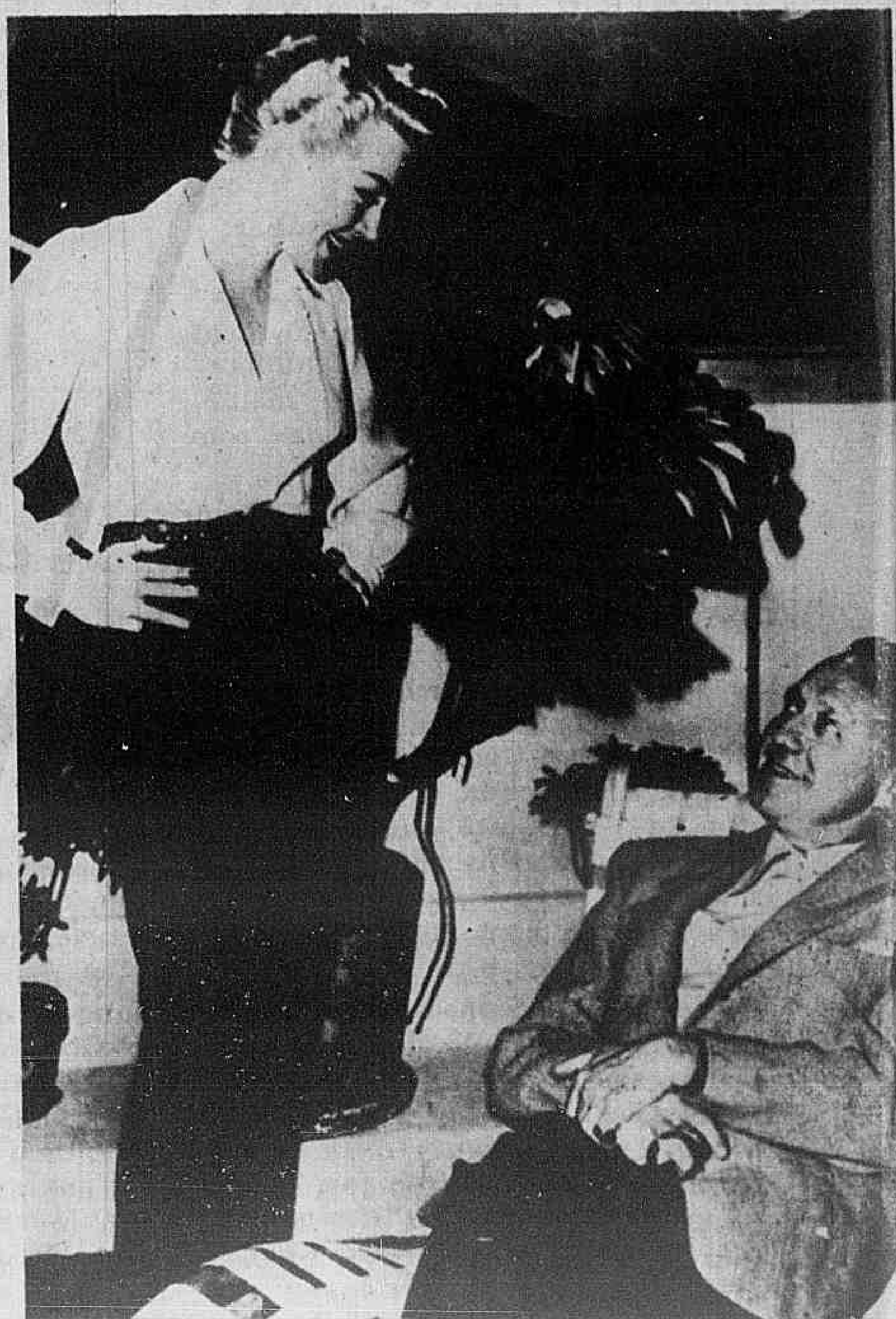
Bandeirinha brasileira na lapela é sinal de perigo... — Salva-se a boa intenção... — O filme de Lana Turner e Ricardo Montalban, que vimos na Broadway

De ADOLFO CRUZ,
Enviado de CARIOCA e Rádio Nacional aos Estados Unidos



● Ricardo Montalban monta com grande elegância. E' um «brasileiro» extremamente simpático

MADRUGADA a dentro, estavamos perambulando pela Broadway, feericamente iluminada. Relutavamos com o nosso cansaço. após um dia de intensa atividade junto às companhias cinematográficas, quando o cartaz de um cinema, ilustrado com a fotografia de Lana Turner e Ricardo Montalban, nos chamou a atenção. Estava anunciado: «Latin Lovers» (Amores Latinos). Lembramo-nos, então, de uma conversa que tiveramos com An-



● Jacky Benny visita Lana Turner, no «set» de filmagem



● O trio amoroso do celulóide vivido no Brasil: Lana Turner, John Lund, o «noivo» derrotado, e Ricardo Montalban

tonio Olinto, um crítico abalisado, sôbre sua visita a Hollywood.

Havia êle nos dito que dera umas aulas de dança, à louríssima Lana Turner, explicando-lhe como se baila o samba, «à moda carioca». Filmavam nessa época, 1952, o tal celulóide que agora estava pronto, à nossa frente, para ser visto e comentado.

Entramos. Já passava das duas da manhã. A sala de espetáculos, assim mesmo, estava regularmente frequentada.

Com emoção, fomos acompanhando as cenas que faziam alusão ao Brasil, da película que aqui será lançada, no próximo ano pela Metro com o título em português, de «Meu amor brasileiro». Tôda a emotividade que nos tomava de assalto, não pensem os leitores que era devido a grande qualidade da fita, mas, porque, longe da pátria, o que falava do nosso torrão, logicamente era motivo de prazer e de saudade. A história de «Meu amor brasileiro», vivida pela famosa «star», que, quando esteve no Rio, há anos passados, chorou de nervosa, ao ser por nós solicitada a dizer algumas palavras ao microfone, é sôbre uma jovem americana que, a negócios, vem com seu noivo à América do Sul e conhece, numa fazenda de Santos, um rapaz brasileiro, pelo qual, como num passe de mágica, se apaixonou violentamente.

O noivo é John Lund: o «mocinho» conquistador, Ricardo Montalban, um mexicano pessoalmente ainda mais simpático do que na tela, e ela, o «pivot» de todo o romance, o ponto máximo da trilogia amorosa, aquela que é rainha da fotogenia: Lana Turner.

Ouvem-se algumas melodias brasileiras, há cenários

(Conclui na página 60)



● Lana Turner é a principal figura feminina de «Meu amor brasileiro»



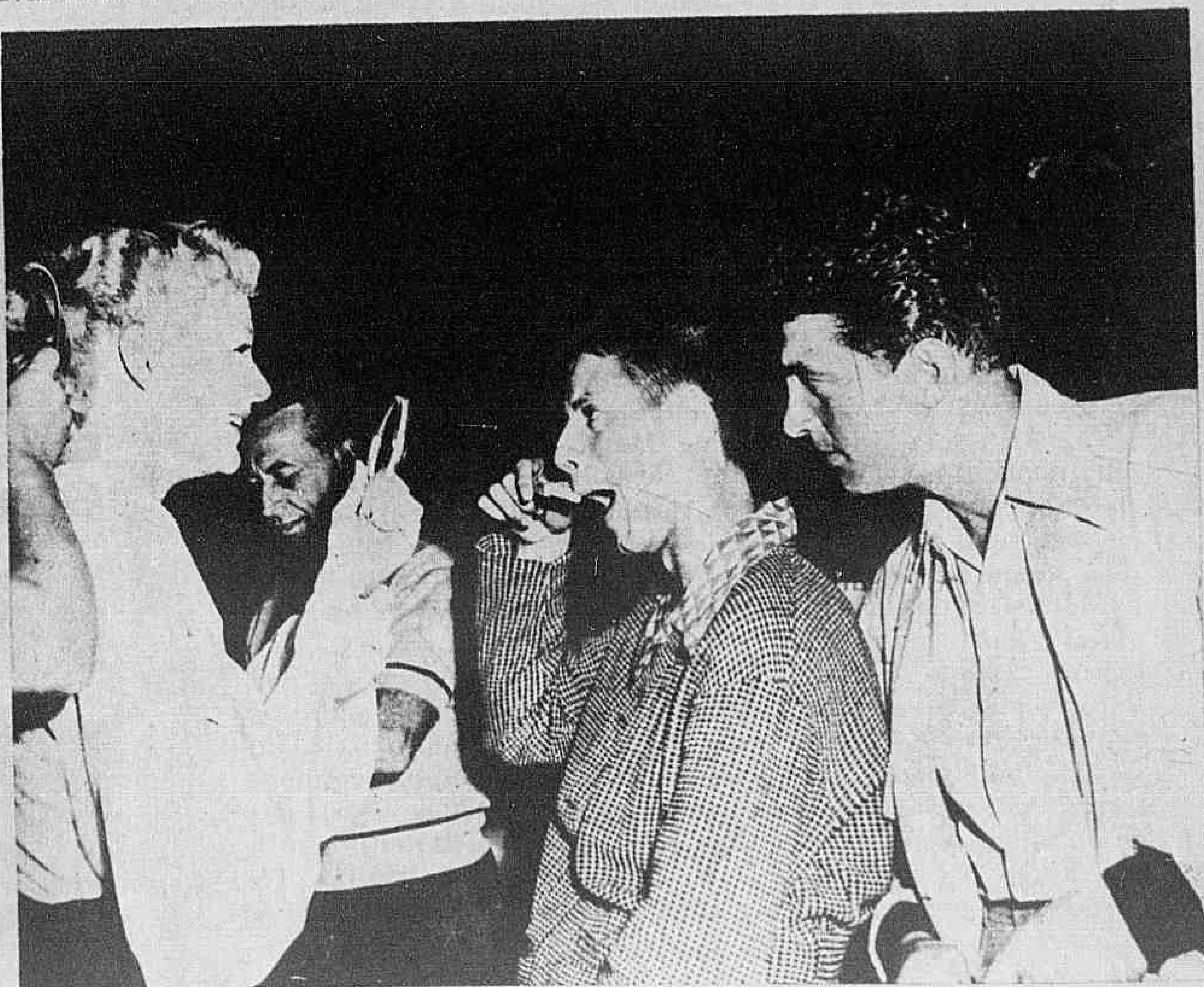
Golfe em família: Gene Nelson, sua espôsa, Miriam, e o filhinho do casal, Christop her. O garôto está prometendo...

NOVIDADES, BOATOS E MEXERICOS DE HOLLYWOOD

Por MARIA GERTRUDES



Abott, Costello e Mitzi Green andaram pelo Alaska, em divertidas aventuras... cinematográficas. Aí está o trio.



Enquanto Betty Hutton se prepara para filmagem, o cômico Jerry Lewis imita-a na maquilagem. Dean Martin observa.

Hollywood parece ter sido, subitamente, atacado da febre de filmar "Trilby"! Nada menos do que três importantes produtores anunciaram a sua intenção de iniciar brevemente a rodagem da conhecida obra de Du Maurier. George Minter já contratou Robert Newton para o papel de Svengali e pretende começar a filmagem no princípio de janeiro, nos seus estúdios de Londres. A Warner Brothers, por sua vez, declarou que a sua versão de "Trilby" terá nos principais papéis Kathryn Grayson e James Mason e, ainda, Darryl Zanuck prepara-se para, também, apresentar ao público a obra de Du Maurier.

— 0 —

A coitada de Barbara Stanwyck pagou caro o realismo que o diretor de "Executive Suite" exige dos seus atores. Na primeira cena Barbara tem um ataque de nervos e, para contê-la, Bill Holden a sacode. Durante a "sacodidela" a atriz é atirada de encontro a uma mesa; a cena teve que ser repetida seis vêzes antes do diretor se pronunciar satisfeito com o resultado. No fim do dia, Barbara estava com as coxas roxas de tanto "encontrão"!

— Eu merecia uma medalha, não acham?!, por ter sido ferida no cumprimento do dever — foi o único comentário que a "conformada" estrêla fêz.

— 0 —

Lana Turner mudou de costureiro. Esta informação é para as caras leitoras que se interessam pelas fascinantes coisas da moda. O novo criador das toiletes da elegante Lana é Norman Hartnell, que tem a honra de ser, entre outras coisas, o costureiro favorito da rainha Elizabeth. O artista determinou, logo de início, que as saias de Turner fiquem a 15 polegadas do chão; as de Sua Majestade, naturalmente mais conservadora, ficam a 12 polegadas.

— 0 —

Sylvia Ashley Gable e seu ex-marido parecem ter conservado pelo menos um gôsto em comum: a preferência pelos amores "estrangeiros". Enquanto de Paris nos chega a notícia dos amores de Clark com uma jovem e lindo modêlo francês, em Hollywood a ex-Sra. Gable é vista no "Luau", em companhia de um simpático jovem, cuja identidade ela se recusou a desvendar mas cujo carro ostentava uma placa do consulado italiano.

— 0 —

Tudo indica que o motivo alegado por June Allyson, ao se recusar a renovar o seu contrato com a Metro-Goldwyn-Mayer, de que precisava descansar e desejar fazer apenas um filme por ano, não foi o verdadeiro... June voltou, agora, aos estúdios de Leo, desta vez como "livre-atiradora", e está trabalhando em "Executive Suite", que é o seu terceiro filme em seis meses e tem ainda mais três marcados para os próximos seis meses! E, não é tudo: ela comprometeu-se a tomar parte na "tournée" que a companhia que filmou "The Glenn Miller

(Conclui na página 58)



Por haver adotado quatro crianças de um orfanato, Joan Crawford foi alvo de merecida homenagem de suas amigas.



Aguardando o momento da filmagem, Jeff Chandler e Faith Domergue examinam um legítimo cocar de índio sioux.



DA NOITE PARA O DIA

AO ENTRAR O ANO NOVO

Escreve MARLY SOREL
Especial para CARIOCA

ESTOU escrevendo na transição dos dois anos. Escrevo em fins de 1953 para que estas linhas apareçam em princípios de 1954. Êste ano correu muito rápido. Sinal evidente de que tudo foi bem. Porque quando as coisas vão mal é que o tempo custa a passar. De fato, em 1953, a minha "estrêla", graças a Deus, não me falhou. Logo no princípio do ano fui eleita "Princesa do Rádio". Alguns meses depois recebia os sufrágios que me fizeram "Rainha do Cinema Brasileiro". Por último, realizei a minha estréia como cantora e aqui estou na Rádio Nacional, interpretando a música popular brasileira. Como se vê, 1953 foi um ano em que tudo me sorriu e ainda bem!

*

Ao entrar de 1954 apresento aos meus fãs os melhores votos de felicidades que a todos desejo. Sou muito grata aos que me têm escrito felicitando-me e a outros que me enviaram gentilmente os seus cumprimentos de boas festas. A minha vontade seria agradecer pessoalmente a um por um, o que infelizmente não é possível. Quero, porém, significar a quantos se interessam pela minha carreira e acompanham com simpatia aquilo que eu faço, que essa atenção dispensada à minha pessoa constitui um estímulo valioso para mim. Ao simpático público dos auditórios, que tanto anima aos artistas com o calor comunicativo de seu entusiasmo, como aos ouvintes de casa que prestigiam os programas com a sua atenção, envio daqui, desta minha coluna, o meu sincero reconhecimento.

*

Ano novo, ilusões novas. Ano novo, trabalhos novos. Com efeito, tôda vez que um ano começa, nós temos todos a impressão de que uma vida nova também começa... Às vêzes, as coisas continuam no mesmo e até pioram. Mas êsses não são os pensamentos para começo de ano. Devemos entrar sempre nos primeiros dias de janeiro com muita fé, confiança, otimismo e esperanças. Porque é assim que se vence. E' assim que as dificuldades e os aborrecimentos vão ficando para trás. Pensemos assim nos dias bons, nos dias felizes, nas horas alegres que nos esperam.

*

Ao terminar desejo dizer aos meus fãs, que o meu repertório está aumentando. Estou com músicas muito interessantes e participarei da "batalha do Carnaval" com um samba e uma marcha, que acredito farão sucesso.

E agora até à próxima semana.

LAUREADOS

Os outros laureados do "Estado de São Paulo" foram Franco Zampari, pelo filme "Tico-Tico no Fubá"; Alberto Cavalcanti, pela direção de "Simão, o Caolho"; Galeão Coutinho (já falecido), Miroel Silveira e Oswaldo Moles, como argumentistas de "Simão, o Caolho"; e J. B. Tanko, pelo roteiro de "Areias Ardentes". Os "Sacis" menores foram conferidos a Alberto Ruschell (melhor ator), Ludy Veloso (melhor coadjuvante feminina), Cláudio Barsotti (melhor coadjuvante masculino), Edgard Brasil (melhor fotografo), Henrique Simonetti (melhor música), Aldo Calvo e Pierino Massenzi (melhor cenografia), Oswald Haffenrichter (melhor montagem) e Benedito Duarte (melhor documentário).

FADA SANTORO PREMIADA COM O "SACI"



Pela sua atuação em "Areias Ardentes", Fada Santoro acaba de conquistar em São Paulo o prêmio correspondente à "melhor intérprete cinematográfica de 1952". O "Saci", que vem de ser deferido àquela brilhante "estrêla" do cinema brasileiro, é representado por uma estatueta em bronze, esculpida por Brecheret, iniciativa tomada em 1951 pelo "Estado de São Paulo". Nesta capital a notícia foi acolhida com a maior simpatia e como uma justa compensação ao trabalho e ao valor de um dos elementos que mais têm feito pelo cinema em nosso país.

UMA HISTORIA EM CAPITULOS

O QUE FOI O 2º. CONGRESSO NACIONAL DE CINEMA BRASILEIRO --

Texto de FERNANDO SALGADO
Especial para CARIOCA



Araçari de Oliveira declarou no Congresso: "O cinema brasileiro é o meu marido: Lima Barreto"



Tonia Carrero pleiteou no Congresso o aumento de preço das entradas de cinema. Ela falou naturalmente em nome de Franco Zampari, diretor da Vera Cruz, que se vê na foto acima

— MUITOS hão-de dizer, especialmente os super-patriotas que defendem o "petróleo é nosso" e combatem qualquer aproximação com potências democráticas, que os resultados do Congresso que se realizou de 12 a 20 dêste em São Paulo foram excelentes.

Não pensamos da mesma maneira. Participamos de tôdas as reuniões preparatórias da Delegação Carioca e de de quase tôdas as plenárias do Congresso.

Aqui como lá — a coisa teve mau aspecto. Sempre que as suas opiniões eram contrariadas formulavam a clássica obstrução. E tantas fizeram que a "bomba" quase estourou. Gritaria. Xingação. Palavrões. A turma do "deixa-disso". Os prevenidos. Viaturas da R.P. Cochichos. Traição. Acôrdo. Plenário abandonado.

Tudo isso por que?

Chocaram-se as duas grandes fôrças. Em São Paulo a coisa não foi tão fácil para os líderes "super-patriotas". De início aos neutros foi dado observar duas fôrças poderosas em litígio, bem divididas, aliás, pelo centro ordinário, das platéias.

Da esquerda estavam os esquerdistas. — Na direita os grandes interessados na gaita — Vera Cruz e Multifilmes. No centro, coitados, bem esprimidos, os independentes, em número pequeno.

A luta foi sensacional! — As surpresas foram imensas...

— As duas primeiras sessões foram "Lima Barreteanas" e os "agradinhos" eram feitos ao "Cangaceiro" para conquistar a simpatia da Vera Cruz e o prestígio do "super-cabotino" homem do Eu. A tática falhou. E falhou para bem de muitos já que os maiores defensores o eram de interesses de poucos. E fracassou ante a astuciosa atividade de um homem. Um cidadão de qualidades excepcionais no modo de defender e combater. Agir como o são os pequenos e franzinos. Dono de uma verbosidade digna de um parlamentar, êsse representante da Vera Cruz — ardilosamente contornou as piores situações, e, cambaleante e exausto, sob efeito de analgésicos, nunca deixou de ser dos primeiros a chegar e dos últimos a sair. Nunca deixou de combater viril e vibrantemente tôdas as magnas questões de interesses ligados à indústria cinematográfica. Muito deve a Vera Cruz a êsse seu representante — Cavalheiro Lima. Muito lhe deve o cinema nacional.

Aos poucos a coisa foi tomando rumo conciliatório. O que se discutia não era fundamental às correntes. Chegou-se até ao auge dos beijos póste abraços amigos (sic) com olhares piscantes sôbre os ombros.

Quanta hipocrisia! — Pensavam, por certo, os divinos super-patriotas achar, lá, na paulicéia, os "corações" confiantes dos cariocas e como a êstes conquistar fácil e mais facilmente iludir. En-

(Conclui na página 56)



Lima Barreto, dirigindo-se aos convencionais, ao invés de dizer "Meus senhores", disse: "Burros, burros e burros!"

— TU, Stela?... Mas como foste capaz de fazê-lo depois de...?

Ergo-me diante do meu irmão numa atitude tão firme e serena que o deixo desconcertado. Durante as longas horas que estive aguardando-o na casa silenciosa, previ com tal acerto o que êle faria e diria ao saber do sucedido, que agora me sinto senhora da situação.

Eu, a eterna vencida, tenho agora um trunfo nas mãos. Que é tarde demais para obter alguma vitória na vida? Não o é para conquistar a paz. Uma paz melancólica, mas doce e digna, que embelezará meu passado e me dará ânimo para vencer os anos que me restam.

Por isso explico tudo a André com calma, olhar compreensivo e até com um sorriso de ternura...

"Sim, eu, a tia Stela, a solteirona insignificante, a submissa, a morta-viva... Sim, eu fui capaz de fazê-lo, e a mim própria me parece mentira. Como pude depois de tudo? Oh, André, é que por fim soube o que realmente aconteceu então.

Sim, irmão, agora estou a par de tudo.. Por tua vez, gostarias de saber a parte que te ocultamos... Deixa-me começar do princípio, pois o que aconteceu agora foi apenas uma consequência do que aconteceu antes...

Eu era jovem, muito jovem ainda,



COMPENSAÇÃO

Conto de Helvécia Hirt

quando me transformei nesta solteirona, nesta tia Stela, nesta espécie de governanta que sou de tua casa. A morte de meu pai me deivaxa orfã e sem recursos, a de tua espôsa te deixava necessitado de umas mãos femininas que cuidassem de tua casa e de tua filha.

Todos imaginavam sempre que eu devia ser-te muito agradecida, como realmente o era, apesar de retribuir tua caridade com dedicação absoluta, trabalho incessante e sacrifício total.

Assim se julgam as solteironas, as pobres mulheres sem pais, sem recursos e sem profissão, e que nenhum homem quis desposar.

Mas tu sabes perfeitamente que pretendentes não me faltaram, que eu podia ter feito um ótimo casamento. Era bonita, graciosa, de gênio muito bom. Se fiquei solteira, se recusei todos os bons partidos que me apareceram, foi porque amei unicamente um homem, Raul Bernard. Um noivo desleal que me esqueceu...

Papai estava então doente, muito doente, e tu te eregiste em chefe de família para exigires que o nosso romance se desfizesse ou se concretizasse oficialmente. Raul era oficial de marinha e prometeu-te que quando regressasse daquela viagem se estabeleceria em nossa cidade e casaria comigo.

Não regressou... E por fim soubemos que casara na Europa.

Minha vida não se tornou estéril de tôda, graças a Lícia, tua filha, essa criança a quem cheguei a considerar uma filha, a filha que eu poderia ter tido.

De cuidá-la como uma mãe, como uma aia, como uma escrava, acabei por anular-me como mulher. E enquanto a mim só me reconheciam deveres para com ela, tu te arrogavas todos os direitos.

Acreditei em ti quando alegaste que Lícia herdara a saúde delicada da mãe e necessitava de ar do campo, onde nos enterraste, neste pequeno povoado, entre quintas adormecidas, o mar e o céu...

Aqui cresceu ela e envelheci eu, enquanto tu apenas aparecias nos fins de semana, porque tua clientela de advogado te mantinha preso à Capital. De vez em quando uma ou outra pessoa me dizia que levavas uma vida mundana, cheia de diversões e de amores fáceis, e eu as fazia calar.

Lícia enchia nosso isolamento com sua presença vital, sua alegria sã, sua juventude transbordante. E eu a sentia cada vez mais minha filha, porque ia ficando muito parecida com a... a Stela daquelas floridas primaveras.

Se algum velho amigo o afirmava, tu meneavas a cabeça sustentando que ela era o retrato vivo da mãe, e eu me resignava. Era tão natural que quisesses ver em tua filha a imagem redivia da espôsa amada tão cedo arrebatada pela morte...

A mim, em troca, não me ficava sequer o consolo de ver reflorir o meu amor perdido, em nada... em ninguém...

Foram ainda os amigos, e que tu nos havia escolhido cuidadosamente, que pretenderam abrir-nos os olhos, a Lícia e a mim, dizendo-nos que eras um pai tirano e egoista, dêsses que afogam a juventude dos filhos numa verdadeira prisão.

Talvez houvesses pensado que ela iria tornar-se como eu uma solteirona, para que tivesses outra tia, a tia Lícia, quando morresse a tia Stela... Mas o amor chegou como caído do céu.

Estávamos, uma tarde, sentadas no jardim, quando um estranho que passava a cavalo nos perguntou qual era o caminho da praia. Eu fiquei muda, trêmula, perturbada, porque aquele jovem alto, louro e elegante era parecidíssimo com Raul. O próprio Raul, como se o tempo o houvesse respeitado. Mas, era um desconhecido, entretanto...

Foi Lícia quem respondeu, enrubecendo e como que deslumbrada. Vi como se olharam, do mesmo modo com que eu e Raul nos olhamos da primeira vez. E tive a certeza de que a história se repetiria.

Para evitar-lhe tudo o que sofri, juro-te que procurei separá-los por todos os meios. Usei de autoridade, argucia, pus quantos obstáculos pude... Mas desde que o mundo é mundo, sempre a mocidade soube burlar todos os obstáculos impostos ao amor. E êles se viam às escondidas, como em outros tempos eu e Raul.

Tomei informações sobre ele e obtive muito pouco. Que se chamava Alex Loin, era estrangeiro, recém-chegado ao país, e estava hospedado no incômodo hotel do povoado, sem dar-se com ninguém. Que teria vindo fazer nesse rincão perdido?...

Enquanto me debatia na confusão, no temor, na angústia, tu te cientificavas também do que acontecia e chegavas indignado, decidido às mais drásticas medidas. Ordenaste-me que desarrumasse a casa durante a semana, para que hoje pudesses levar-nos a outro esconderijo, onde encerraríamos Lícia e onde seu namorado nunca conseguiria encontrá-la.

(Conclui na página 58)



RUI - O REI DAS JOIAS

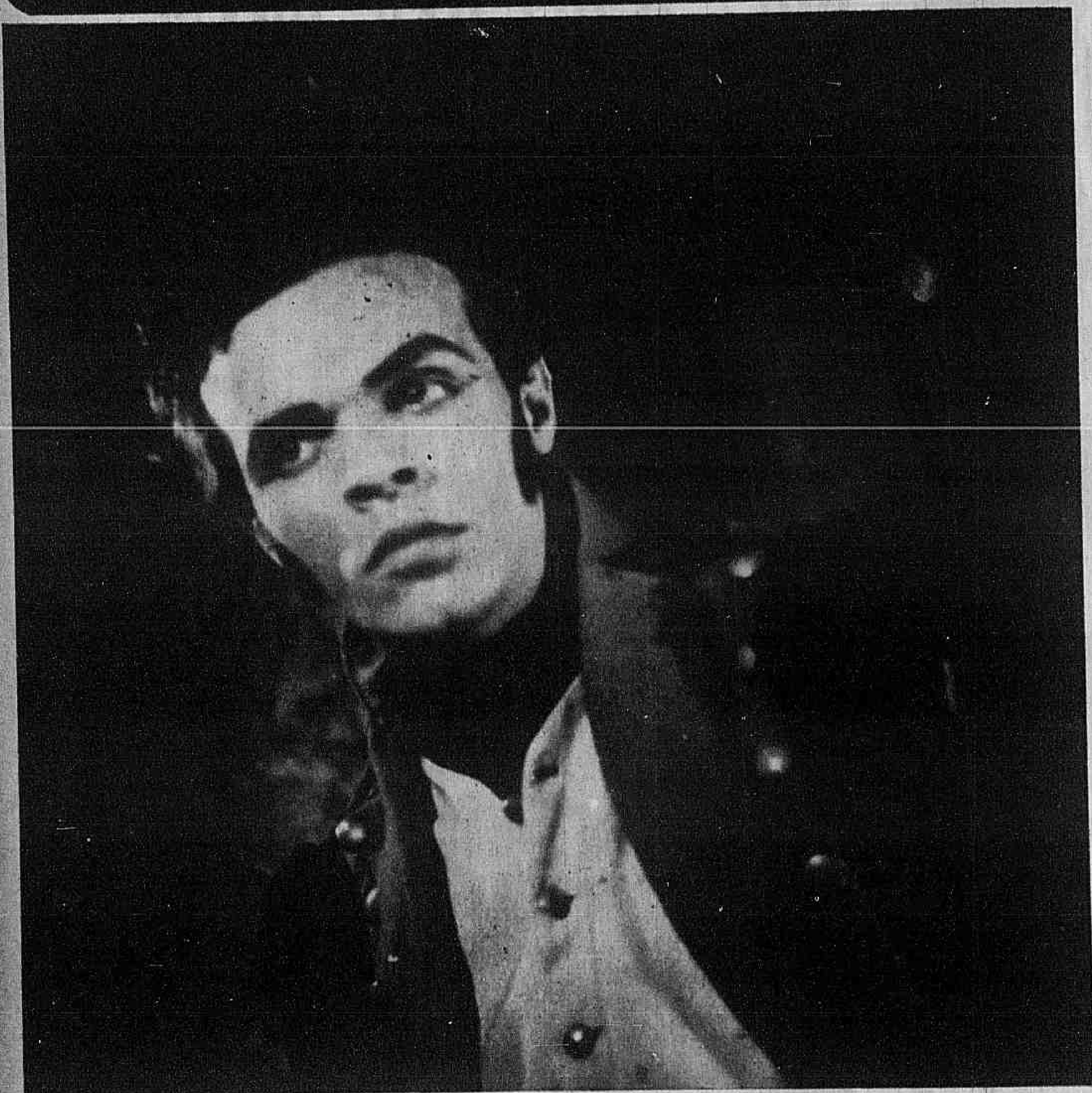
Cumprimenta seus amigos, clientes e a coletividade Israelita, desejando-lhes um Feliz Natal e um 1954 repleto de saúde e prosperidade.

Rua Barão de Petrópolis, 116 — 28-1970



RETROSPECTO...

LUCIO FIUZA



Milton Moraes, no personagem "Lefévre", da peça "Madame Sans Gêne"

OS elementos que compunham a Companhia Alda Garrido, há pouco chegados de Portugal, confessam-se felizes de se encontrarem novamente em solo pátrio. Todos, todavia, se mostram saudosos das atenções e da hospitalidade que receberam dos irmãos lusitanos.

Não é uma praxe, mas um sentimento espontâneo êsse que representa a fraternidade entre portugueses e brasileiros, e, de tal maneira êsse bem querer está arraigado no coração dos de cá e dos de lá, que nós nos sentimos como se estivéssemos no Brasil, quando em terras portuguesas, da mesma maneira que os portugueses se sentem como em solo pátrio, quando vivem no Brasil, ou o visitam.

Milton Moraes, o principal galã da Companhia Alda Garrido, responsável por diversos personagens em originais que a emprêsa apresentou no Teatro Avenida, não escapou à regra geral. Voltou encantado com tudo o que viu e estimando por todo o resto da vida um sem número de amigos, filhos do país irmão. E era muito natural que Milton Moraes ficasse enfeitiçado por tantas e tantas coisas do além-mar. Milton é um jovem simpático, muito comunicativo e competente artista. Entre nós já goza de um conceito que o eleva à categoria de "astro", por isso que em diversos papéis que tem vivido, nos mais variados originais, demonstra características positivas de um ator que se esforça para subir sempre, ajudado pelo talento e inspiração, que não lhe faltam nunca nos pontos altos e difíceis da arte de representar.

Durante os muitos meses que "Dona Xepa" esteve em cartaz, no Teatro Rival, Milton Morais foi sempre o mesmo artista, consciente, sem nunca fugir à linha do papel. Essa disciplina é um traço de ouro na carreira artística do galã. E, por isso mesmo, não poderia deixar de ser um dos elementos prestigiados pela Companhia Alda Garrido, para a excursão a Portugal.

E' dessa excursão que nos fala Milton Moraes. Tôda a viagem, desde que o "Anna C" deixou o pôrto do Rio de Janeiro, a vida foi um mar de rosas. Ótimos companheiros, tanto mais que estavam ao lado de Pedro Bloch e de Darcy Evangelista, que, praticamente, se prometeram descansar uns tempos das lides científicas e tomar posição nos principais acontecimentos surgidos a bordo, a fim de que todos, numa comunhão artística, fizessem um esplêndido percurso entre Brasil e Portugal.

Embora o fato seja um tanto pleonástico, nunca se representou tanto como nos salões do "Anna C". Verdadeiros festivais de poesias, anedotas, danças e música. Uma família em dia de festa.



Cerimônia do "batismo", a bordo do "Ana C", vendo-se o escritor Pedro Bloch, vestido de "Netuno", e Alda Garrido, pronta para levar um balde d'água na cabeça



Milton Moraes exibindo-se no "show" "Batuque no Rio", na "boite" "Nina"

Destacou-se sobremaneira a cerimônia do batizado, na linha do Equador.

Milton Morais relembra o fato, rindo muito, ainda. Conta que eram muitos os que compartilhavam da "brincadeira" de gente grande. Alda Garrido e inúmeras companheiras vestiam túnicas, e Pedro Bloch, com imensas barbas, era o velho Netuno. Foi verdadeiramente um grande, um inesquecível espetáculo. A nós, apresentou uma fotografia do conjunto.

A chegada a Lisboa foi rejubilante. Que felicidade, rever e abraçar tantos conterrâneos, há muito afastados daqui. "E' uma felicidade que nos traz lágrimas aos olhos" — confessa Milton.

Depois, a estréia. Noite verdadeiramente de gala. Retumbantes aplausos. Atenções de colegas, do público e da crítica. Vida nova, completamente diferente daquela que constitui a nossa rotina nos dias comuns de ensaios e espetáculos.

Desconhecidos que vão chegando e se fazendo amigos. E os intermináveis convites para visitas, passeios, almoços, "boites", festas e tantas outras distrações. Nem há tempo para tudo, porque, à noite, as responsabilidade prendem o artista, mesmo porque essa a função precípua de um excursionista. Há um bem estar em todos os ambientes, um carinho especial de todos os que se aproximam.

Norberto Lopes, do "Diário de Lisboa", disse: "Milton Moraes, que representou o papel de "Lefévre", em "Madame Sans Gêne", o fez com convicção"; Augusto Ricardo, do jornal "República", escreveu: "Gostamos francamente de Argentina Della Torre, de Milton Moraes, de Wanda Kosmo e de Vicente Marchelli". E quase todos os jornais, através de seus críticos e cronistas, publicaram palavras elogiosas à Companhia, destacando sempre o galã Milton Moraes.

Infelizmente a Companhia não teve "chance" para se demorar em Portugal os quatro meses programados. A época não era favorável ao teatro, e, talvez, o repertório, em tôda a sua maioria de peças traduzidas e já conhecidas daquele público, fôsse o motivo para um

(Conclui na página 60)



Amalia Rodrigues e Milton, no Teatro Avenida"



Milton Moraes apresenta a dupla "Paulo e Ivone". Eles estão com muita vontade de vir trabalhar nos nossos palcos

"CARIOCA EM S. PAULO"

Muito entusiasmo, bastante discussão e real proveito no 2.º Congresso Nacional do Cinema Brasileiro

Reportagem de BRAGA FILHO Fotos de UBALDO TERRA



O I Congresso Paulista do Cinema Brasileiro, realizado nos dias 15, 16 e 17 de abril de 1952, o I Congresso Nacional do Cinema Brasileiro, reunido no Distrito Federal de 22 a 28 de setembro do ano passado, a Semana do Cinema Brasileiro, levada a efeito em Belo Horizonte, em março de 53, tiveram o mérito de levantar algumas questões de real importância para todos os que militam no cinema de nossa terra. Cêrca de 300 profissionais se irmanaram na procura de soluções para os mais imediatos problemas da nossa indústria do celulóide. No entanto, novos problemas surgiram depois da realização daqueles memoráveis certames até desta data. A realização do II Congresso Nacional do Cinema Brasileiro se impôs como uma necessidade inadiável. O projeto de criação do Instituto Nacional de Cinema acha-se em tramitação no Parlamento. Muitas das resoluções do I Congresso estão incluidas

Andrade Figueira, secretário geral da Comissão do I Festival Internacional de Cinema, quando pronunciava o discurso inaugural do II Congresso, vendo-se a seu lado MARLY SOREL — «Rainha do Cinema Brasileiro» e Manoel Barcelos — presidente da Associação Brasileira de Rádio e que foi um dos mais eficientes trabalhadores para o bom êxito do certame

Helio Souto, Alberto Rushell e a «Rainha do Cinema», Marly Sorel, expressões reais do moderno cinema brasileiro, trocam impressões sôbre as teses defendidas no II Congresso, em favor da melhoria artístico-financeira do nosso celulóide





José Carlos Burle, Fernando de Barros e Pedro Gouveia Filho, abordam a tese de O. Duro — «Divisão das rendas dos filmes brasileiros de longa metragem»



Marisa Prado, Alberto Rushell, Marly Sorel, (rainha do cinema), Arnaldo Montel e Glauce Rocha — representantes da ala moça no II Congresso

no projeto apresentado ao Executivo. Lamentavelmente, porém, inúmeras outras não foram aproveitadas, em visível desrespeito às decisões da esmagadora maioria dos profissionais do cinema em nosso país. Estes mesmos profissionais levantaram então a bandeira de novo conclave, através das mesas redondas, do Rio e de São Paulo de êxito tanto maior quanto serviram para atingir o objetivo almejado — unidade de pensamento e ação entre os que militam nos

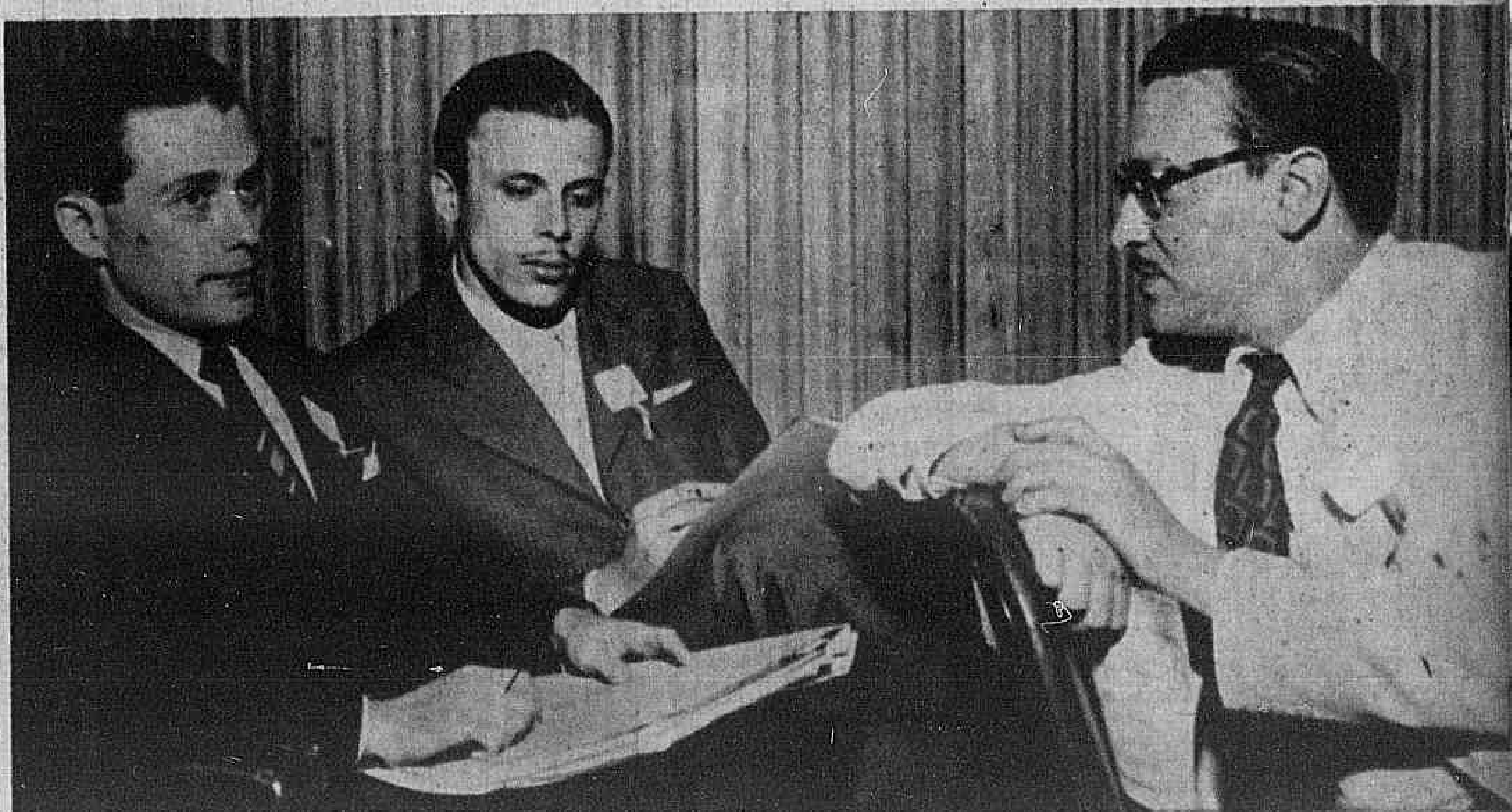
(Conclui na página 59)



Marisa Prado, Carlos Ortiz e Alberto Rushell na sessão plenária do Congresso



Paulo Rushell e Gilda Nery pregam nas paredes da capital bandeirante os cartazes de propaganda do importante conclave artístico-industrial



Cavalheiro Lima, da embaixada paulista, e Jece Valadão, da delegação carioca, em conversa com o cronista Braga Filho, idealizador da «Semana do Cinema Brasileiro» de Belo Horizonte

OS GRANDES



O grande animador Cesar de Alencar, a Arvore de Natal do seu programa, e o garoto que ganhou uma bicicleta no sorteio ali realizado



Heleninha Costa e Francisco Carlos

Nenhum mais conhecido, nem mais popular que o programa Cesar de Alencar. Por ali têm passado, desde à sua criação, as grandes figuras do rádio brasileiro, como Linda Batista, Dalva de Oliveira, Marlene, Dircinha Batista, Heleninha Costa, Emilinha Borba, Mary Gonçalves, Olivinha Carvalho, Neusa Maria, Carmelia Alves, Marion, Lurdinha Bittencourt, Nora Ney, Angela Maria, Nelson Gonçalves, Orlando Silva, Francisco Alves, Jorge Goulart, Francisco Carlos, Jorge Veiga e tantos outros. Por ali têm passado igualmente todos os grandes cartazes internacionais vindos ao Brasil.

Trabalhando incessantemente, Cesar de Alencar, que é o dinamismo em pessoa, conseguiu fazer um dos maiores programas radiofônicos que se conhecem, cheio de novidades e de originalidades, programa que hoje, em nosso país, é ouvido em todo o território nacional.

Ainda recentemente, festejando-se o aniversário de Cesar e de seu programa, vieram ao Rio, especialmente para cumprimentá-lo, delegações dos 21 Estados da Federação e do Distrito Federal. Foi uma das maiores e mais honrosas homenagens já prestadas, entre nós, a uma figura do rádio.

Agora aproxima-se o Carnaval. Todos os anos, o programa de Cesar dá a grande «nota» na batalha musical que precede aos folguedos carnavalescos. Cesar de Alencar já está pronto para a luta. Desta semana em diante o seu programa irá num crescendo constante até o ponto culminante que é o famoso programa de sábado de Carnaval realizado sempre num teatro com a assistência de centenas de pessoas. A capacidade realizadora de Cesar de Alencar é um dos casos mais sérios do rádio brasileiro.

Estreando na Rádio Nacional, a Rainha do Cinema não podia deixar de aparecer no programa Cesar de Alencar. Ela cantou ali e foi muito aplaudida pelo auditório



PROGRAMAS DE CESAR DE ALENCAR



Estrêlas do programa Cesar de Alencar: da direita para a esquerda, Heleninha Costa, Emilinha Borba, Rainha do Rádio, Neusa Maria e Marly Sorel, Rainha do Cinema. As duas rainhas do Rádio e do Cinema estão hoje no «cast» da Nacional e no programa de Cesar



Duas figuras queridas e simpáticas da Nacional: Neusa Maria e Ismael Neto



No programa Cesar de Alencar, Nora Ney canta e o Garoto acompanha



DISCOTECA



O DISCO E SEUS PROBLEMAS (I)

NÃO podem calcular os leitores as dificuldades de natureza técnica, ou industrial, que se verificam numa fábrica, até que o disco seja pôsto à venda. Tudo começa, através das exigências de importação da indispensável matéria prima, dada a inexistência do bom material entre nós. Não é que seja tão dispendioso, no exterior, mas são os impostos e outros múltiplos problemas os responsáveis pelo encarecimento do disco nacional. E, por tais circunstâncias, para as gravadoras seria muito mais interessante e cômodo prensar ùnicamente as "matrizes" vindas de diferentes centros artísticos da Europa e das Américas, preferentemente ao fabrico aqui. Assim nos expressamos, por constatarmos, pessoalmente, o pequeno ônus que advém da simples e habitual transação na compra da *matriz* estrangeira, a preço ínfimo, com amplos resultados comerciais após o lançamento da mercadoria, apenas rotulada no Brasil, utilizando-se ardosia nacional na sua fabricação. Isso, necessitamos esclarecer, no caso do disco comum, de 10 e 12 polegadas, em 78 rpm. Quanto à fabricação do *long-playing*, então tudo muda de figura. Preço do disco, seja nacional ou estrangeiro, obstáculos terríveis para a compra do vinilite americano puro, da goma laca, das enormes despesas com as capas brilhantes, em côres, nas emprêsas gráficas, etc. Basta dizer, a exemplo, que o industrial do disco brasileiro poderia adquirir, diretamente nos Estados Unidos da América, o quilo do vinilite, — digamos por oito cruzeiros (Cr$ 8,00), — êsse mesmo material que aqui se vende pelo espantoso preço de cento e cinquenta e cento e oitenta cruzeiros o quilo! Aliás, mesmo assim, o fabricante do *long-playing* só consegue êsse vinilite, depois de mil e uma peripécias, pagando no "câmbio negro", dando propinas, etc. Ora, além dêsses agravantes, existem outros problemas, quais sejam do custo da mão de obra, na fábrica, onde às vêzes o quadro de operários especializados tem de fazer dois turnos, a par da escassez de energia elétrica, ocasionando a paralisação das prensas, da *galvanoplastia;* sobretudo aqui, quando os vários banhos imprescindíveis ao preparo da "madre" definitiva, em metal de níquel, importa num espaço de tempo mínimo de 72 horas (setenta e duas horas) a fim de propiciar, em seguida, a prensagem do disco. Outras vêzes, por falta de energia, ocorre sùbitamente o resfriamento das prensas, com sérios prejuízos para a normalidade de produção. Essas, pois, são algumas das tremendas dificuldades enfrentadas, na Capital da República, por um grupo de industriais, como *Paulo Duprat Serrano, Nilo Sérgio, Vittório Lattari, Ovídio Grottera,* afora os estrangeiros já conhecidos, de importantes firmas. Além disso, em certas ocasiões, falta o vinilite puro, e a gravadora, a fim de atender à sua freguesia (que normalmente ignora tais problemas) substitui o vinilite por sobras de discos, como pelo *polistireno* (processo técnico por "injeção") —: discos infantis de sete polegadas (7") recentemente distribuídos à praça, em 33 1/3 rpm e também em 78 rpm. Os desenhos para as capas dos LP, as experiências gráficas posteriores, as idéias para redigir boa apresentação nos dizeres da contra-capa, tudo resulta em preocupação constante visando a satisfação do ouvinte que vai adquirir o disco. Ultimamente, com a inesperada revolução cambial, obtiveram as fábricas a concordância do govêrno no sentido de atendê-las em justa e indispensável pretensão. Se algumas gravadoras possuem grande estoque de material, para LP, outras, financeiramente inferiores, notadamente as cem por cento nacionais, lutam com o fantasma da importação a preços astronômicos. Oportunamente, voltaremos ao assunto.



Paulo Serrano

CLARIBALDE PASSOS

DISC JOCKEY "CARIOCA"



Edith Falcão

* Analisamos, aqui, o disco "Odeon" (sêlo preto) n.º 13.592 vocal com acompanhamento de orquestra e côro. Na face A, temos "A Doce Canção de Natal", de Sivan (2.º lugar no Concurso de Melodias de Natal, da Rádio Globo) na interpretação de **João Dias, Altair Gonçalves e Edith Falcão.** Musicalmente, aceitável, achamos constituir uma incoerência o ritmo utilizado na sua execução, contrastando com o gênero enunciado na etiqueta... O tempo, no caso, é de valsa. A letra é despretensiosa e interessante. Bom, o comportamentoo vocal de todos os intérpretes, especialmente, da jovem cantora Edith Falcão. Face B: — "O Velhinho" (valsa) de Octavio Filho, interpretada, pela dupla João Dias - Edith Falcão. Aqui, ambos aparecem mais à vontade, agradando no duêto, ou isoladamente, nos sólos da melodia. Artìsticamente, ou comercialmente, essa página é inegàvelmente superior à obra da face A. No plano técnico, apesar de algum chiado, e certas nuances que empanam o brilho da límpida emissão do som, essas duas gravações nos satisfizeram. Embora alegres, bem ao gôsto do discófilo, ambas as composições não possuem, absolutamente, o necessário e lógico espírito místico do Natal. Cotação: Bom. — C. P.

CRÍTICAS DA SEMANA

* "Capitol" (sêlo branco) vocal, prensagem de matriz estrangeira importada, n.º 1-40184 fabricação em ardósia nacional, pela "Sinter S/A", gravações em 78 RPM. Face A: — "Vaya Con Dios" (May God Be With You) de Russell - James - Pepper. Temos aqui, artisticamente, u'a mostra notável do apuro vocal de **Mary Ford**, espôsa do famoso guitarrista, compositor, arranjador e engenheiro-técnico de som, o americano **Les Paul**, criador do sistema de gravações em "sonomontagem" (processo de gravações superpostas). Uma bela



Les Paul e Mary Ford

e dolente melodia, vestida por uma letra simples e atraente, muito valorizam essa página. Atualmente, é sucesso absoluto nos mais diversos países da América, inclusive também na África e Europa. Suas possibilidades comerciais, a nosso entender, são inferiores às da composição da face B "Johnny", (Is The Boy For Me) de Spellman - Roberts - Paul. Neste lado do disco, o malabarismo técnico do guitarrista assume proporções maravilhosas e mui expressivas, com incisiva e limpa sonoridade do tema melódico, nas suas múltiplas variações. Tecnicamente, observa-se algum chiado, defeito da massa empregada, porém, sem comprometer a gravação. — Cotação: Muito Bom.

* "Sinter" (sêlo branco) n.º 00-00.273 vocal, assinalando o reaparecimento da cantora **Zezé Gonzaga**, tendo a cooperação em cada face, respectivamente, do côro de Severino Filho e das "Moreninhas", excelente trio, além da orquestra de **Lyrio Panicalli**. Não compreendemos, francamente, o permanente desleixo dessa fábrica no tocante à qualidade do material empregado. Quando se trata de disco de 78, prensado de **matriz** estrangeira importada, conforme acontece com os lançamentos "Capitol", o chiado é menor e suportável, não prejudicando o plano artístico ou a boa sonoridade. Todavia, aqui, nestas duas gravações, sendo empregada a mesma massa, idêntica **ardósia** e goma laca, a sonoridade é péssima e o chiado horrível, em absoluto detrimento da cantora e da orquestra!... Qual a razão de tal mistério? Será interêsse comercial, ou apenas incompetência da técnica de gravação, ou ainda péssimo material e defeituosa maquinaria?!... Na face A, canta Zezé Gonzaga "Velha Canção" (Hush-A-Bye) fox de Selin e Fain, com letra brasileira de Climaco César. E, no reverso, "Folhas Mortas" (Les Feuilles Mortes) em ritmo de beguine, página de Kosma e Prevert, noutra versão do mesmo autor. Em ambas as gravações, a intérprete está visivelmente prejudicada, em virtude da má qualidade da massa e da técnica de aparelhagem utilizada. Cotação: Sofrível. Valor comercial: sem possibilidades. — C. P.



Orlando e Léo Peracchi

COMENTANDO LONG-PLAYING

* "Orlando Silva canta músicas de Ary Barroso" é o novo lançamento da etiqueta "Musidisc", em 33 1/3 RPM (sêlo branco-prateado) Dezembro de 1953. O album traz, na capa, a foto em côres do aludido intérprete, e, no verso, essa do clichê que estampamos no ensejo dêste comentário. Cedido pela "Copacabana", a fim de realizar essas oito gravações, e estreando assim o seu primeiro LP, Orlando obteve uma invejável oportunidade. Dizemos oportunidade, porque, ainda vivendo da antiga fama e popularidade de outros tempos, o "Cantor das Multidões" não é artisticamente o mesmo! Recorre, continuamente, aos mais estranhos artifícios de vocalização em detrimento da natural e agradável emissão do seu próprio material. Mesmo assim, fazemos justiça, afirmando ser êste seu LP positivamente superior àquele outro, também com músicas de Ary, gravado pelo "seresteiro" **Silvio Caldas**, noutra fábrica. Na face A, temos: "Terra Sêca" — "Trapo de Gente" — "Por causa desta cabôca" — "Tu". Tôdas estas páginas, com letra e música do aludido compositor, exceto a penúltima, cujo texto é de Luiz Peixoto. Temos várias restrições, de ordem artística, a apresentar. Sobretudo, no samba Tu", no qual avulta a defeituosa dicção de Orlando, motivada pelos artifícios anteriormente citados. "Por causa desta cabôca", representa, no entanto sua melhor atuação vocal. O conjunto instrumental que o acompanha é digna de aplausos, o mesmo acontecendo quanto ao notável trabalho artístico de **Léo Peracchi**, responsável pelos belos arranjos das quatro músicas desta face. No reverso do disco, aparecem: "Risque" — Inquietação" — "Caco Velho" — "Faceira". A nosso ver, aqui foram reunidas as mais expressivas e bonitas páginas do gênero, dêsse consagrado autor. De idêntica forma, constatamos o relêvo interpretativo dispensado por Orlando às letras e melodias, surgindo em notáveis "performances". Especialmente, em "Risque", amparado, maravilhosamente, pelos efeitos corais em câmara de éco, assim como em "Inquietação", e "Faceira" que constitui a faixa de maior expressão artística do disco. Tecnicamente, talvez pela ausência de qualidade satisfatória do material, com a necessária percentagem de puro vinilite, verificamos certo chiado e defeitos de límpida emissão sonora. Cotação: Bom. — C. P.

FELICITAÇÕES RECEBIDAS

* Recebemos e agradecemos votos de Natal e Ano Novo, dos seguintes artistas, amigos, leitores e entidades de todo o país:

— Sociedade Brasileira de Autores, Compositores e Editores de Música (SBACEM) —Dr. Augusto de Freitas Lopes Gonçalves (pela "Associação Brasileira de Críticos Teatrais) — Sr. Ernesto de Mattos Filho (pela fábrica "RCA Victor Rádio S. A.") — Soprano Nadir de Mello Couto — Carmélia Alves — Jimmy Lester — Michel Daud — Pitúca (pelo "Teatro Follies") — Srtas. Déa Ahouagi — Wilma Pereira Coutinho — Compositor Irany de Oliveira — (todos do Distrito Federal) — Sr. José Paiva (de Belo Horizonte - Estado de Minas).



Wilson Roberto.

VARIAS NOVIDADES

* O intérprete paulista **Wilson Roberto**, artista exclusivo da "RCA Victor", esteve na Capital da República realizando vitoriosa temporada ao microfone da PRG-3. Pertence ao "cast" da Tupi bandeirante. Para o próximo tríduo de Momo de 1954, levou à cêra os sambas "Vida de Cachorro", "Vai com Deus".

* "Canções de Portugal", coletanea de belissimas páginas lusas, será o album em **long-playing** com o qual a cantora **Rosária Meireles** estreará, isoladamente do antigo trio "Irmãs Meireles", em etiqueta "Musidisc", talvez, ainda no curso dêste mês.

* O homogêneo e famoso "Trio Nagô" rescindiu, em Dezembro último, o seu contrato com a gravadora "Sinter". É inacreditável que uma fábrica pêrca, fàcilmente, ou por displicência, tão magnificos cantores!... Segundo apuramos, o trio ingressará, agora, na "Continental". Felicitações ao Braguinha.

* Dois outros conjuntos vocais, respectivamente, "Os Cariocas" e "Titulares do Ritmo", deixaram a RCA Victor.

* Cantora **Marion** assinou contrato na "Columbia" nacional. E Eladyr Porto, sua colega, na "Mocambo".

TUDO PARA CONFIRMAR O TITULO

Lilian (carioca), Selma (mineira) e Rosamaria (paulista) sorriem, demonstrando confiança.

É muito grande a responsabilidade das jovens estrêlas de nosso volibol no próximo Campeonato Sul-Americano, a ser realizado na segunda quinzena de janeiro, na capital do Uruguai. Isto porque defenderão elas, naquele certame, o título de campeãs sul-americanas, conquistado nesta capital sem conhecerem o amargor da derrota.

Reconhecendo a responsabilidade que lhe pesa sôbre os ombros, a entidade metropolitana iniciou, desde logo, o preparo de nossas estrêlas, dividindo os treinos em duas etapas. A primeira irá até princípios de janeiro, com tôdas as jovens selecionadas. De dois de janeiro até às vésperas do embarque para Montevidéu, somente treinarão as doze atletas já escolhidas para integrar o nosso "scratch".

O primeiro ensaio, sob a orientação do técnico Corrente, foi dos mais proveitosos,



Oito das desesseis estrêlas convocadas posando para CARIOCA



Antes do treino, as estrêlas ouvem a palavra do representante da C. B. D.

INTENSOS PREPARATIVOS DAS BRASILEIRAS PARA O SUL-AMERICANO DE VOLIBOL

Reportagem de
REGINA COELHO

Fotos de
DOMINGOS PEREIRA

deixando de comparecer apenas duas das convocadas, cuja ausência, aliás, foi justificada.

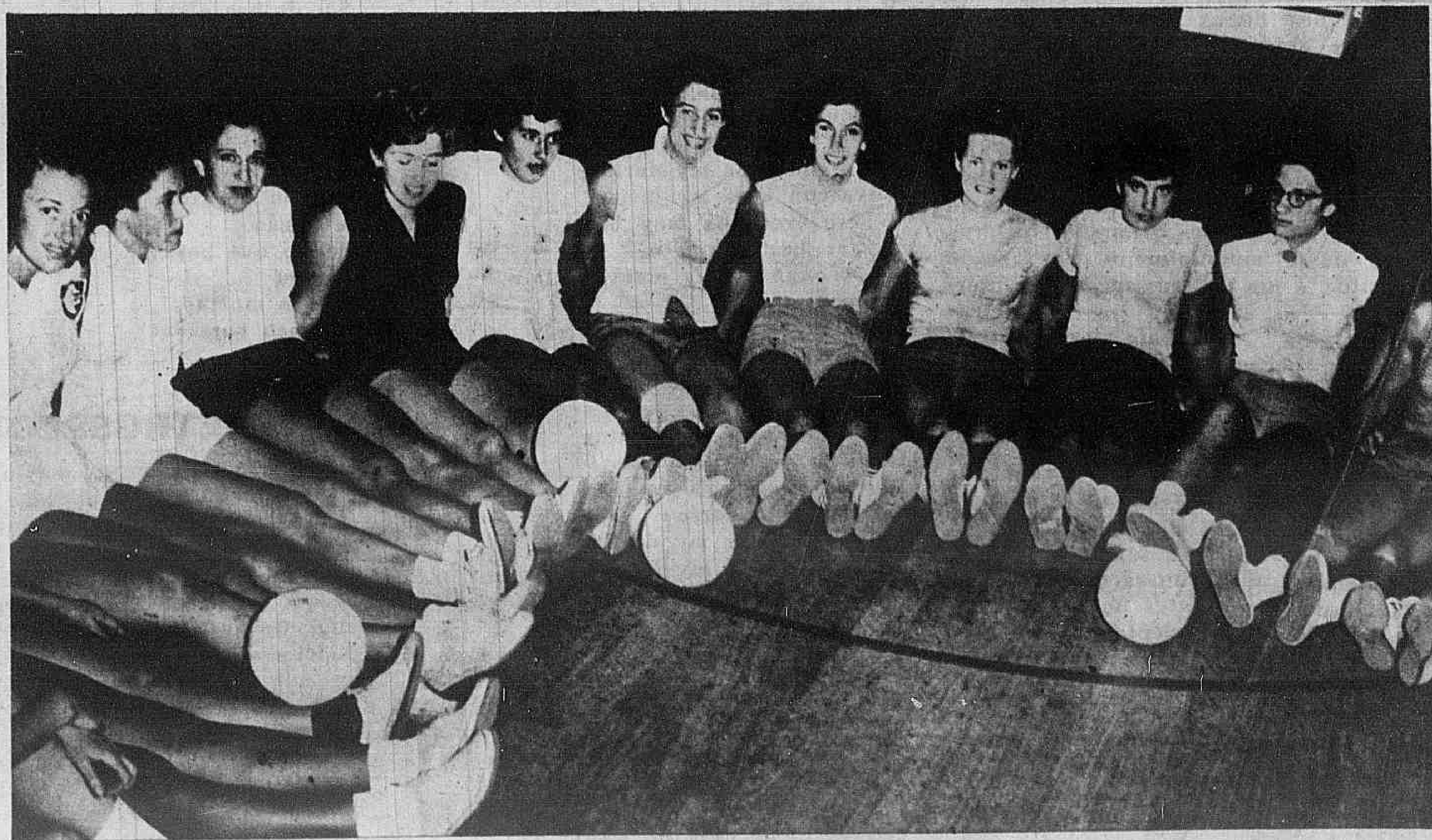
Nada menos de quatro Estados, Rio, São Paulo, Minas e Estado do Rio, forneceram elementos para a formação do selecionado, estando as desesseis jovens sendo submetidas a rigiroso treinamento. Leila, Marly, Helena e Marlena, pelo Distrito Federal; Coca, o Algodão do volibol e do basquetebol feminino, Joana e Rosamaria, por São Paulo; Selma e Margarida, por Minas, e Zombinha pelo Estado do Rio. São as estrêlas atualmente em trabalho preparatório do "scratch".

Diante dos cuidados postos em prática, não será de mais esperar-se que a representação do nosso volibol feminino confirme o título de campeã continental da empolgante esporte.



Margarida, Zombinha e Marina, três elementos destacados da seleção





Um descanso sugeriu a foto, que não foi perdida pelo operador

VARIEDADES MUSICAIS

Por DANIEL TAYLOR — N.° 234

NOTICIAS DIVERSAS

Jacques Klein, o jovem pianista brasileiro, acaba de vencer um dos concursos de piano mais importantes do mundo. Trata-se do Concurso Internacional de Genebra, Suíça, de que participaram numerosos candidatos de várias nações. Nesse famoso certame, já foram premiados prodígios como Friedrich Guldpa e outros, atualmente consagrados no domínio do teclado. Sem dúvida alguma, êste é um fato que veio encher de orgulho nosso país. —— Vem obtendo grande sucesso, em sua excursão artística pelo norte do país, o cantor Aristeu Queiroz. —— Dora Lopes, criadora de "Baralho da Vida", está atuando presentemente na "boite" "Comodoro", de São Paulo. —— Frank Sinatra, agora exclusivo da Capitol, gravou, com a Orquestra de Billy May, "South of the border", versão americana da antiga melodia "Na fronteira do México". —— A Capitol possui, atualmente, as quatro melhores orquestras populares: Ray Anthony, Stan Kenton, Duke Ellington e Billy May. —— "Faz uma semana", acoplado com "Pensando em você", por Ernani Filho, está classificado entre os cinco melhores discos nacionais de 1953. —— Grande Otelo, o consagrado artista nacional, gravará a "Marcha do tatu", para o Carnaval de 1954. —— Lucio Alves, exclusivo dos discos Sinter ("LP"), já iniciou as gravações das músicas que constarão do seu primeiro "Long-Play" para aquela etiqueta. —— Pela primeira vez foi gravado, no Brasil, um "Long-Play" de música erudita, de autor e intérprete nacional. Trata-se de composições de Heitor Villa Lobos, executadas ao piano por José Vieira Brandão, que, na opinião dêsse mundialmente consagrado compositor, é um de seus melhores intérpretes. —— Lançados os primeiros "Long-Playing" nacionais da Capitol. Entre êles, encontram-se: "Música para romance", com Paul Weston; "Fox-trots", com Ray Anthony; "Clássicos em moderno", com Frank DeVol; e "Solidão", com Jane Froman. —— Proprietários de gravadoras brasileiras estão perfeitamente de acôrdo em que somente as matrizes estrangeiras sejam importadas, efetuando-se a prensagem dos discos nas fábricas já existentes no país, e que já são em número suficiente para atender ao consumo de nossos mercados. Tal medida, não há dúvida, apenas virá favorecer a indústria fonográfica brasileira, salientando-se a propósito, que está dentro da atual orientação político-econômica do ministro da Fazenda, traçada com o objetivo firme de combater a inflação. —— Perez Prado, o famoso maestro-compositor cubano que introduziu o mambo, foi deportado do México, em virtude de sua situação ilegal junto à Polícia de Imigração. —— Somente na primavera, quando voltar aos Estados Unidos, Ava Gardner decidirá sôbre o seu propalado divórcio. Frank Sinatra está na expectativa... —— Sem dvida alguma, os discos instrumentais obtêm atualmente a maioria nas vendas em todo o país. E a Sinter acaba de contratar Luiz Bittencourt e seus solistas, um pequeno conjunto instrumental, cujos componentes são considerados alguns dos melhores em seus instrumentos no país. Esse grupo está formado por Vidal (contrabaixo), José Menezes (guitarra), Luiz Bittencourt (violão), Chiquinho (acordeon) e Hugo Tagnini (vibrafone). Todos êles são artistas da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, participando dos melhores programas daquela querida emissora.

LETRAS SELECIONADAS

Apresentamos, com grande satisfação, a letra de "May God be with you" (Vaya con Dios), de autoria de Russell, James e Buddy Pepper — uma das gravações recordistas de venda atualmente, gravada por Les Paul & Mary Ford:

Now the hacienda's dark
the town is sleeping
New the time has come to part,
the time for weeping
Vaya con Dios my darling
Vaya con Dios my love
Now the village mission bells
are softly ringing
If you listen with your heart
you'll hear them singing
Vaya con Dios my darling
Vaya con Dios my love
Where ever you may be
I'll be beside you
All though you're many million
dreams away
Each night I'll say a pray'r
a pray'r to guide you
To hasten ev'ry lonely hour
ev'ry lonely day
Now the dawn is breaking
through a gray tomorrow
But the memories we share
are there to borrow
Vaya con Dios my darling
Vaya con Dios my love.

—o—

Outro sucesso americano — "Johnny" (Is the boy for me), de autoria de Spellman, Roberts e Les Paul, gravado por Les Paul & Mary Ford, com esta letra:

Johnny is the boy for me
Always knew that he would be
But I never caught his eye
He would always pass me boy
Never had a glance for me
'Tho I lov'd him from the start
And I told my eager heart
Johnny is the boy for me
Johnny is the boy for me
Always knew that he would be
'Tho he doesn't know my name
I will play a waiting game
Knowing he will come to me
Ever since the world began
Woman always got a man and
Johnny you're the boy for me.
Johnny is the boy for me
Always knew that he would be
And one day he came my way
Having only this to say
Darling wil you marry me?
It was easy to decide
"Yes my darling" I replied"
Johnny is the boy for me

—o—

A seguir, publicamos a letra de "Les feuilles mortes" (Folhas mortas), de autoria de Kosma e Prevert, em versão brasileira de C. Cesar, gravada por Zezé Gonzaga:

O vento sopra,
Folhas então
Sôltas no espaço
Rolando vão.
São folhas sêcas
Que o vento traz...
São esperanças,
Não voltam mais!...

Também para mim
Tudo terminou
Chegou ao fim
A ilusão...
Sonho que passou,
Deixou
Folhas mortas
No meu coração!

RETROSPECTO

Prosseguimos, hoje, com a relação das letras de músicas publicadas nesta seção, com a finalidade de facilitar aos nossos leitores a procura das que lhes interessarem e que, porventura, lhes tenha escapado na época. Como temos esclarecido, os números atrasados de CARIOCA poderão ser procurados no 4°. andar do Edifício de A NOITE, ou solicitados à gerência da Emprêsa, à praça Mauá 7, 3°. andar, Rio.

—o—

CARIOCA n°. 783 (de 5-10-50) — "Errei, sim!", "Suicídio", "Amanda", "In cerca di te", "Sunrise serenade", "If I didn't

care", "Take care", "Magic is the moonlight", "Linda" e "How blue the night"; nº. 784 (de 12-10-50) — "Pecado", "Rumba azul", "Deixa a rainha passar", "Amargura", "La raspa", "Mona Lisa", "Maná", "O resto é silêncio", "This is the night" e "Tallahasee"; nº. 785 (de 19-10-50) — "Somebody stole my rose colored glasses", "Quiéreme, pero quéreme", "Facundo", "Tu sei la vita mia", "A estrada do bosque", "I'm making believe", "She's too fat for me", "A rainy night in Rio" e "Music! music! music!"; nº. 786 (de 26-10-50) — "Nada soy sin tu querer", "Sueño estival", "Panamá", "Negro", "C'est si bon" e "All the time"; nº. 787 (de 2-11-50) — "Amor que ya murió", "Incantesimo", "Melodia de arrabal", "Seja feliz adeus", "Ao-centtchu-ate the positive", "Somos dois", "Perdonar", "Scrivimi", "I remember you", "Meen to me" e "Mexicali rose"; nº. 788 (de 9-11-50) — "Melissa", "Descendo o rio", "Feuilles mortes", "Única saida", "Frio en el alma", "Al llanera" e "None but the lonely heart"; nº. 789 (de 16-11-50) — "O amor chegou", "Luzes da cidade", "Viver sem você", "Vai meu amor", "Represália", "Minas Gerais" e "Chofér de praça"; nº. 790 (de 23-11-50) — "Llanto de luna", "The third man theme", "Te quiero dijiste", "Dance avec moi", "Maybe" e "If I had a talking picture of you"; nº. 791 (de 30-11-50) — "Noite de luar", "Amar", "Dove stá Zazá", "I'll be seeing you" e "Please don't say no"; nº. 792 (de 7-12-50) — "Music, maestro, please!", "Mil promessas", "Should I tell you I love you", "Everybody loves my baby", "Santa" (no original e em português) e "Novillero"; nº. 792 (de 14-12-50) — "I hadn't anyone till you", "Tu lo sabes", "Se eu voltei", "They didn't be lieve me", "Lamento borincano", "Angelitos negros" e "Candy"; nº. 794 (de 21-12-50) — "Forever and ever", "Maria-La-Ô", "Bôdas de prata", "Maria José", "Toda una vida" e "Nossa Senhora do Amparo"; nº. 795 (de 28-12-50) — "Pra seu govêrno", "Já cansei de chorar", "Recruta biruta", "Meu coração te fala", "The very thought of you e "La cumparsita". (Continua no próximo número).

A MÚSICA DO LEITOR

MARIA CORDEIRO — (São Salvador) — Muito gentis as suas palavras. A música ouvida em "O espetáculo continua" intitula-se "The curse of an aching heart" e sua letra é a seguinte:

You made what I am today
I hope you're satisfied
You dragged and dragged me down
Until my soul within me
You're shattered each
And every hope you fooled me
From the start
And though you're not true
I still bless you
That's the curse of an aching heart.

—o—

JOSE' LUIZ — (Barão de Vassouras) — Seu gôsto coincide com o nosso. Entretanto, o acúmulo de pedidos está atrasando nosso expediente. Finalmente, aqui vai a letra do bonito fox-canção de Mort Greene e Leigh Harline, "From this day forward", apresentado no filme do mesmo nome, da R.K.O.:

From this day forward
I promise you will all my heart
That we shall never be apart.
From this day forward
I'm yours to call your very own,
I live my life for you alone...
FromFrom this day on and on,
I'll welcome each new tomorrow
Knowing that our tomorrow is here
And on and on even beyond forever
Heaven is mine wherever you're near.
From this day forward
I give you me with all my love
From this day forward
From this day on!

—o—

LUIZ FERREIRA DOS SANTOS — (São Paulo) Eis a letra do fox "A change of heart", de autoria de Jule Styne e Harold Adamson, apresentado no filme da Republic, "The Hit Parade of 1943":

A change of heart,
For no good reason,
A change of heart,
Like a change of season.
Yesterday was springtime,
Blossoms filled the air,
But today is autumn,
And all the trees are bare.
A change of scene
Made you forget me,
I'd change your mind
If you'd only let me.
Yesterday you loved me,
We were happy then,
So won't you have a change
Of heart again?

* ★ *

AURORA SAMPAIO — (Rio) — Para o seu album de letras, estampamos as palavras do bonito samba de Ary Barroso, "Risquė", gravado por Zaira Rodrigues e Osny Silva:

Risque
Meu nome do seu caderno
Pois não suporto êste inferno
Do nosso amor fracassado
Deixe
Que eu siga novos caminhos,
Em busca de outros carinhos
Matemos nosso passado.

Mas se algum dia
Talvez a saudade apertar
Não se perturbe; não se perturbe
Afogue a saudade no copo de um bar
Creia
Tôda quimera se esfuma
Como a beleza da espuma
Que se desmancha na areia.

* ★ *

RITMOS GRAVADOS

Na Capitol

Entre os maiores sucessos de 1953, sem dúvida alguma, "Vaya con Dios" (May God be with you) e "Johnny" ocupam um lugar de grande destaque. "Vaya con Dios", gravação de Les Paul & Mary Ford, um dos recordistas em vendas de discos nos Estados Unidos, somente naquele país atingiu a cifra de 3 milhões de exemplares vendidos. Idêntico sucesso esta melodia vem obtendo em diversos outros países, liderando as mais famosos "Paradas de Sucessos". Pelo que tudo indica, o mesmo deverá acontecer no Brasil, onde já é bem grande a sua procura. A primeira é de autoria de Russell, James e Buddy Pepper; a segunda, de Spellman, Roberts e Les Paul. Um disco merecedor dos nossos aplausos.

Na Sinter

Em seu disco de estréia, Wilma Bentivegna, detentora de uma enorme popularidade em São Paulo e nas cidades do interior daquele Estado, brinda-nos, através de sua vozinha cativante, com a guaracha de F. Cabrera, "Me "vo" a morir", acompanhada por Zezinho e sua Orquestra T.V. Sem dúvida, trata-se de uma guaracha das mais movimentadas e dançantes, interpretada magistralmente, com grande personalidade. Na outra face vamos encontrar o samba-canção de Geraldo Vietri, "Chove", cantado pela própria Wilma, no filme "Custa pouco a felicidade", a ser exibido muito breve. Nesta gravação de "Chove", tanto o arranjo orquestral como o acompanhamento foram feitos por Luiz Arruda Paes, um dos novos talentos, "double" de regente e arranjador, de São Paulo. E, por fim, temos a dizer que, em São Paulo, por exemplo, êste disco vem alcançando grande êxito. Quanto aos demais Estados, acreditamos que, também, o mesmo acontecerá, pois se trata de um novo elemento de grande valor, em cuja estréia no disco todos nós depositamos grande confiança.

Na M-G-M

Gostamos das duas belas páginas musicais que compõem o novo disco da Orquestra de Philip Green: "Blue tango", de Leroy Andersen, e "La Rosita", de Dupont e Stuart.

QUAIS OS EXPOENTES DA MUSICA POPULAR EM TODO O MUNDO? — O RESULTADO DÊSTE NOSSO CONCURSO ANUAL SAIRÁ NUM DOS NÚMEROS DA SEGUNDA QUINZENA DE JANEIRO

Gente Nova - 1954

Saúdo o ano cinematográfico verde-amarelo de 1954 com estrêlas novas. O ano que se finda foi dos mais trágicos para o cinema de casa. Mesmo a despeito da presença de «O Cangaceiro», de «Sinha Moça», de «Agulha no palheiro», ou «Amei um bicheiro», fitas que se propunham melhorar o padrão do cinema nativo, e com um ou outro aspecto saudável, não posso de modo algum registrar qualquer índice de evolução desde quando os fatores negativos continuam em absoluta desproporção com o pouquíssimo de positivo que existe. São Paulo, o maior parque industrial de cinema da América do Sul, viu-se abalado. Corre o risco de suas bandeiras desfraldadas terem de murchar. A Vera Cruz, em desastrosa e desordenada produção, gastou milhões sem maiores resultados práticos. A Multifilmes estreou sob o signo da má qualidade. Resta a esperança que deposito na Kino Filmes, que tem a orientação de Alberto Cavalcanti, e produziu a melhor fita de 1953, que foi «O Canto do Mar». Os estúdios cariocas andaram prejudicados com o incêndio da Atlântida e o eclipse temporário da Flama. Tanto em São Paulo quanto no Rio os produtores independentes só serviram para atrapalhar e em nada contribuiram para a valorização do cinema nacional. Observações e reparos mais detalhados farei no meu «Retrospectivo cama e mesa 1953» que divulgarei nas primeiras semanas do novo ano. Aí me espalharei no panorama do cinema brasileiro e farei uma revisão minuciosa da temporada que ora se encerra. Saúdo o Ano Novo com estrêlas novas e novíssimas, em quem deposito o futuro do cinema de meu país.

★

7ª ARTE

POR VAN JAFA

O QUE VAI PELO CINEMA NACIONAL

"Fatalidade"

Multifilmes — U. C. B. — Direção de Jacques Maret — Lanado no São Luiz — Odeon — Rian — Leblon — América — Ideal — Monte Castelo — Belmar — Natal — Bonsucesso — Odeon Niterói — Santa Alice — Braz de Pina — Popular Caxias — Capitólio Petrópolis

Diante de «Fatalidade», tivemos a certeza de que o senhor Jacques Maret pode ser tudo, até mesmo um «gênio», menos um homem que entenda de cinema. Esse cavalheiro aqui chegou galante e faceiro por ter vendido uma história sua e do diretor Ladislas Vajda à Metro. Tratava-se da última sequência da «História de três amores». O episódio de Pier Angeli e Kirk Douglas, «Equilibrio». Mas o «Equilibrio» do senhor Maret, de parceria com o diretor de «A desconhecida», era tão bom que foi adaptado por Jan Lusting e George Froeschel, para, sôbre essa «adaptação», ser feito o «script» por John Collier.

E, apesar disto tudo e da história ser passada em Paris e de contar com a meiga Pier Angeli, e além de tudo ser sôbre um tema plástico, emocionável e cinematográfico: o trapezio foi uma lástima. Acontece que entre nós não houve tanta gente para socorrer o senhor Jacques Maret e êle «criou» a história e, com sua habitual petulância, êle próprio cenarizou. Não satisfeito com isso, completou dirigindo a fita. E eis aí, para quem olhos e quer ver, o lastimável resultado. A história do senhor Maret é velha como a Sé de Braga. E sua adaptação é destituida de qualquer sentido de cinema. E viva o senhor Maret! Para culminar, tivemos diálogos do senhor Sergio Brito, que está a merecer um premiozinho por tanto lugar-comum


Gilda Nery


Orlando Moelmann


Ilka Soares

e tolices juntas. O moço revelou-se mesmo um portento de vulgaridade. Para isso, os dirigentes da Multifilmes fizeram-no também «diretor de diálogos». Sem comentários. A fotografia é daquele homem complicado, que fez quarenta películas no Egito e é um dos fundadores do cinema italiano, senhor Giulio de Lucca. Esse cavalheiro lendário foi o responsável pela péssima, fotografia de «O homem dos papagaios» (foi dada a justificativa de que o laboratório «prejudicou» muito a fotografia do senhor De Lucca). Essa gente pensa que movimento de câmera tem alguma coisa a ver com laboratório. Pobre homem, que já teve a honra de filmar jacarés autênticos no Nilo, sob as vistas de Cleópatra, e não sabe filmar artistas em Mariporã, sob os olhos azuis dulcíssimos de Civelli. Mas deixemos o senhor Giulio por aí, fotografando o que quiser. Voltemos ao senhor Maret, que é tema mais fecundo. O senhor Maret ousou tudo entre nós. Começou na Vera Cruz, adaptando «Tico tico no fubá», e foi assim que a história de Zequinha de Abreu passou a drama passional de circo. Como se não bastasse a sua ignorância total do tema e, principalmente, da vida do compositor brasileiro, o senhor Maret trabalhava na fita como ator, o cavalheiro que acompanha Branca (Tonia Carrero) na «boite», no final. Daí, sob o fecundante sol dos trópicos, o senhor Maret «cenarizou», na Multifilmes, «O destino em apuros», história do senhor Mario Civelli, que se esqueceu de onde a copiou. Resta-nos sugerir ao senhor Jacques Maret, depois de ter ousado tudo na nossa boa vontade e fé, que arrume as malas e... adeus. Boa viagem, senhor Maret. A estrêla alemã, hoje naturalizada brasileira, Angelica Hauff possui realmente tôdas as características de uma autêntica estrêla de cinema. Sente-se, mesmo, que Miss Hauff está jogada nessa «fatalidade». Ela sabe andar, sabe olhar, sabe falar e tem belas mãos, que usa com muita inteligência. Guido Lazzarini, que elogiei em «A carne», não transmite, desta feita, o seu personagem. Ele passa pela fita completamente alheio ao drama. Quanto a Lisa Ayde, repito o que disse em «O homem dos papagaios»: possui personalidade e merecia melhor papel. Nessa fita, Lisca Ayde foi, sobretudo, mal orientada; contudo, estava melhor do que na sua fita de estréia entre nós. Celia Helena não diz nada, não transmite nada, seu papel é inteiramente postiço. Jackson de Souza, numa das suas mais infelizes aparições, Música sem maior importância. E' de todo impossivel citar tôdas as tolices do filme. «Fatalidade», pela ordem («Modelo 19», «O homem dos papagaios», «O destino em apuros», «Uma vida para dois») é a quinta produção da Multifilmes. Não houve ainda um tento sequer: está cinco a zero. E' uma fatalidade.

★

"A carne e o Diabo"

Apresentação U. C. B. — Direção de Plinio Campos — Nos cinemas Metro Copacabana — Metro Passeio e Metro Tijuca

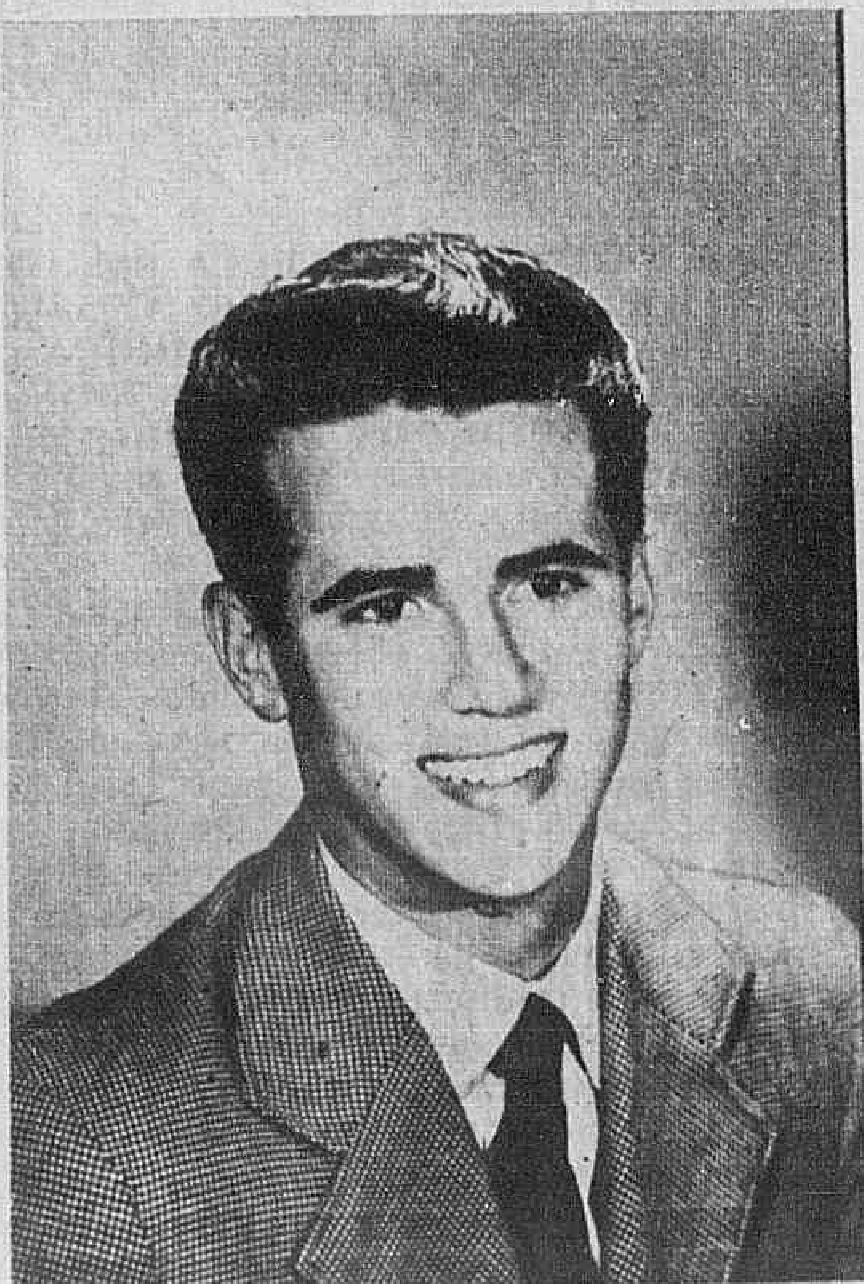
Uma má fita continua da mesma forma numa tela panorâmica. Tela panorâmica não dá qualidade, apenas vemos as asneiras em tamanho maior. E' o caso de «A carne é o diabo», e a fita também. Dizem que é baseada em comédias teatrais de Armando Gonzaga. Se é, não ficou nada. O autor da adaptação não teve peito para assinar e a fita ficou mesmo sem cenarista. De tudo só sei que é um horror. A direção do senhor Plinio Campos é de arrepiar a juba do leão da Metro. Heloisa Helena, solta na fita, cheia de badulaques, pulseiras, broches, colares e uma série imensa de penduricalhos. Poderiam ter aproveitado a personalidade de Heloisa Helena, mas não souberam. Carlos Tovar deve ser aproveitado. Diana Morel não tem nada para dizer, é uma estrêla sem conteúdo e, por vezes, vulgar. Alexandre Amorim, outro que deve ser canalizado para o cinema, num papel impossivel. Sergio de Oliveira, solto na fita, vai andando sem novidades maiores. Miriam Moema, ainda sem oportunidade, marca passo, sem contudo se comprometer. A fotografia do senhor George Dusek não tem jeito, não, é péssima. Assim como as fotografias noturnas e do teatro. do senhor Ameleto Daisé. Os absurdos, as tolices campeiam pela fita afora. Há coisas dêste gênero: um teatrozinho vulgar daqueles, em que o empresário vive a dizer que vai fracassar, e as platéias sempre superlotadas e, o que é pior, de gente a rigor! Pobres diretores do cinema brasileiro. Os números musicais são de garantido mau gosto. Vamos ficar por aqui mesmo. «A carne é o diabo» é asnice da grossa, em tela panorâmica.

★

"Cais do vicio"

Guaira Filmes — Apresentação da Luso Filmes — Direção de Francisco José Ferreira — Lançado na linha do Pathé, Art Palácio, Presidente, Nacional, Mauá, Coliseu, São José, Para Todos, São Pedro, Baronesa, Cassino Niterói.

Assim também é demais. Tenham santa paciência. Se alguém me falar em «Cais do vício», eu perco a compostura. Devia haver uma lei que obrigasse os realizadores de maus filmes a assistirem cem vezes a sua fita. Se não consertassem, enlouqueciam. «Cais do vício», ora, vejam só que petulância.


Adriano Reys


Julie Bardot


Claudio Rangel



RESPOSTAS ÀS LEITORAS

AS CARTAS PARA ESTA SEÇÃO DEVEM SER DIRIGIDAS A MARION. REDAÇÃO DE «CARIOCA». PRAÇA MAUÁ, 7. QUEIRAM JUNTAR AOS PEDIDOS DE MODELOS A DATA COMPLETA DO NASCIMENTO PARA O HORÓSCOPO

NADIR — Rio — Faça êste vestido com fustão branco e pala azul marinho. Horóscopo: Você é afável, paciente, inclinada a emoções, impressionável. Se não fôr perseverante e não combater a preguiça não terá progressos na vida, que não é só constituida de divertimentos. Você é inteligente, portanto devia continuar seus estudos. Algumas viagens agradáveis. Por seus próprios esforços conseguirá bens. Mudança de vida de 12 em 12 anos. Você possui uma natureza moral dupla, difícil de sondar, justa nas suas manifestações, poética e senhadora. Harmoniza-se com as pessoas nascidas entre 22 de junho e 23 de julho, 24 de outubro e 22 de novembro, 22 de abril e 21 de maio, 22 de dezembro e 20 de janeiro. Seu signo marca um casamento feliz.

EUNICE PEREIRA SILVA — Recife — Um corpete justo marca a cintura dêsse vestido feito de «nylon», com bonito drapê na blusa. Seu estudo: Você é ambiciosa e deseja progredir. E' inteligente, entusiasta e impulsiva. Não desanima facilmente e tem fôrça de vontade penetrante. Com prudência e esforços vencerá as dificuldades que surgirem na sua vida. Aprenda a refletir se não quiser comprometer-se e prejudicar seus interêsses. Alguns inimigos a temer. As datas mais importantes para você são: 15, 30, 45 e 60 anos. Os cuidados e as fadigas podem afetar-lhe o sistema nervoso. Harmoniza-se com as pessoas nascidas entre 22 de julho e 23 de agosto, 22 de novembro e 21 de dezembro, 21 de janeiro e 19 de fevereiro, 21 de maio e 20 de junho.

SUELI SOUZA — Curitiba — Seu vestido de organza é enfeitado com corações e flores do mesmo tecido. Horóscopo: Você é uma pessoa sensível, de poucas palavras. Talvez mais por timidez ou acanhamento. Reflita sempre antes de agir, do contrário passará por desenganos. Poderá contar com a amizade e proteção de pessoas de destaque. A situação financeira melhorará depois do casamento ou na maturidade. Seu temperamento mudará com a idade. Mudança de vida de 15 em 15 anos. A teimosia e o ciume são os seus maiores defeitos. E' conveniente corrigir-se para ser feliz no casamento. Harmoniza-se com as pessoas nascidas entre 20 de fevereiro e 20 de março, 23 de agosto e 22 de setembro, 22 de dezembro e 20 de janeiro.



JUJU — Rio — Uma tira de côr contornando o decote e um cinto drapeado destacam-se nesse vestido simples de saia ampla. Horóscopo: Você é ambiciosa e não se contenta facilmente. Premedita sempre antes de agir. Tem fôrça de vontade e capacidade de trabalho. Adquirirá bens por seus esforços e méritos. Sua fortuna depende de suas ações antes da idade média. Deixa-se influenciar pelos outros, principalmente pelas pessoas maneirosas e lisonjeiras. Sua felicidade depende muito do caráter de seu futuro marido. Muitas viagens, algumas fora do país. E' muito sincera e afeiçoada aos que merecem sua preferência. Harmoniza-se com as pessoas nascidas entre 22 de dezembro e 20 de janeiro, 22 de abril e 20 de maio, 21 de junho e 21 de julho, 23 de outubro e 21 de novembro.

KATIA VANIA — Bangu — Esse vestido é de «nylon» branco com drapês e écharpe de «nylon» lilás. Seu estudo: Natureza esperançosa, alegre, jovial. Temperamento impressionável. Firmeza de vontade, energia. Algumas lutas na primeira parte da vida serão vencidas se tiver coragem e perseverança. Espírito independente, amante da liberdade. E' preciso não perder as oportunidades que se apresentarem para progredir. Aprecia algumas artes. Estudará e terá progressos. Várias paixões. Uma desinteligência com parentes muito próximos. Harmoniza-se com as pessoas nascidas entre 21 de março e 19 de abril, 22 de julho e 22 de agosto, 21 de janeiro e 19 de fevereiro, 23 de setembro e 22 de outubro.

BROTO DE 19 ANOS — Rio — Um feitio imitando bolerinho, com amplo decote, é bem indicado para a sua fazenda. Horóscopo: Você possui um caráter generoso, leal. Confia demasiadamente nos outros e pode ter sérias decepções. E' muito sensitiva e tem um gênio que facilmente se irrita. Aptidão para mandar, para estar à frente de uma loja, para ser diretora de uma seção, de uma escola, etc. Se se dedicasse poderia escrever, imaginação não lhe falta. Poderá contar com alguns amigos. Possui uma fôrça de vontade penetrante. E' ambiciosa, deseja progredir e o conseguirá se refletir antes de agir. Harmoniza-se com as pessoas nascidas entre 22 de julho e 23 de agosto, 22 de novembro e 21 de dezembro, 21 de janeiro e 19 de fevereiro, 21 de maio e 20 de junho

CURIOSIDADES

A data em que, todo ano, cai a Páscoa é uma espécie de quebra-cabeça para os encarregados de compilar o calendário. De fato, esta festa "movel" pode cair entre 35 dias diferentes; ou seja, entre os dois extremos que vão de 22 de março a 25 de abril.

Foi um Concilio realisado em 1601 que fixou as datas da Páscoa entre êsses dois extremos. Como se chegou a tal determinação, depois de tantos séculos depois da morte e da ressurreição de Cristo?

Considerando que a ressurreção de Cristo, segundo as Sagradas Escrituras, teve lugar logo depois do equinoxio da primavera, estabeleceu-se celebrar o acontecimento à época em que, todos os anos, se repete êste fenômeno. E porque, sempre segundo os textos sagrados, a ressurreição foi seguida de uma fase de plenilúnio, ou seja lua-cheia, fixou-se a data "movel" para a sua celebração, no domingo que segue o plenilúnio imediatamente depois de 21 de março de cada ano. Daí resulta que a Páscoa não pode jamais cair nem antes de 22 de março, nem depois de 25 de abril, época em que entra uma nova fase lunar.

Raramente, porém, a Páscoa cai em uma destas datas extremas. Pela crônica, esta foi celebrada pela última vez, em 22 de março de 1818, e não o será mais, segundo os cálculos astronômicos, senão no ano de 2285. Em 25 de abril, a Páscoa só caiu nos anos de 1874, 1885 e 1943.

—oOo—

Rigorosamente falando, o primeiro veículo automortor que trafegou com êxito numa estrada foi um imenso e lentissimo triciclo a vapor, construido em Paris, em 1770, por Nicolas Cugnot.

O criador do automobilismo, no sentido prático, foi o inglês Walter Hancock, que fez a sua primeira experiência com um fantástico veículo a vapor, propulsionado pela expansão e contração alternadas de dois sacos de borracha vulcanizada. Walter Hancock encheu de ruido as ruas de Londres, durante anos, com um pequeno "faetonte a vapor", capaz de chegar à tremenda velocidade de 32 quilômetros por hora.

O homem que imprimiu velocidade aos motores de automóvel foi Gottlieb Daimler, um engenhoso alemão, tão misterioso que, uma noite, a polícia lhe invadiu a oficina para verificar se procediam os boatos de que estava fabricando dinheiro. Em 1885, Daimler construiu a sua primeira motocicleta, que ainda hoje é conservada em condições de uso e se encontra em exibição em Stuttgart. O primeiro carro Daimler apareceu em 1886, três anos antes de ser construido o primeiro motor duplo, V, que o inventor germânico montou no seu primeiro carro todo de metal.

A maior conquista recente no terreno da indústria automobilistica é a aplicação feliz, realizada em 1949, da fôrça diesel ao Mercedes-Benz 170 D, um carro alemão leve. Até então, os motores diesel eram considerados excessivamente pesados para automóveis.

—oOo—

Eis algumas conclusões tiradas à base de estatisticas oficiais: o inglês, em média, está hoje ganhando o dôbro do que ganhava antes da guerra, vive mais, é menos suscetivel à bebida, ligeiramente mais propenso ao suicidio e está mais disposto a procurar o divórcio. Os decretos finais de divórcio, concedidos em 1947, foram dez vêzes a cifra correspondente a 1937. As espôsas perdoaram com mais facilidade os maridos, porque os fatos mostram que elas promovem menos o divórcio. Entre 5 e 10 anos está a faixa de maior perigo para a estabilidade de um lar. Estão sendo reduzidos os atos em consequência de embriaguez. A média de natalidade aumentou em 1947 para a cifra mais alta desde 1920. Os males do coração foram os que mais mortes causaram entre os ingleses, vindo em segundo lugar o câncer. Quase dobraram os lucros das indústrias.

—oOo—

Na cidade de Aurora, Estado do Colorado, foi baixada uma postura, tornando obrigatório, em tôdas as casas a serem construidas de agora em diante, a instalação de um novo aparelho elétrico para a eliminação de restos de comida.

De qualquer maneira, foi muito interessante o motivo da postura baixada em Aurora. O lixeiro da cidade anunciou que, a partir do comêço do ano, começaria a cobrar para recolher restos de alimentos. Anteriormente, aqueles restos eram recolhidos gratuitamente e vendidos aos fazendeiros das vizinhanças, para a alimentação de porcos.

No entanto, no Colorado, como em muitos outros Estados do pais, entrou em vigor recentemente uma lei proibindo alimentar os porcos com alimentos crus, com o propósito de se combater a triquinose. A despesa adicional iria de 18 a 20 milhões de dólares por ano e os conselheiros municipais acharam melhor aplicar essa quantia em aparelhos destinados a eliminar restos de alimentos do que gastá-la no novo serviço.

Pelo menos em três cidades americanas vigoram disposições semelhantes. Apenas cinco dos Estados do país não têm em vigor leis proibindo a alimentação de porcos com restos de alimentos crus, e em alguns dêsses próprios Estados já está se cuidando de tal providência.

Além de triquinose, outras enfermidades podem ser contraidas pelos suinos com a ingestão de alimentos crus, como, por exemplo, a exantema vesicular. Essa doença causa grandes estragos nos rebanhos suinos e pode ser completamente dominada com a eliminação dos alimentos decompostos.





"RAINHA DA PRIMAVERA" DA UNIÃO DESPORTIVA COELHO NETO

Realizou-se em novembro último, na sede do Serviço Social do I.A.P.C., em Coelho Neto, a cerimônia de coroação da "Rainha da Primavera", da União Desportiva Coelho Neto, senhorita Edir Lens, eleita em concorrido e animado pleito. A solenidade, que se revestiu de grande brilho, estiveram presentes figuras das mais expressivas da sociedade, que igualmente prestigiaram o baile de encerramento da festividade. Vêm-se nas fotografias, em detalhe, um flagrante de quando a chefe do Serviço Social, Sra.. Haitil Prado, coroava a graciosa "Rainha", e o momento em que esta e as "princesas" eram saudadas pela assistente, Sra. Anita A. Pereira

ASSEGURE O SEU FUTURO

ESTUDANDO POR CORRESPONDENCIA

DESENHO ARQUITETONICO DESENHO MECANICO e DESENHO ARTISTICO

inclusive *desenho comercial e publicitário*

Confie na sua personalidade e ganhe respeito, admiração e uma posição social destacada. UM FUTURO BRILHANTE aguarda V. S. e uma vida cheia de possibilidades ilimitadas. Ajudá-lo-emos a desenvolver o seu talento, a ampliar a sua imaginação e a aplicar a sua capacidade construtiva e organizadora.

CONTABILIDADE

Ficará habilitado a ganhar os melhores ordenados.

CADA ALUNO FARÁ ESCRITURAÇÃO COMPLETA DE UMA CASA COMERCIAL.

O Brasil sente atualmente uma tremenda necessidade de técnicos em contabilidade e direção administrativa. V. S. poderá fàcilmente chegar a um dêstes postos almejados e realizar o sonho de uma vida brilhante.

CORTE E COSTURA *Tricô e Bordado*

Centenas e centenas de moças e de senhoras tiveram a vida completamente transformada graças ao estudo pelo nosso método fácil, rapido e eficiente. Em pouco tempo e com despesas insignificantes VIRÁ V. S A SER UMA VERDADEIRA ARTISTA, perfeitamente capaz de executar todo e qualquer trabalho, inclusive trajes de casamento, lingerie fina, vestidos para esporte, etc., etc.

PORTUGUÊS
INGLÊS
AUXILIAR E CAIXA
CORRESPONDENTE
SECRETÁRIO
ESTENO-DATILOGRAFIA

Realise a sua independência econômica, melhorando o seu "standard" profissional e intelectual. A vida, em tôda parte, é dirigida pela lei biologica: vence o mais forte. Seja um dêstes, desenvolva sua inteligência, aumente o seu valor. UMA NOVA VIDA ABRE-SE NA SUA FRENTE. Não vacile e avance confiante, firme e orgulhoso de si mesmo.

. . . EIS O QUE CONSEGUEM OS NOSSOS ALUNOS, FELIZES E TRIUNFANTES . . .



12 DE OUTUBRO DE 1950

Tenho recebido elogios pela perfeição das minhas costuras e mesmo causado admiração a várias pessoaz quando lhes digo que me diplomei por correspondência.

Mercedes E. Fonsêca
ARACAJÚ - Est de Sergipe



3 DE MARÇO DE 1951.

Sou feliz porque encontrei em seu Instituto o meu ideal na vida. Tenho costurado muito para meus filhos e meu espôso. Faço vestidos para fora e tôdas gostam das minhas costuras e assim já estou ganhando dinheiro.

Alayde A. Chiavasolli
PETRÓPOLIS - Est. do Rio



10 DE MAIO DE 1951.

Já estou apta a desempenhar a minha profissão, pois venho fazendo, além das costuras de minha família, outras que me têm dado rendimento.

Aparecida de Paula
SANTA ADÉLIA
Est. de São Paulo



28 DE MAIO DE 1950

Graças a êste Curso me sinto satisfeito e orgulhoso de minha tão rendosa profissão de desenhista do Exército.

Erni Drcher
SANTA MARIA
Est. do R. G. do Sul

Desenho de aluno nosso, Sr. ULYSSES J. MARTINHO, Jundiaí - Est. de S. Paulo. →



Harmonia...Romance...



10 DE MAIO DE 1951.

Ate agora pude apresentar as Autoridades Eclesiasticas e com satisfação vei aprovados: 1) O projeto para um grandioso predio de dois andares, para as Associações Paroquiais em Jaguariaiva. 2) O projeto para um Salão Nobre e uma Igreja, medindo os dois 13 x 30 m. a serem realizados no grande "Colegio Santa Maria" em Eng. Guttierez (Paraná). 3) O grande Colégio e Hospital para as Irmãs Franciscanas de Campinas, a ser levantado também em Eng. Guttierez; alem disso outros pequenos trabalhos.

Frei Luis M. de Bassano Capuchinho
JAGUARIAIVA - Est. do Paraná



JUAZEIRO DO NORTE, 12 DE JULHO DE 1950.

E com grande alegria afirmo-vos que já recuperei, em um mês, o dôbro do dinheiro empregado em meus estudos.

Manoel Batista Ferreira
JUAZEIRO DO NORTE
Est. do Ceará



CAMPOS GERAIS, 9 DE ABRIL DE 1950.

Graças ao Instituto Universal Brasileiro estou bem colocado com ótimo ordenado.

João Hilário Corrêa
CAMPOS GERAIS Est. Minas



5 DE JUNHO DE 1950

A sábia e perfeita orientação que os senhores me ministraram no decorrer do Curso de Corte e Costura me vem assegurando um futuro melhor e me permite dar uma contribuição maior aos que me são caros e ao meu lar.

Maria José R. Pereira
RIO DE JANEIRO



7 DE DEZEMBRO DE 1950.

Eu era lavrador e hoje, graças aos estudos por correspondência do Instituto Universal Brasileiro Ltda., estou ganhando um bom ordenado como Auxiliar de Escritório.

Alvaro G. Sanches
MURUTINGA - Est. de S. Paulo



6 DE JANEIRO DE 1951.

Venho agradecer o meu Curso realizado nesse Instituto, por ser tão prático e fácil. Já consegui emprêgo com boas condições.

Ulldor Karsten
BLUMENAU
Est. de Sta. Catarina



BELÉM, 21 DE JULHO DE 1950

Hoje costuro para todos de casa; aprendi a fazer as roupas do meu espôso, como camisa, pijama, etc.; agora, quando vejo um vestido, só de olhar sei onde está o defeito. Tudo isso consegui com o ensino dêsse Instituto.

Ligia Paes Corrêa
BELÉM
Est. do Pará



25 DE ABRIL DE 1951.

Estou muito contente com os estudos, pois já consegui emprêgo num escritório de uma casa comercial.

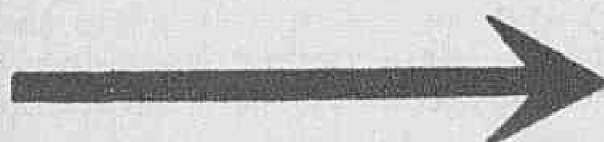
Sara de Sousa Roque
CORONEL FABRICIANO
Est. de Minas Gerais

não perca tempo

e mande-nos

HOJE

o coupon ao lado



INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO

1665

CAIXA POSTAL **5058** – SÃO PAULO

Ilmo. Sr. Diretor: Peço enviar-me GRATIS o folheto completo sôbre

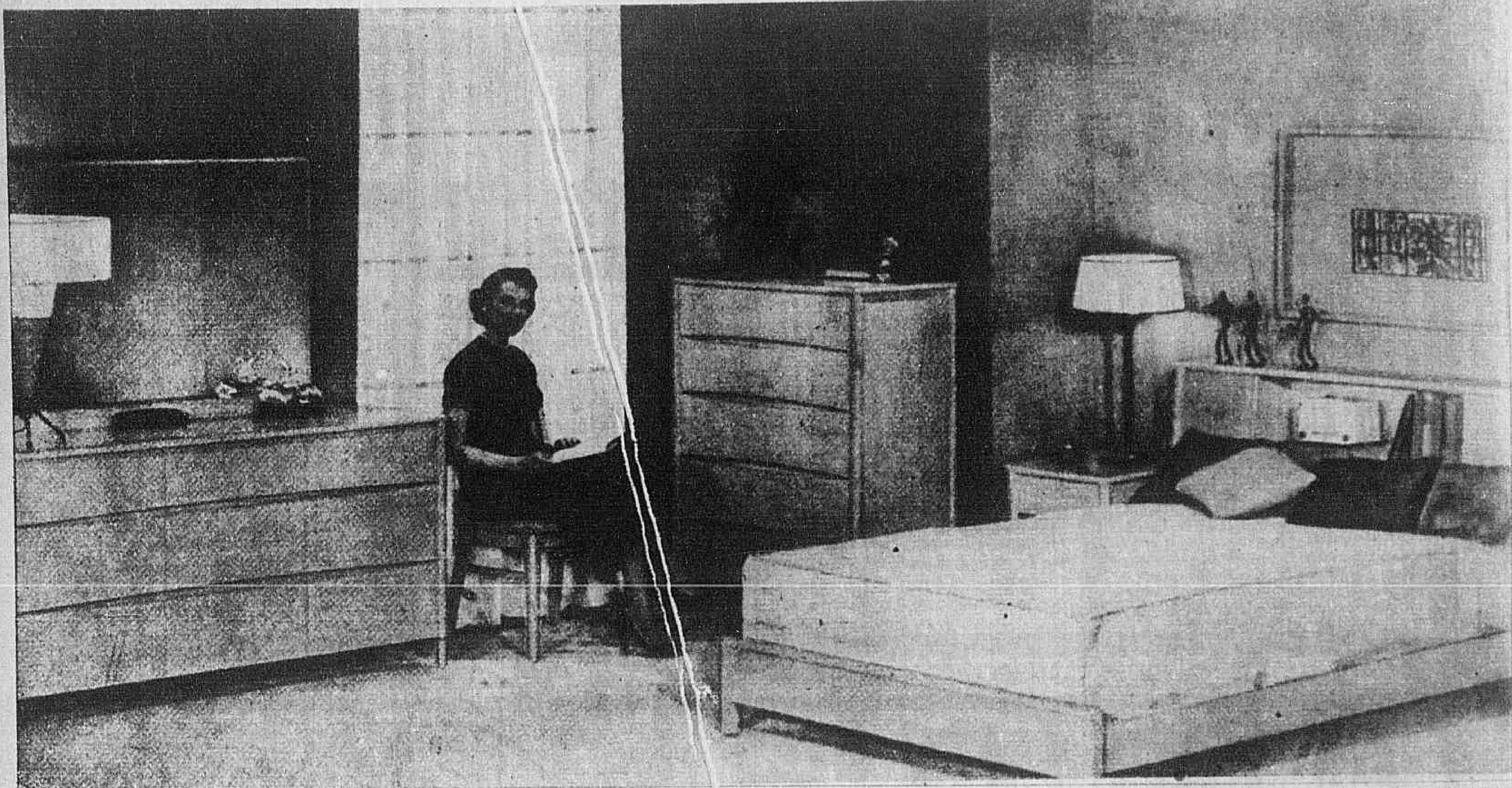
o curso de.. *por correspondência*
(indicar o curso desejado)

NOME ....

RUA .... N. ....

CIDADE ....

ESTADO ....





NOTAS DE UM CADERNO DE DECORAÇÃO

Regina de Abreu Fialho Sanchez

QUANDO não há muito espaço, inventa-se novidade. Reunir em um só quarto lugar para trabalho e descanso, parece impossível. No entanto há jeito para tudo. Repare que neste quarto de dormir há secretária, armários para papéis, prateleiras e penteadeira! Como? tudo camuflado, é claro, para não tirar a beleza da decoração. Os armários de parede são divididos no seu interior para livros de um lado, papéis de outro. O terceiro pode ser para roupas miúdas como luvas, echarpes, etc... As gavetas na primeira parte, para escritório. No centro bijouteria e miudezas, no final para artigos de «toilette». Talco, perfumes, etc... Duas cadeiras leves e iguais completam o conjunto. Nas duas extremidades do movel instale luzes. De um lado, (escritório), luz indireta por baixo do armário. De outro, em forma de pequenos «abat-jours».

A pintura dos armários deve ser lisa para que não chamem a atenção. Repare a simplicidade das portas. Uma cortina lisa do teto ao chão, tapete sem nenhum desenho, de côr miuda. A beleza deste quarto aparece na combinação das côres lisas e harmoniosas.

Paredes, armários: cinza; teto amarelo claro assim como a colcha; tapete, azul, cinza; duas almofadas côr de vinho nas cadeiras iguais, e a mesma côr escura e quente em molduras largas em tôrno das gravuras da cabeceira da cama. Estes quadros com largas margens grená vão chamar mais atenção do que o conjunto construido na parede, aos pés da cama. Assim se equilibra o quarto em pesos e côres. Decore com plantas e poucos objetos simples. Esta decoração é agradável mesmo para aqueles que não simpatizam com o moderno.

Outro quarto de dormir: em estilo moderno de linhas retas, pode-se conseguir muito confôrto e beleza. Observe êste conjunto detalhadamente. Há uma quantidade de detalhes pitorescos. Os móveis não apresentam puchadores. As gavetas são ligeiramente «cavadas» na parte superior, deixando espaço em todo comprimento do móvel para que se possa puchar a gaveta de cima pela sua parte inferior. O espêlho grande toma exatamente todo o comprimento da cômoda para maior conforto, e não leva moldura. Reflete a côr da parede, logo o espêlho pràticamente não existe, e pouco espaço toma, não enche o quarto. O quadro da cabeceira da cama: Uma gravura bem pequena que não poderia de forma nenhuma decorar sòzinha um lugar tão grande, prova que uma boa idéia transforma tudo. Um quadro enorme de vidro e moldura, mais nada. Nem fundo, nem margem. Só vidro, deixando aparecer como margem em volta da figura, a côr da parede. Para colocar esta gravura desta forma, use duplo vidro em vez de 1 vidro e 1 papelão atrás. Os objetos são bem modernos e pitorescos. Os três homens pretos em massa ou ferro, um pé de «abat-jour» na mesma côr, e igualmente fino. Observe como êstes objetos combinam. Até o pequeno cinzeiro é preto. Imagine se no lugar destas peças houvesse três porcelanas de côres lavradas, comuns, (bichos ou bonecos) como isto estragaria tôda a beleza e o equilíbrio da decoração.

O colorido: paredes e teto azul cinza. O quarto sendo grande, pode usar uma côr mais carregada do que o azul cinza claro normal. O tom claro dos móveis alegra o quarto. Em seguida, forre o chão com tapete liso, beije rosado. Cubra a cama com um tecido bem grosso branco, e faça «abat-jours» brancos para acompanhar a cama. Sôbre a cama arrume cinco almofadas de tamanho igual e lisas: 2 côr de coral bem forte, uma preta, uma azul céu forte, uma amarelo queimado. Não mude as côres se fôr possível. Sôbre a cômoda um vaso côr de coral, baixo com planta. A gravura da cabeceira deve ter em seu colorido bastante amarelo, alguns traços pretos, coral, azul e branco.

Para adaptar livros e rádio ao móvel da cama, basta observar a figura.

Como se pode fazer ambiente com côres tão lisas, e móveis tão sem graça... basta deixar de lado a coleção de tecidos com flores misturadas e pesadas, as poltronas listradas grandes de mais para um quarto, os quadros e objetos em profusão.

Seja simples na decoração.

Escada de Lances

HILON ROCHA

GRACILIANO, MEMORIALISTA

Já em "Infância" êle se havia revelado um verdadeiro mestre no gênero. Quando um grande romancista ou um grande poeta interrompe a sua atividade comum para escrever a história de sua vida, geralmente não pensa em realizar obra prima. A preocupação maior é a de confiar ao público o lado mais ignorado de sua jornada, ou seja, o início dela, quando, como no caso de Graciliano Ramos e de Humberto de Campos, ela foi rica de incidentes dramáticos e de situações embaraçosas; isto, quando o interêsse é meramente confessional, e não o de libertar fantasmas soterrados na memória (fantasmas e lembranças), o exemplo, sem dúvida, do criador das "Vidas Sêcas".

No volume em que nos abre as páginas do livro de sua meninice, Graciliano Ramos não procurou esconder a sua posição de escrúpulo, de seriedade, de apreensão, relativamente à tarefa de autobiografar-se, — para tanto um simples passatempo, uma expansão de vaidades ou indiscrições mais ou menos insinceras. Os seus processos, pessoais e autônomos, não vinham senão violentar uma rotina, abrindo novas perspectivas e caminhos mais largos para um gênero cujo interêsse maior ainda residia no seu lado humano. Presente, irredutível, completo mesmo, estava o romancista afeito às mais profundas e estenuantes sondagens nos recessos da memória e do subconsciente. Por isso mesmo, "Infância" viria ficar ao lado, sem qualquer espécie de inferioridade, seja no estilo ou no conteúdo, de suas maiores obras de ficção. Até aí, bastante compreensível: tratava-se de um mundo realmente romanesco, o mundo da criança descobrindo a vida e os seus segredos, não raro cheio de sonhos e perplexidades. Geralmente um mundo de poesia, poesia mesmo no sofrimento e nas decepções infantis, — é natural que um grande romancista se encontre nêle como se estivesse no mais denso e espectante dos climas de romance. Foi êsse o segrêdo de Graciliano Ramos em "Infância", — aproveitando sàbiamente um grande tema, atento a todos os seus movimentos de ordem exterior, mas igualmente sensível a todos os fenômenos de sua substância e de sua essencialidade.

O memorialista de feitio diverso, dado a descidas de introspecção no seu esfôrço evocativo, levaria a sua notável experiência de proustiano a seu modo, bastante longe. Não ficaria no poderoso livro, único em nossa literatura, que é "Infância". Partiria para um desdobramento, continuando, dilatando um caminho iniciado, — senão dentro de imediata continuidade como seria a de narrar sem intervalos, porém passando a outro período significativo de sua vida: o período em que o destino o encaminhou à mais absurda e chocante experiência que havia reservado para êle. Dessa experiência, na verdade terrível, êle saiu maior, tanto o homem como o escritor, não havendo mesmo, em nossa crônica literária, um outro exemplo como o dêle: o exemplo de um escritor quase dotado de genialidade, de um escritor que viria figurar ao lado dos pouquíssimos que entre nós são realmente grandes, passar pelo que êle passou, à margem da indiferença por assim dizer da maioria. Há, realmente, uma ironia em tudo isso, a começar, se não se zangam os materialistas da história, pelo ironia do destino. O próprio Graciliano Ramos, mais fatalista do que marxista ao sentir e viver o problema, não esconde a sua convicção: a de que o destino também estava ali, contraditório e cínico, a rir dêle, tão incrível era a situação vivida.

JORGE DE LIMA, HOMEM DA RENASCENÇA

"Jorge de Lima — disse Menotti del Picchia no discurso com que homenageou a memória do colega morto, na Câmara dos Deputados — era um homem da Renascença. Explicava e exprimia bem o atual instante universal, porque, na realidade, se a Renascença foi um romper de rotas marítimas, uma curiosidade científica, um retôrno aos estudos clássicos revivendo a graça e a beleza das criações artísticas dos gregos e romanos, e, sobretudo, uma tomada de consciência da individualidade que saia do difuso dilúculo do medievalismo, nós também, neste instante, assistimos a uma verdadeira Renascença em todos os quadrantes do Universo. Tôda uma estrutura do mundo, todo um ciclo social se desmancha, e aquilo que pensamos que seja o cáos destas horas, não é mais do que o nascimento de um mundo mais perfeito, mais equânime, iluminado pela justiça social, quebrando as últimas diferenciações que existem entre os homens, socializando-se as descobertas da técnica e fazendo com que no amanhã da humanidade haja iguais oportunidades para todos. Assim se explica que nacesse no Brasil um homem todo completo. Antena captando tôdas as ondas, criatura em dia com o seu momento, foi, incontestàvelmente Jorge de Lima. Da fase, onde nos dá a "Nêga Fulô", a maravilha de "Banguê" e de outros poemas revolucionários, passa para a fase espiritual. Aí esplende outra faceta dêsse homem singular, dêsse homem davinciano. Aparece o criador da "Túnica Inconsutil" e de "O Tempo e Eternidade", dos livros onde melhor se sedimenta a extraordinária capacidade da sua fôrça de criação, original e sempre nova. Mas Jorge de Lima tinha a inquietação dos renascentistas. Êle não parava nessas experiências, não ficava nessas pesquisas: queria continuar sempre a atormentada busca da beleza e da verdade, tendo na mão o relógio do seu tempo a marcar o minuto da sua contemporaneidade.



Graciliano Ramos

RESPONDENDO AO VETERANO

Na sua seção diária — tão original quanto o autor — o Sr. W. C. me chama de noticiarista literário, atribuindo-me "perfídia" em certo incidente já conhecido. A palavra melhor se alojaria no dicionário moral do referido, a quem não ouso comparar-me em tal terreno. Sem imaginação, como sem outros dons, o veterano auxiliar de redação me rouba o título com que o batizei há pouco tempo. Não teve graça desta vez, o que lhe é habitual, como se sabe. Quanto ao diploma de noticiarista literário, a êle cabe muito mais do que a mim. Não só pelos direitos de antiguidade (são trinta anos de batente!), como também, e principalmente, pela justeza da aplicação.

Nem todos podem

fazer uma estação de águas, mas todos podem conseguir uma excelente depuração orgânica, pelas vias eliminatórias; expelir as areias e os cálculos do ácido úrico e uratos, causadores do artritismo, da gota, do reumatismo, desintoxicar o fígado, os rins, os intestinos; tirar a acidez excessiva da urina — uma das causas da irritação da próstata e da uretra: corrigir, enfim, a insuficiência renal e hepática por meio da UROFORMINA GIFFONI, granulado efervescente, de sabor muito agradável. Receitada diariamente pelas sumidades médicas.

DROGARIA GIFFONI

Rua 1.º de Março, 17 — Rio

VIRGILIA, filha do Conselheiro Dutra, «uma influência política», seria o amor que conviria a Braz Cubas. Casando-se com ela abrir-se-lhe-iam as portas do Parlamento. E o nome dos Cubas luziria ainda mais. Não podemos fugir ao desejo de mostrar como o autor conduz os acontecimentos ornamentando-os com lantejoulas de grandeza incontida.

Tomemos um trecho do capítulo XXVI em que o velho Cubas lamenta a morte da espôsa através de palavras que visam consolar o filho triste com o sucedido:

— Meu filho conforma-te com a vontade de Deus.

— Já me conformei, foi a minha resposta, e beijei-lhe a mão.

vém, e a todos nós, continuar o nosso nome, continuá-lo e ilustrá-lo ainda mais». Aceita a proposta de casamento, Braz Cubas vai à casa do Conselheiro Dutra e conhece Virgília. Logo o primeiro olhar «foi pura e simplesmente conjugal». Mas eis que quando a noiva e o parlamento já lhes sorriam, aparece o Lobo Neves, a quem assim se refere: «um homem que não era mais esbelto que eu, nem mais elegante, nem mais lido, nem mais simpático, e todavia foi quem me arrebatou Virgília e a candidatura, dentro de poucas semanas, com um ímpeto verdadeiramente cesariano». O efeito psicológico dêsse rompimento apressa a ida do velho Cubas dêste mundo para o outro. «Eram tan-

cena assim narra-a: «Vi-lhe — lembra-me bem — vi-lhe o grato sorriso de outro tempo, e nos olhos uma concentração de luz, que era, por assim dizer, o último lampejo da alma expirante. Mas a tristeza tornou logo, a tristeza de morrer sem me ver posto em algum lugar alto, como aliás me cabia.

— Um Cubas!

Morreu alguns dias depois da visita do ministro. Morreu sem lhe poder valer a ciência dos médicos, nem o nosso amor, nem os cuidados, que foram muitos, nem coisa nenhuma; tinha de morrer, morreu.

— Um Cubas!»

Detenhamo-nos um pouco na apreciação do trecho acima. Nêle verificamos

"UM GALHO DA ARVORE DOS CUBAS"

Não tinha almoçado; almoçamos juntos. Nenhum de nós aludiu ao triste motivo da minha reclusão. Uma só vez falamos nisso, de passagem, quando meu pai fêz recair a conversa na Regência: foi então que aludiu à carta de pesames que um dos Regentes lhe mandara. Trazia a carta consigo, já bastante amarrotada, talvez por havê-la lido a muitas outras pessoas. Creio haver dito que era de um dos Regentes. Leu-ma duas vêzes».

Carta de Regente. De certo modo, a mesma ostentação assinalada com relação à prata, «a velha prataria do tempo de D. José II, que estudamos no capítulo III.

Até da morte um Cubas tira partido para nos fazer crer na sua importância. E tanto isto é verdade que a carta de pêsames do Regente «estava já bastante amarrotada, talvez por havê-la lido a muitas outras pessoas», antes de tê-lo feito duas vêzes ao filho.

Grande consôlo para quem, acima da morte, colocava «o amor das aparências rutilantes».

Pela satisfação com que são pronunciadas estas palavras: «Já lhe fui agradecer êste sinal de consideração, concluiu meu pai, e acho que deves ir também...» arrancando do filho uma indagação que lhe proporciona o ensejo esperado para dizer:

— «...E um homem notável, faz hoje as vêzes de Imperador. Demais trago comigo uma idéia, um projeto, ou... sim, digo-te tudo; trago dois projetos, um lugar de deputado e um casamento», vê-se que a morte, fim de tudo, serve, no caso, simplesmente de mais um pretexto a fim de que os Cubas, sempre às voltas com a aristocracia, recebessem de um Regente, «um homem notável que faz as vêzes de Imperador», «um sinal de consideração». E êste sinal não só consola como também recrudesce nesta família o gosto de luzir. Daí a proposta de casamento associada a um lugar de deputado, pois o que o velho Cubas não queria era que o filho se deixasse «ficar inútil, obscuro e triste». Procura então persuadí-lo: «Não gastei dinheiro, cuidados, empenhos, para não te ver brilhar, como deves, e te con-

H. PEREIRA DA SILVA

tos os castelos que engenhara, tantos tantíssimos os sonhos, que não podia vê-los assim esboroados sem padecer um forte abalo no organismo. A princípio não quis crê-lo. Um Cubas! um galho da árvore ilustre dos Cubas!» Inconformado, o pai sofre mais que o filho. Doente, não resiste ao golpe inesperado. «Um galho de árvore ilustre dos Cubas desprezado! Morreu daí a quatro meses — acabrunhado, triste, com uma preocupação intensa e contínua, à semelhança de remorso, um desencanto mortal, que lhe substituiu os reumatismos e tosses». Tão grande era a sua mania de grandeza que nos últimos instantes de vida «teve ainda meia hora de alegria. Foi quando um dos ministros o visitou». O filho que assistiu à



D. Carolina, dedicada espôsa de Machado de Assis

ou melhor, confirmamos a presença de um fenômeno psicológico que não podemos deixar de assinalar.

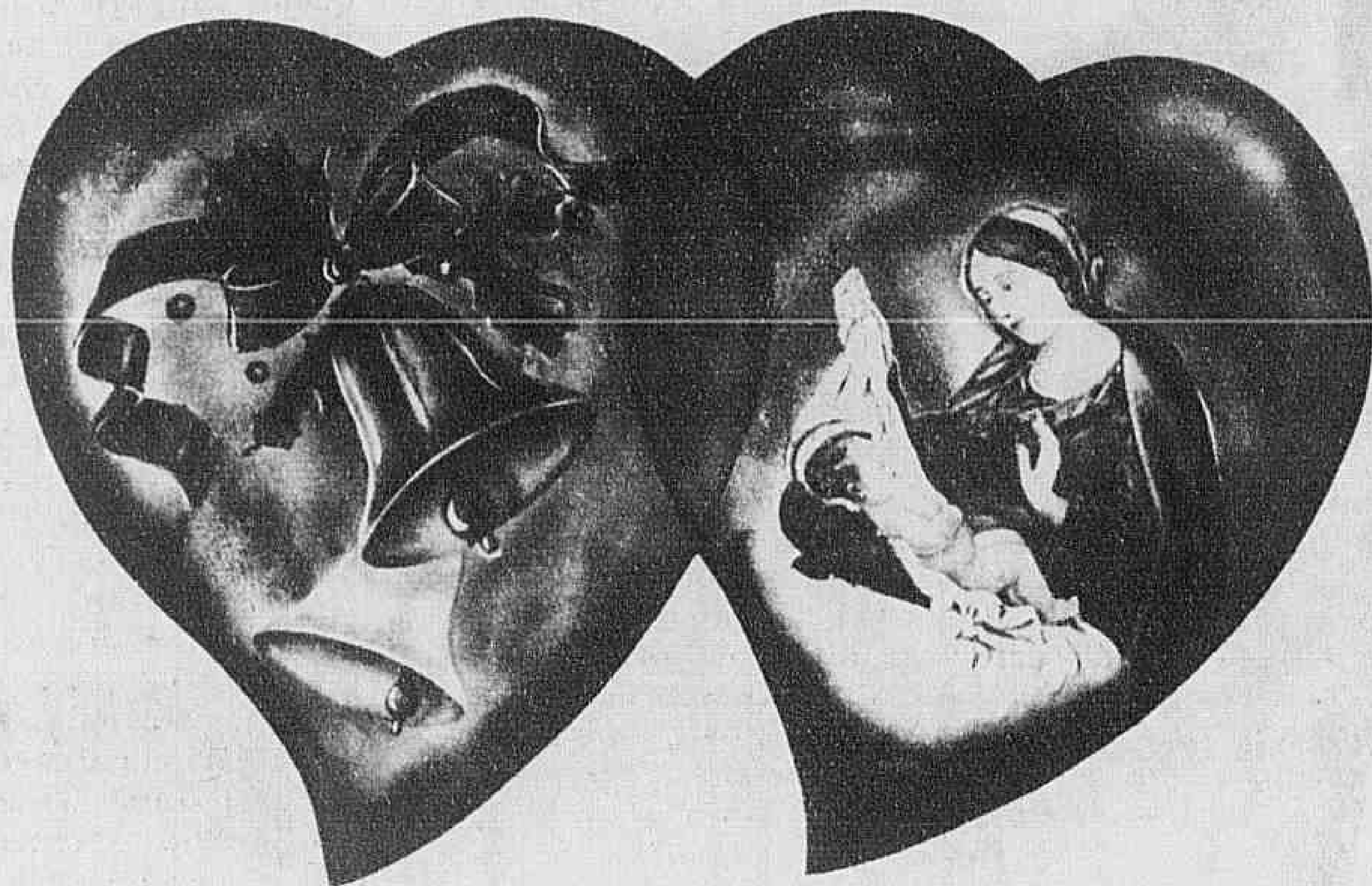
Por certo já o leitor percebeu o modo um tanto irônico com que Braz Cubas se refere ao pai. Chega mesmo a censurá-lo e a pôr-lhe na bôca expressões que o aproximam, não raro, do ridículo. «Um galho da árvore ilustre dos Cubas» é uma delas. Outras poderíamos citar. Não o fazemos por nos parecer desnecessário. Como explicar, porém, êsse fenômeno tão contraditório ao desejo compensado do escritor em passar por um Cubas, se êle mesmo o ridiculariza, eis o que pretendemos demonstrar em outra ocasião.

LEIAM
A NOITE Ilustrada
A revista completa

Carioca
EMPRÊSA A NOITE
PUBLICA-SE AOS SABADOS
Redação, Administração e Oficinas
Praça Mauá, 7-3.° and. - Tel. 23-1910
Rio de Janeiro — Brasil
★
Diretor — HEITOR MONIZ
Gerente — OCTAVIO LIMA
★
Número avulso:
EM TODO O BRASIL . . Cr$ 4,00
ASSINATURAS:
Para o Brasil, países do Convênio Panamericano, Espanha, Portugal e Colônias
12 meses .... Cr$ 150,00
6 meses .... Cr$ 80,00
OUTROS PAÍSES
12 meses .... Cr$ 300,00
6 meses .... Cr$ 160,00



GLÓRIA A DEUS NAS ALTURAS
PAZ NA TERRA AOS HOMENS DE BOA VONTADE



Que os éteres celestiais desçam com o Menino Jesus neste Natal sôbre o mundo, entrelaçando os corações de todos os homens, fazendo-os transbordar de puro amor para uma humanidade melhor.

Esta é a mensagem das

INDÚSTRIAS ANTISARDINA LTDA.



a todos os amigos, fregueses, consumidores e colaboradores, com os melhores agradecimentos pela preferência dispensada durante o ano que se finda.

1953 1954

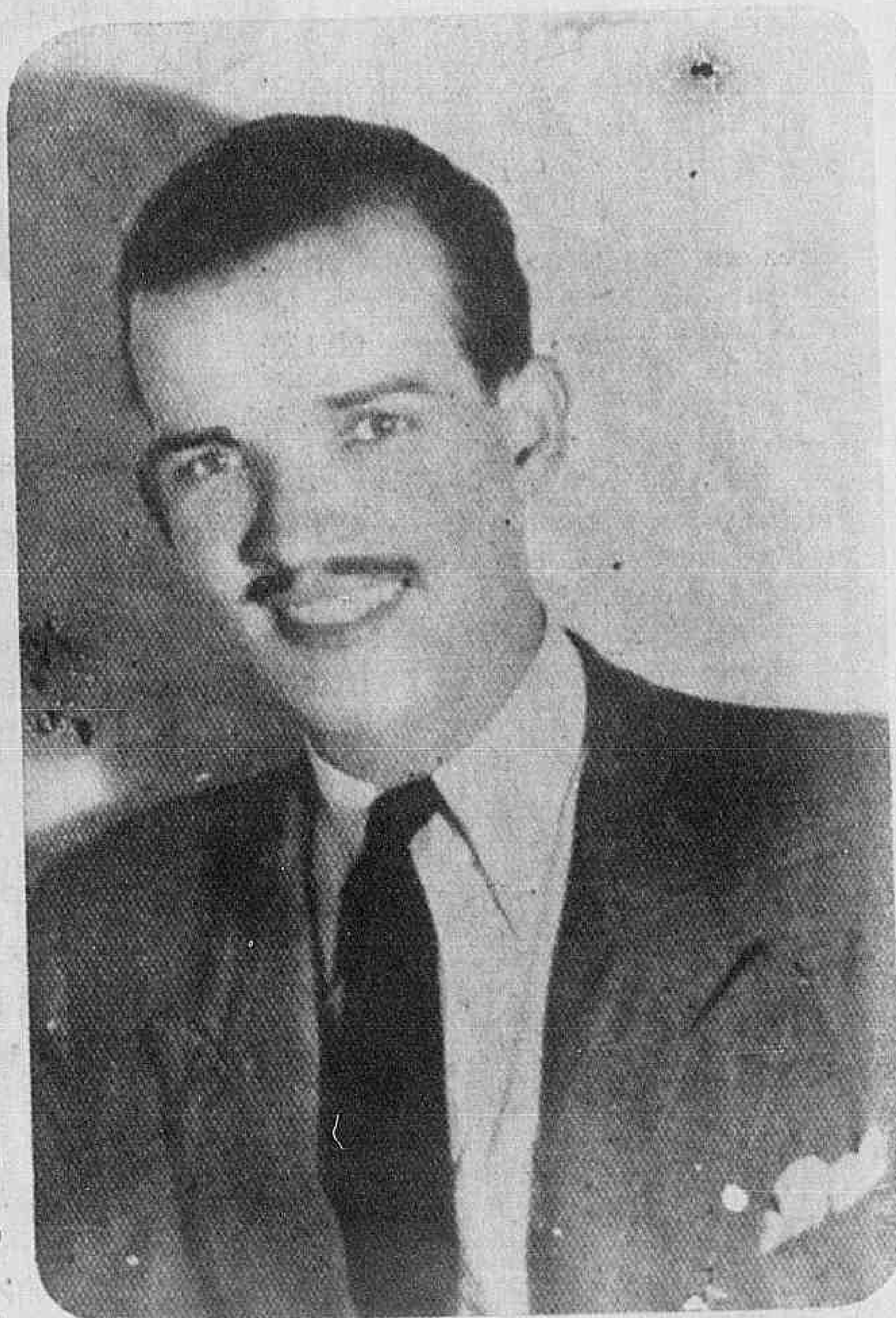




COMO PENSA

A correspondência destinada a esta seção deve ser enviada a Paulo José — Redação de CARIOCA — Praça Mauá, 3.º andar.

Prezado Sr. Paulo José — Como costumo colecionar fotografias de todos os astros do Rádio, ou melhor, daqueles com quem simpatizo, quer por sua voz bonita, por sua interpretação, etc., gostaria que fizesse chegar ao conhecimento de Urbano Lóes, êste meu pedido: "Urbano: Muito gostaria de possuir uma foto sua e espero merecer a sua atenção, assim como, se possível, entabolarmos uma troca de correspondência, que muito apreciarei. Nós, os gaúchos, apreciamos imensamente aos cariocas. Quando vier ao sul, espero que tenhamos



Artur Vargas Jr. é um compositor vitorioso. Para o carnaval passado, deu-nos êle "Documento de Operário". Durante os festejos juninos, tivemos ainda "Balão Cruz de Malta" e "Maluquinho por Baião". "Divina Visão" será seu próximo sucesso, talvez tão interessante quanto "Agulha no Palheiro", apresentado no filme do mesmo nome. Vargas Jr. estreou como ator cinematográfico em "Rua Sem Sol". Odete Amaral, Doris Monteiro, Pato Preto e De Chocolate gravarão suas próximas produções

O CARTAZ

Há vinte anos atrás, em Curitiba, Estado do Paraná, nasceu Regina Flores, a garota que hoje é a sensação da orquestra do Ruy Rey. Menina ainda, Regina veio para o Rio em companhia de sua família, ingressando no Municipal, onde fez um curso completo de bailado. Aos dezesseis anos, estreou em uma das nossas melhores "boites", atuou nos grandes teatros do Rio, não só com o bailado coreográfico, como o acrobático.

Ruy Rey, interessado na garota, convidou-a para rumbeira de sua orquestra, onde Regina vem cantando e dançando. Seus grandes sucessos estão na criação de números por ela marcados, uma estilização de clássico e moderno, como "Tico-tico no fubá" dançado em ponta, com uma graça extraordinária "Aquarela do Brasil" é outro número que Regina dança com agrado geral.

Embora haja aderido à dança estilizada, não perdeu sua classe como bailarina coreográfica e, sempre que lhe aparece oportunidade, podemos vê-la nos volteios maravilhosos de "Tarantela". Nos programas de Cesar de Alencar, quando se apresenta a orquestra do Ruy Rey, Regina é sempre um sucesso.

Vale a pena mencionar que, sendo de tipo "mignon", figurinha delgada, possuindo um palminho de cara interessante, Regina Flores é um encanto de mulher brasileira. Adorada pelos pais, ainda não pensou em casamento, porque o príncipe encantado só a interessará se não exigir dela uma separação que não lhe será possível, porque Regina é, antes de tudo, uma filha extremosa. Aqui temos o que é Regina Flores.

SAM OS RADIO-OUVINTES

oportunidade de estreitar relações, para o que, desde já, ponho às suas ordens a minha residência. Grato pela atenção, Muyses Cezar. — Rua Santos Pedrosa, 162 — Pôrto Alegre.

*
**

Sr. Paulo José: — Um afetuoso abraço: — Mais uma vez utilizo a sua seção, fazendo-a emissária dos meus sinceros votos à nossa melhor intérprete, Doris Monteiro. Essa estrelinha, que brilha a todo o momento, é, sem dúvida alguma, a grande revelação de 53. Como cantora, não precisamos falar, porque seus sucessos aí estão comprovando os fatos, mas podemos relembrar com alegria, o seus auspicioso lançamento como atriz cinematográfica. Seus fãs podem dizer com orgulho: E' a maior. Pelo brilhantismo e merecimento com que você, Doris Monteiro, conquistou o título de "A Melhor atriz de 53", do D. Federal, apresento-lhe meus sinceros parabens, através de CARIOCA, a maior revista do Brasil. Continue brilhando muito e sempre. — Meus agradecimentos ao Sr. Paulo José e um abraço da Diva Costa.

*
**

Prezado Sr. Paulo José: — Venho, por meio desta, em nome do "Fan-Clube" da nossa simpática cantora Guacira, do qual sou um dos dirigentes, solicitar a publicação desta mensagem à nossa grande locutora, Denise Resende: "Nós aqui no Rio Grande do Sul, formamos uma reunião e queremos eleger a nossa querida locutora Denise Resende, um elemento que se destaca e que bem merece o título de a "Melhor Locutora do Rio G. do Sul". A par de sua simpatia, tem ainda uma bela voz. Queremos exaltar-lhe os predicados, elevando bem alto o nome dessa gaúcha que tanto contribui para o brilhantismo da nossa radiofonia. Agradecendo a publicação, cumprimenta-o o amigo gaúcho — Moacyr Teixeira Pinto.

*
**

Prezado Sr. Paulo José — Sendo eu assídua leitora de CARIOCA, principalmente desta seção, venho falar da audição de "rentrée" da "Voz de Ouro" do Brasil, Dalva de Oliveira. — Voltou a graciosa Dalva e de forma estupenda. Ela pôde ser apreciada inteiramente, sem que nada perturbasse a audição de retorno. Foi uma seleção de bom gosto o que a Tupi proporcionou aos ouvintes, apresentando a "Rainha da Voz" e comprovand que sua ausência não diminuiu seu prestígio entre os fãs. Dalva continua cuidadosa com seu repertório, emotiva em suas interpretações e simpática no convívio geral. Marcará novas vitórias como a de terça-feira, dia 8, ao microfone da Rádio Tupi. As manifestações que recebeu não deturparam o spírito xato de sua audição para os que de longe aguardavam sua volta. Fez uma chegada triunfal e derrubou tabus. A "Embaixatriz da Música Popular Brasileira" demonstra que é possível fazer-se rádio sem transformá-lo em circo. Cantando bem e escolhendo melhor. Legando a balbúrdia a outras "estrêlas" que cêdo demais se iludiram com uma vitória que nunca se positivará. Dalva cantou firme, e para tôda gente. O auditório, superlotado, bateu palmas que refletiram o mesmo agrado que o sorriso do ouvinte estampou. Foi uma coisa gostosa, essa audição e que bem merece elogios.

Muito obrigado pela publicação desta, muitas felicidades para o senhor e que para Dalva caia do céu uma chuva de rosa, trazendo em cada pétala um milhão de sucesso e felicidade.

Da fã Dalvista Alcina Corrêa.



Ruth de Barros gravou, para o carnaval de 1954, a composição "Marcha do vovô", de autoria de Arnaldo Passos e Geraldo Queiroz. Eis sua letra:

Vovô!
Apesar dos seus noventa — **Bis**
Vovô parece,
Que só tem quarenta
E' preciso ter muito cuidado
P'ro velhinho não sair só!
Porque se êle cai na farra
Só na quarta-feira vai se lembrar da vovó
(Cuidado com êle)

O RÁDIO HÁ DEZ ANOS



Cristina Maristane dizia, com tôda segurança, que transpomos o Natal embalados pela esperança de que os outros Natais nos tragam tranquilidade e a certeza de que o mundo purifica seus valores e aprimora os seus encantos". Continuamos esperando que tal aconteça



Virginiia Lane cantava na Rádio Nacional e fazia grande sucesso. O cronista afirmava que "sua voz meiga e simpática se ajusta admiravelmente ao gênero que ela interpreta ao microfone". A verdade é que Virginia continua em forma, agora mais do que nunca



Iberê Gomes Grosso era um famoso maestro da Rádio Nacional e nome sempre lembrado pela crônica. O tempo passou e parece que o rapaz deixou de se interessar pelo sem-fio. A verdade é que bem poucas vezes ouvimos agora seu nome, relacionado ao microfone

Por trás do Dial

As cartas, para esta seção, devem ser enviadas a MIGUEL CURI, Redação de CARIOCA, Praça Mauá, 7, Rio.

MOTIVOS PARA CRER

Tenho motivos e razões para crer num alevantamento do nível artístico e intelectual do rádio, em 1954, pela simples razão de que, a seguir na rota de 1953, se degradará à última degradação. Que razões e motivos são êsses? Indicam o senso psicológico e o tato político que, em 1954, o rádio se subtrairá se repetir 1953; só somando, subirá e recuperará a parcela dos ouvintes que o abandonaram.

Devo reafirmar, como princípio imutável, que minhas críticas ao rádio se inspiram no interêsse de vê-lo ascendente, sem nunca negar-lhe a parte de benefícios que já prestou à população, destacadamente, à interiorana. A crítica é o acicate construtivo, o ferrete a despertar ignoradas energias e possibilidades. Se a crítica se conduzir pela rama, tecendo os novelos das bobagens, numa afloração do que o rádio tem de menos duradouro, perde a sua função e sentido. A nossa crítica é de um quase incontentamento, na convicção de que só assim o rádio acelera a sua marcha. Mas, daí a negar os frutos que dá, vai uma distância.

Frisemos: o rádio dá-nos frutos sumarentos, mas, dá-nos também amargos. Em 1953, os frutos foram amaríssimos; se-lo-ão em 1954? Estou esperançoso de que a Rádio Tupi desatole o seu carro; que a Rádio Globo, na parte diurna, se equivalha à noturna; que a Eldorado se faça mais ouvida pelas camadas populares; que a Mauá «trabalhe» mais ajuizadamente; que a Tamoio «chore» menos; que a Nacional continue subindo; que a Mayrink Veiga aproveite a sua ascenção; que a Roquete e a Ministério da Educação arejem o seu didatismo e envolvam as camadas a que destinam os seus programas; que a Jornal do Brasil vá ampliando os seus índices de audiência, que...

Tenho fundadas esperanças de melhoria, sem que o rádio deixe de ser popular. E' que o conceito de «rádio popular» vai adquirindo seus legítimos contornos, deixando de ser uma sinonimia de vanidades e truismos. Um rádio popular, por exemplo, é o da Orquestra Melódica, com um belo índice de audiência; é o de «Rádio-Almanaque Kolynos», «Seu Criado, Obrigado!», etc. Entendido?

A utilização da música erudita, (clássica), depende de conhecedores da literatura musical de que o rádio tanto carece. Lembro-me de Lucilia de Figueiredo, já falecida: seu profundo saber, no gênero, tornavam gostosos os programas mais difíceis. Tinha senso pedagógico, sentido radiofônico, despertando, em poucas palavras, o interêsse e curiosidade do sintonizador. Essa carência conduz o rádio ou a apresentação inadequada da música ou ao aproveitamento das que só contenham, pela melodia, acentuado encantamento.

Fiquemos por aqui, que o assunto é vasto. Saudemos 1954 como um ano bom para o rádio.

MIGUEL CURI

NOTICIAS

O professor Fernando Tude de Souza reassumiu a direção da Rádio Ministério da Educação — O casamento de Ester de Abreu com o coronel Dulcidio Cardoso, prefeito do Distrito Federal, está marcado para princípio de 1954 — Dolores Durand em negociações para uma temporada no Uruguai — Lucio Alves ainda sem emissora, esperando realizar uma excursão por vários países sul-americanos — Aniversários: 31, de Vitor Costa; 1 de janeiro, de Nelio Pinheiro; 3, de Luiz Jatobá e José Renato; 4, de Ruy Rey; 6, de Oswaldo Elias e Brandão Filho, e 8, de Jairo Argileu.

VAMOS TROCAR CARTAS?

O Serviço de Correspondência Escolar Internacional e Nacional da Casa do Estudante do Brasil, dirigido por Edméa Dias, recebeu centenas de pedidos de correspondência de estudantes da Alemanha, Finlândia, México, Inglaterra, Bélgica, Holanda, Canadá, Estados Unidos, Peru, Suécia e Chile, que desejam corresponder-se com colegas brasileiros. Os interessados devem dirigir-se àquele serviço, à rua Santa Luzia, 305, Rio, sede da Casa do Estudante.

—

Heitor Medeiros, da R. Visc. do Rio Branco, 1, Rio, deseja o endereço de Maria Inacia Medeiros, da cidade de Pres. Venceslau.

—

Anulamos muitas inscrições, ou por falta de endereços, cupões e sobrenomes ou por se desviarem das finalidades da epistolografia.

CUPÃO DE INSCRIÇÃO

Para sua inscrição ser válida nesta seção, deve vir acompanhada dêste cupão. Em sua inscrição, o leitor dirá porque pretende corresponder-se, dando, depois, o seu nome completo, idade, profissão, ocupação, endereço e, se os tiver, seus temas, idiomas e lugares preferidos. Recorte e envie êste cupão.

—

A seguir, damos o nome dos que desejam iniciar uma troca de cartas com os seus patrícios ou não, acompanhados de seus dados pessoais e preferenciais, se as tiverem:

DISTRITO FEDERAL — Leo Regis, 25 anos, comerciário, astrologia, mus. popular e poesias com mineiros; R. Barão de Mesquita, 394 — Carlos Mac Dowel, 23 anos, estudante de artes plásticas; R. dos Inválidos, 9 — 1.º andar — Ewerton Sales, 25 anos, médico, com menores; R. Frei Caneca, 410, Ministério da Educação.

JAPÃO — Akeo Saito, 18 anos, filosofia, moeda, esportes; endereço: 4.644 Koshigaya-Town, Saitama City, Saitama-Ken — Massajiro Taguti, inglês e contos; endereço: 1.138 Nishiki-Machi, Kumayashi, Saitama-Ken. (Ambos são estudantes e correspondem-se em japonês e inglês).

PORTUGAL — Carlota Santos e Alcino do Carmo, com maiores de 45 e 15 anos; R. João de Deus, 8 — 2.º Dto., Sintra.

AMAZONAS — Maria Cleonice de Lima, 21 anos, datilógrafa, com Pará, Amazonas, S. P. e Rio; R. Gomes de Castro, 320, Parintins.

PARA' — Belém — Cild S. Alberth, 25 anos, soldado; Base Aérea de Val-de-Cans — Manuel Porto, marujo; 4.º Distrito Naval, Corveta Carioca.

MARANHÃO — Maria Lindalva Sena, 18 anos, estudante; R. da Pedreira, 15, Caxias — Teresa Gonçalves, 23 anos, contadora, com maiores de 23; R. Cel. Manoel Inacio, 205, S. Luiz.

CEARA' — Fortaleza — Sandra Mara, 15 anos, estudantes, com o Sul e Centro; Av. Imperador, 920 — Araci Carvalho, 20 anos, estudante; R. Frei Mansueto, 1.030 — Valnizia e Vanda Studart, 17 e 18 anos, estudantes; R. Frei Mansueto, 1.018.

PERNAMBUCO — José Mendes Ramires, 50 anos, engenheiro, literatura, português, inglês, esperanto, francês e

história com moças além de 25, das capitais e descendentes de estrangeiros, mormente, ingleses; Posta Restante, Correios e Telégrafos, Vitória de Santo Antão — Elba de Castro Marques, 25 anos, com maiores de 26; R. 21 de Abril, 993, Afogados, Recife — Lucy Cataldo, 20 anos, escriturária; C. Postal 1.194, Recife.

PARANA' — Luzinete de Araujo e Lindomar Freire, Mareny Pereira e Claudete Maria, 15, 20, 17 e 18 anos, escriturárias; Endereço: Escritório Central, Rio Tinto.

RIO GRANDE DO NORTE — Luiza de Almeida e Joana da Costa; R. Lucas Bicalho, 35, Rocas, Natal — Maria da Conceição Pimenta, 14 anos, estudante, com Maranhão, S. P. e Pernambuco; Av. Alexandrino de Alencar, 688, Alecrim, Natal.

SERGIPE — Amintas de Brito, 18 anos, estudante, com Br., Arg. e México; Hospital Santa Isabel, Av. Simeão Sobral, Aracaju.

ALAGOAS — Lacerda Martins Braga, 18 anos; R. Vigario Belo, 77, Porto de Pedras.

MINAS GERAIS — Wandyr Rodrigues, 18 anos, funcionário; Dep. de Correios e Telégrafos, Juiz de Fora — Madelon Aparecida Paganelli, 23 anos, professora, com Br., Esp., Fr. e Port.; R. Quintino Bocaiuva, 60, Alfenas — Myrna de Souza, Karen Macedo e Cristina Moraes, 17, 16 e 15 anos, estudantes; R. São Pedro, 118, Muriaé — Giselia Suckow, 16 anos, pianista, com maiores de 20; R. Sena Madureira, 205, Barbacena — Joaquim Neto, 15 anos, estudante; C. Postal 78, Manhumirim.

ESTADO DO RIO — Mirna e Neyde Coelho de Paula e Sandra Montenegro, 17, 14 e 17 anos, estudantes, em port. e esp. com Br. e exterior; R. Benjamim Constant, 192 — sobrado e 51, Cantagalo — Thales da Silva Bahia, 26 anos, com moças além de 28; Colonia Penal Candido Mendes, Ilha Grande.

ESPIRITO SANTO — Miriam Silva, 24 anos, estudante, com maiores de 25; R. Senador Mesquita, 57, Cachoeiro de Itapemirim.

PARANA' — Viviane de Pauli e Telma Lucia Gilbert, 19 e 18 anos, normalistas; com maiores; R. Cons. Laurindo, 894, Curitiba — Marisete Miranda, 22 anos, em esp. e port.; R. Belém, 54, 30.º Distrito, Curitiba — Milton Iderer, 19 anos, estudante; R. Augusto Ribas, 873, Ponta Grossa — Alice Teixeira, 16 anos, estudante; R. Generoso Marques dos Santos, 174, Ponta Grossa.

SANTA CATARINA — Walter Pohl, 16 anos, bancário; C. Postal 5, Curutibanos — João Dimas Antoni, 19 anos, lápis de propaganda e postais; C. Postal 93, São Francisco do Sul.

SÃO PAULO — Lia Regina, 18 anos, estudante, com maiores de 20, estudantes e funcionários de Minas, Rio, S. P. e Paraná; R. Santa Cruz, 1.131, Piracicaba — Eduardo Gomes, 19 anos, escriturário; R. Padre Roque, 136, Mogi-Mirim — Angela Maria Galache, 20 anos, doméstica; Cel. José Braz, 605, Marilia — Paulo e Carlos de Castro, 29 e 21 anos; R. Dr. Pedro Costa, 230, Taubaté — Mary Stela Javelay e Rose Marie, 19 anos, estudantes, com colegas; R. Leopoldo Machado, 199, Sorocaba — Carmem Silva e Sandra Amorim, 18 anos, estudantes, com colegas; R. Cel. José de Barros, 121, Sorocaba — Helio Cilo, industriário, 29 anos, com as capitais; R. Francisca Julia, 335, Alto de Santana, São Paulo — Osmundo de Matos, 26 anos, tradutor, com Pará, Blumenau e Alemanha, em esperanto, alemão, esp., port., ing., it. e guarani, cultura; Largo da Polvora, 46, S. Paulo — Laurindo Toretta, 23 anos, contador e estudante de Direito, em ing. e port. filosofia, lit. e rádio; rua Direita, 191 — 9.º — C. B., São Paulo — Carlos Teixeira Ludovino, 25 anos; C. Postal 1.736, São Paulo.

RIO GRANDE DO SUL — Adão Paulo Retzke, operário; R. João Pessoa, 471, Rio Pardo — Wanda Silveira, Idalina Meotti, Edith Resende, Iloma Albuquerque e Iolanda Costa, 17 anos, domésticas; C. Postal 10, Ijui — Angela Barros, 17 anos; R. Tiradentes, 100, Rio Grande — Edith Goelbus, 15 anos; R. Marques de Souza, Lajeado — Odila Gomes, 32 anos, com maiores de 36; Circulo Operário Pelotense, casa 2, Pelotas — Regina Porto, doméstica, com militares além de 30 anos; Av. Mal. Floriano, 1.799, Bagé — Dareis Demetrio, 19 anos, estudante, filatelia, com Port., Arg., Esp., Uruguai e México e Europa; Av. Julio de Castilhos, 1.978, Caxias do Sul — Tininha Branco, 31 anos, comerciária, com maiores de 31 do Br. e exterior; Av. Julio de Castilhos, 1.083, Caxias do Sul.

ESTADO DO RIO — Moacir Cardoso, 17 anos, estudante; R. Arnaldo Duarte 168, Manejo, Resende — Waldir Amaral, 23 anos; Colonia Penal Candido Mendes, Ilha Grande.

S. PAULO — Martha Martins, 16 anos, estudante; R. Prudente de Moraes 54, Pinhal — Ana Lilia, 23 anos, professora, com o Br. e ext. livros, cultura, trocas; R. José Bonifacio 356, Mogi-Mirim — Solange Monteiro, 29 anos, costureira, com maiores de 35; C. Postal 10, Mogi-Mirim — Marcia Gonçalves, 28 anos, com Santos, S.P. e Rio; Fazenda Santa Barbara, Martim Francisco — Ubirajara e Silva, 38 anos, funcionário, com moças além de 28; C. Postal 3, Atibaia — Laerte de França Rangel e Joaquim Rodrigues, 24 e 25 anos, motoristas; R. Rangel Pestana, 195, Cadeia Pública, Guaratinguetá — Geraldo José, 18 anos, linguas, cultura, cine, rádio e música; com S. Carlos Campinas, Piracicaba e Dois Corregos; Av. 1-A, n.º 307, Rio Claro — Os nomes seguintes são de São Paulo: Nancy Guimarães, 16 anos, estudante, carta e trocas; R. Voltolino 8-A — Jorge Luiz Stark 19 anos, estudante, postais com Rio, Minas, S. C., Territórios e S. Paulo; C. Postal 7.084 — Miguel A. Leme, 25 anos, estudante; C. Postal 8.364.

RIO GRANDE DO SUL — Alda Halmenschlager, 26 anos, comerciária, com maiores de 26; C. Postal 35, Ijuii — Vera, Vanda e Vilma Gonçalves, 21, 23 e 25 anos, com maiores de 22; C. Postal 174, Pelotas — Daura Souza, 17 anos, com o Rio, fotos de artistas do rádio e teatro; R. Prof. Araujo 501, Pelotas — Darnell Demetrio, 19 anos, radialista, cartas e selos com a Europa e Americas; Av. Julio de Castilhos, 1.978, Caxias do Sul — Maria Ferraz, com maiores de 28; R. Mal. Floriano 1.500, Santo Angelo — Lila Costa, 24 anos, funcionária, em esp. e port., com os 2 sexos; R. Oscar Schneider 568, Glória, Pôrto Alegre — Rodolfo da Palma Miller e Antonio Guimarães, 21 anos, radiotécnicos; Primeira D.L.S.G.E., Morro Menino Deus, P. Alegre — Iracema Alves Pereira, 25 anos, doméstica; R. Saldanha Marino 1.332, Cachoeira do Sul.

SANTA CATARINA — Idalício Farias e Ermelino Burgonovo, 20 anos, operários; C. Postal 44 e 1, Brusque — Hilton José da Silva e Orides Dutra, 21 e 20 anos, operários; R. 1.º de Maio, 351, Brusque — Marcia Guimarães, 23 anos, doméstica; C. Postal 203, Joinville.



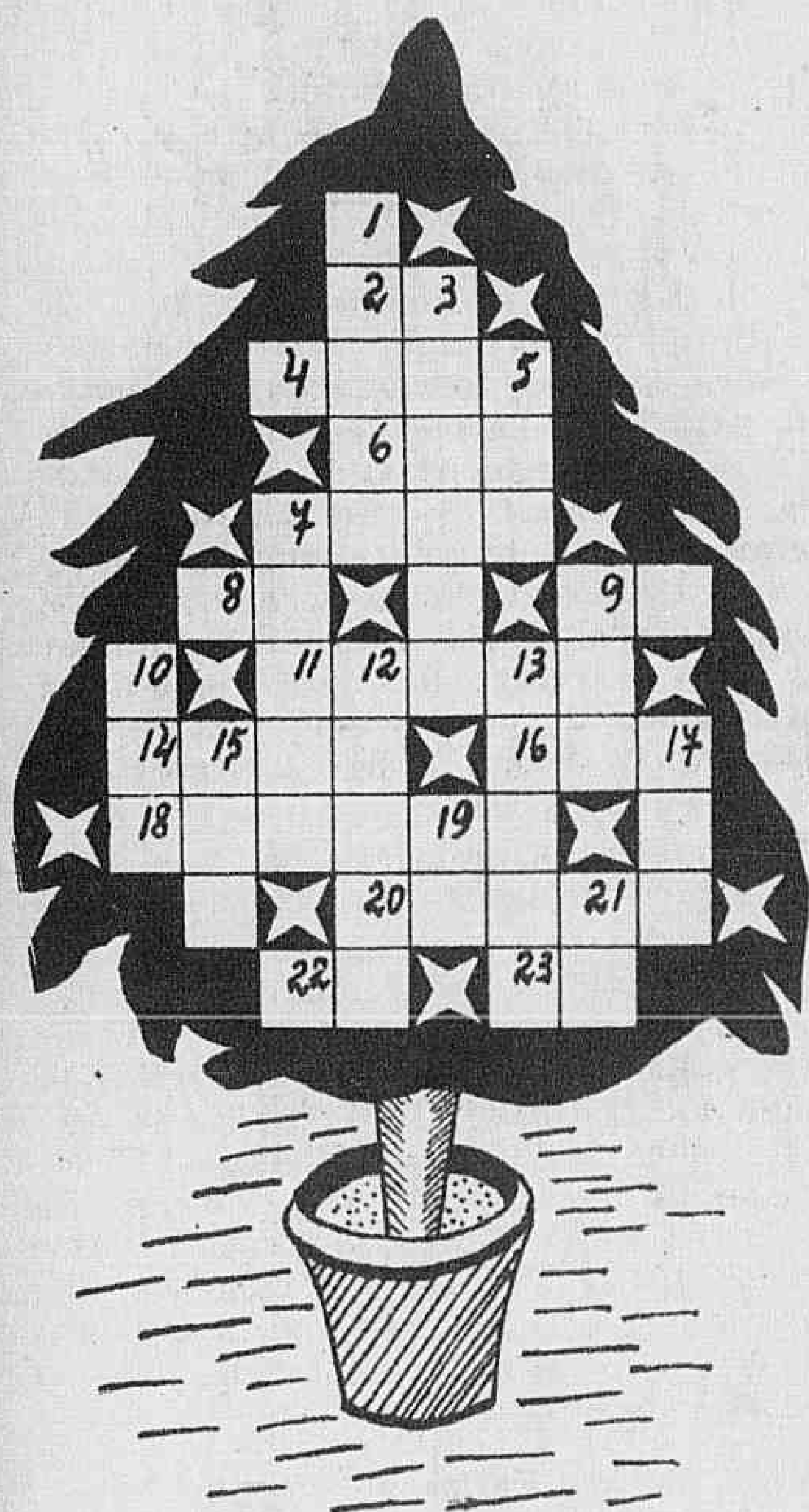
Para seu RECREIO

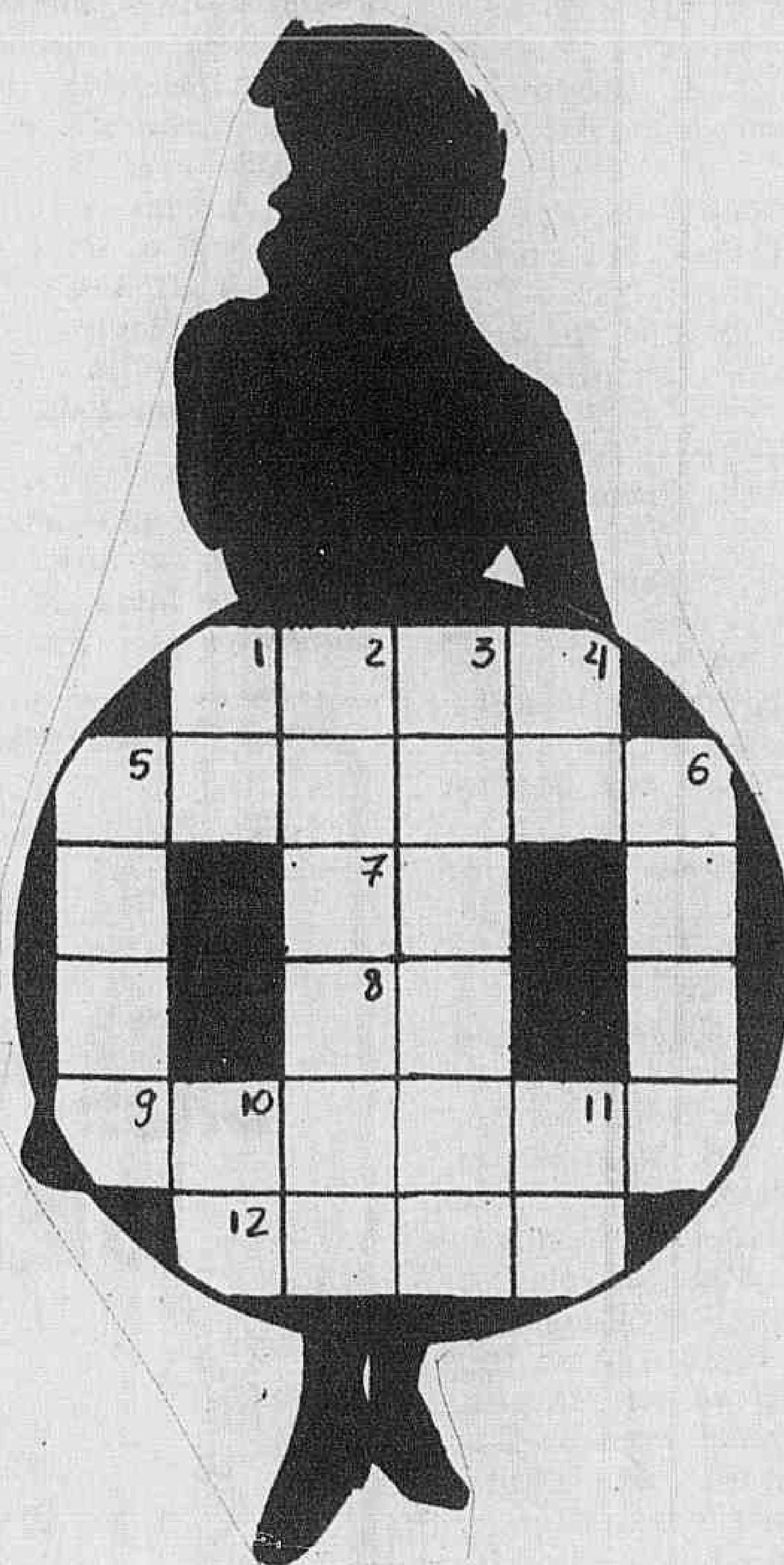
POR WILSON COUTO

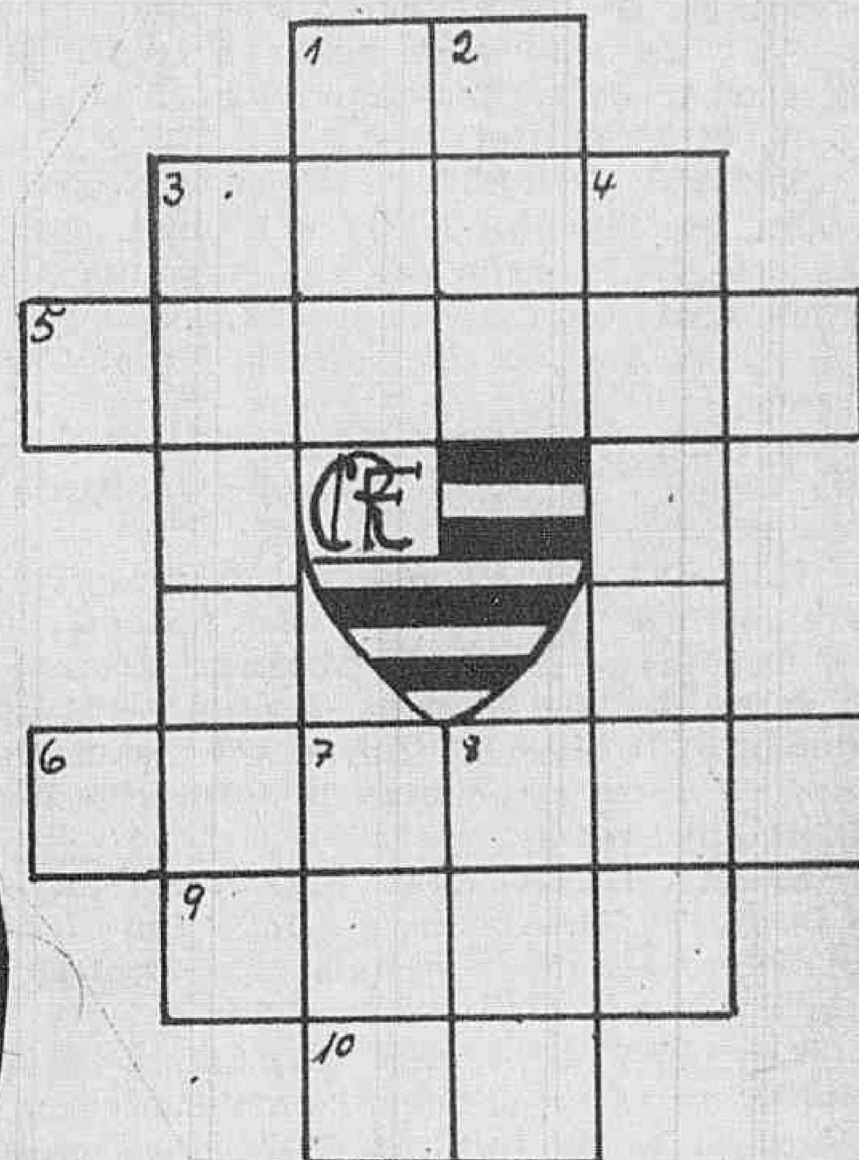
Soluções dos problemas do número anterior

PROBLEMA PRATA
HORIZONTAIS = Camapus — Polígonos — Cá — DF — Soba — Lira — Rá — Bi — Façanhudo — Sal — Ala.
VERTICAIS = Cócoras — Calabaças — mi — Ac — Unha — Pó — Hás — Fundíbulo — Sofrida.

PROBLEMA XAVIER CUGAT
HORIZONTAIS = Ira — Mala — Vi — Am — Grão — Arita — Asa — Te — Soam.
VERTICAIS = Imã — Ramas — Al — Rás — Agí — Rata — Va — Ion.







Problema Pinheirinho

HORIZONTAIS = 2. Símbolo do Rádio — 4. Seguimento ou sucesso de coisas que estão na mesma direção — 6. Balcão onde se servem bebidas — 7. A parte que permanece líquida após a coagulação de um fluido orgânico — 8. Instrumento agrícola — 9. Filho de jumento e égua — 11. Interrupção temporária de ação ou som — 14. Agregar; ligar-se — 16. Época — 18. Variedade de cânhamo europeu cujas fôlhas e flores são empregadas como narcótico. — 20. Sereia de rios e lagoas — 22. Contínuo; indivisível — 23. Pessoa exímia em aviação.

VERTICAIS = 1. Cada uma das divisões de um povo em algumas nações antigas — 3. Furor; exaltação — 5. Planta da família das leguminosas — Papilionaceas — 7. Variedade de madeira de pinho — 9. Título dos bispos maronistas de origem siríaca — 10. Produzir; bater — 12. Malha, de côr diversa do resto do corpo, perto do casco do cavalo — 13. Campo de sereais — 15. Claridade que o sol envia à terra. — 17. Suspiros — 19. Tratamento dado às velhas amas de crianças — 21. Pêso romano, libra de 12 onças.

Problema Silhueta

(Carlos Funes S. P.)

HORIZONTAIS = 1. Nome de uma fruta — 5. Ato de defender — 7. Unidade — 8. Sobrenome — 9. Tomar nota — 12. Fazer uso de.

VERTICAIS = 1. Base; pedestal — 2. Entornado; derramado (plu.) — 3. Concluir; completar — 4. Artigo plural — 5. Mencionada — 6. Gostar — 10. Sem roupa — 11. Atmosfera.

Problema Rubro-Negro

(Aluisio — E. Rio)

HORIZONTAIS = 1. Tumor também chamado arrieira — 3. Corda de esparto para alar ou arrastar certas rêdes — 5. Ligada; associada — 6. Papa de farinha de trigo ou outro cereal qualquer, com leite e açúcar — 9. Desmoronar; cair por terra — 10. Contração.

VERTICAIS — 1. Porém; contudo — 2. Corpo lateral de um edifício — 3. Soltar lamentos; gemer — 4. Librar as asas; pairar — 7. Despedida. — 8. Nome de duas peças curvas de madeira, que forma ângulo, entalhado entre si e o no contra-cadaste.

Pergunte o que quizer

Esta seção responderá às perguntas dos leitores sôbre assuntos de cinema. As cartas devem ser enviadas a PERY RIBAS. Redação de CARIOCA. Praça Mauá, 7. Rio.

*

CEREJA JR. — Porto Alegre — O filme a que se refere chamava-se no original «Paris mystérieux».

*

J. ALEXIS — São Paulo — Em «Depois da tormenta, o amor»: Amedeo Nazzari, Conchita Montes, Armando Falconi, Armando Falconi, Germana Paoliéri e Osvaldo Valenti. Em «Esta noite nada de novo»: Alida Valli, Dina Galli, Antonio Ganduzio e Carlo Ninchi.

*

JOSE' ANTONIO MENNAES — Rio — Realmente o cinema sueco já foi apresentado no Brasil com certa regularidade. Nos tempos do velho cinema «Parisiense» (no mesmo local do atual «Texas»), seu primeiro proprietário — J. R. Staffa — deu-nos os primeiros trabalhos de Mauritz Stiller, que mais tarde levou Greta Garbo para Hollywood, onde dirigiu poucos filmes, regressando à Suécia, desiludido com o cinema americano, com cujos métodos não conseguiu acostumar-se. Depois, a firma Marc Ferrez trouxe outros filmes da Svensk. O cinema sueco, já antes da última guerra, havia ressurgido com a mesma fôrça artistica do passado, que que o fizera modêlo e inspiração para muitos cineastas. A versão de «A carreta fantasma», de Sjostrom, não foi exibida no Brasil.

*

NORIVAL ROMEU — Rio — «El meixcano» ainda não foi importado por nenhum distribuidor de filmes aztecas. Foi produzido pela Films Trust Comp., e tem como intérpretes David Silva, Lupita Gallardo, Carlos Lopes Moctezuma, Chela Castro, Miguel Inclán, Arturo Soto Rangel e Luis G. Barrero. Direção de Agustin P. Delgado. E' de 1943.

*

MARIO BARBOSA — Rio Grande — Os atores premiados pela Academia foram, pela ordem: Emil Jannings, Warner Baxter, George Arliss, Lionel Barrymore, Fredric March, Charles Laughton, Clark Gable, Victor McLaglen, Paul Muni, Spencer Tracy (primeiro e segundo «Oscar», seguidos), Robert Donat, James Stewart, Gary Cooper, James Cagney, Paul Lukas, Bing Crosby, Ray Milland, Fredric March (segundo «Oscar»), Ronald Colman, Sir Laurence Olivier, Broderick Crawford, José Ferrer, Humphrey Bogart e Gary Cooper (segundo «Oscar»). Atrizes: Janet Gaynor, Mary Pickford, Norma Shearer, Marie Dressler, Helen Hayes, Katherine Hepburn, Claudette Colbet, Bette Davis, Luise Rainer (primeiro e segundo «Oscar», seguidos), Bette Davis (segundo «Oscar»), Vivien Leigh, Joan Fontaine, Greer Garson, Jennifer Jones, Ingrid Bergman, Joan Crawford, Olivia de Havilland, Loretta Young, Jane Wyman, Olivia de Havilland (segundo «Oscar»), Judy Holiday, Vivien Leigh (segundo «Oscar») e Shirley Booth. Artistas coadjuvantes: Atores — Walter Brennan, Joseph Schildkraut, Walter Brennan (segundo Oscar»), Thomas Mitchell, Walter Brennan (terceiro Oscar»), Donald Crisp, Van Heflin, Charles Coburn, Barry Fitzgerald, James Dun, Harold Russell, Edmundo Gwen, Walter Huston, Dean Jagger, George Sanders, Karl Malden e Anthony Quinn; atrizes — Gale Sondergaard, Alice Brady, Fay Bainter, Hattie McDaniel, Jane Darwell, Mary Astor, Teresa Wright, Katina Paxinou, Ethel Barrymore, Anne Revere, Anne Baxter, Celeste Holm, Claire Trevor, Mercedes McCambridge, Josephine Hull, Kim Hunter e Gloria Grahame.

*

A. LIRA — São Paulo — Em «O que recebe bofetadas»: Narciso Ibanez Menta, Golde Fiàmi, Guillermo Battaglia, Selva Sullivan, Ernesto Vilches, Juan Serrador, Maria Esther Podestá, Oscar Vallicelli, Mario Fortuna, Marcelo Lavalle e Alberto Terrones.

*

HERMENEGILDO FARINHA — Porto Alegre — Sim, há uma versão francesa — «Le tombeau indu» — com Alice Field, Max Michel, Roger Karl, Claude May, Roger Duchesne, e outros. Essa não foi importada.

*

G. SATRO — Campinas — Da Multifilmes foram exibidos até o momento em que lhe respondo: «Modelo 19 — A ponte da esperança», «O homem dos papagaios», «O destino em apuros» e «Uma vida para dois», dirigidos, respectivamente, por Armando Couto (os dois primeiros), Ernesto Remani e Armando de Miranda. Civelli dirigiu (com Tito Battini) «O luar do sertão». Na Italia não dirigiu nenhum.

*

ELMO GONZAGA — Rio — Os «shorts» em «3 D» produzidos até o momento, (se não está faltando algum mais recente, minha lista), são os seguintes «Bichos papões» e Pardon My Backfire», da Columbia, com os «três patetas»; «The Ace of the Space», da Paramount, com Popeye; «Melodia», de Disney; e «Nat King Cole & Ross Morgan's», da Universal. Filmes grandes, exibidos em São Paulo: «Ticonderoga», da Columbia; e Veio do espaço», da Universal-International. Os «shorts» da Metro foram feitos, respectivamente, em 1936, 1938 e 1941. Third-Dimensional Murder», aliás, tinha outro título, por ocasião da primeira exibição — «Assassinato metroscópico».

*

FÃ DE JEANNE — Santos — Jeanne Cagnel não deixou o cinema. Um de seus últimos filmes é o filme de Jimmy, «A Lion Is in the Streets», na Warner Bross. Escreva-lhe para Warner Brothers-Studios, Burbank, Califórnia, USA.

*

SEVERINO SANTOS — Rio — O filme de Kirk Douglas feito na França chama-se «Act of Love».

*

LINA — Rio — O mais recente filme de Ramirez é «Latin Lovers», na Metro, com Lana Turner e Ricardo Montalban, em que êle não aparece, apenas cantando por Ricardo. A fita, aliás, passa-se no Rio.

EUNICE DE PAULA — Rio — Em «O principe ladrão»: Julna — Tony Curtis, Tina — Piper Laurie, Youssef — Everette Sloane, Mokar — Jeff Corey, Mirza — Betty Grabe, Hakar — Marvin Miller, Princesa Yasmin — Peggie Castle, Mustafá — Donald Randolph, Cahuena — Nita Bieber, Dançarina — Milada Mladova e Basra — Hayden Rorke. Sim, Tony trabalhou em «E o mulo falou», mas em papel secundário. Sua amiguinha tem razão.

*

J. L. M. N. — Pelotas — Em «O Segredo»: David Clark — John Derek, Howard Clark — Lee J. Cobb, Lee Parson — Judy Lawrence, George Redman — Santos Ortega, Ellen Clark — Erin O'Brien — Moore, Donald Muir — Henry O'Neill, Dr. Reynolds — Cral Benton Reid, Sybil Bradley — Peggy Converse, Vera Stone — Jean Alexander, Marie Elsnor — Dorothy Tree, John Elsnor — White Bissell, Mr. Sims — Raymond Greenleaf, e Juiz — Onslow Stevens.

*

FRANCISCO THOMAZ ALBUQUERQUE — Sorocaba — São muitos os filmes de Hesperia e ainda não tenho organizada a relação de todos. Entretanto,

(Conclui na página 59)

UMA HISTÓRIA...

(Continuação da página 25)

ganharam-se os coitados... O paulista, em questões de negócios, é frio, meticuloso e inflexível. E, êsse mesmo pequeno gigante, Cavalheiro Lima sempre o dizia — "as minhas atitudes são frias e procurarei sempre agir com a cabeça".

— PRMEIRA RUSGA. MARIO CIVELI x FERNANDO SALGADO

Ao ser apresentada ao plenário a tese do cronista que assina a presente reportagem, — "O estrangeiro no cinema brasileiro", — pelo relator da mesma, verificou-se um movimento de inquietação em parte da platéia pelo barulho das cadeiras.

E tão logo o autor da tese usou de palavra para a defender viu-se a retirada estratégica de um pequeno grupo seguindo o corpulento diretor de Multifilmes — Mario Civelli. Ficou no espírito de todos uma interrogação. A tese foi logo aprovada. Não discussões nem palavras feias. Por que teria saido aquela gente? Terminada a reunião veio a saber-se que o Sr. Civelli estaria contrário à tese em pauta e não se achava suficientemente forte para rebatê-la. O autor da tese propõe que com êle vá uma comissão falar ao simpático cidadão ítalo-brasileiro e convence-lo de voltar aos trabalhos. E Civelli voltou.

Planificou-se uma grande passeata. Civelli é um espírito animado e brincalhão. Tôdas as Companhias, artistas, trabalhadores etc. desfilariam nas viaturas e maquinaria de cinema perante o público. Música, flores, fogos e muita alegria, prenunciavam a grande passeata. Resolve-se que o cronista Fernando Salgado vá ao Rio para convidar o máximo dos elementos da sétima arte, na capital da República, a tomarem parte na monumental festa.

— Dois dias após, voltamos a São Paulo, depois de termos envidado o máximo de esforços no cumprimento de nossa missão.

— Do aeroporto fomos diretos à sessão, já agora noutro local. As primeiras reuniões foram realizadas na Federação de Futebol e depois, as demais, no novo Teatro da Paulicéia — chamado, Leopoldo Froes (um teatro que ninguém conhece), pequeno, mas bonzinho.

Uma grande surpresa nos estava reservada! — Ninguém mais se entendia. Tudo era confusão. Blocos divergentes por todos os lados. Descontentamento geral. Assistimos a uma sessão agitadíssima que se prolongou até quase quatro horas da madrugada. Tudo era incerto quanto à participação da maior companhia cinematográfica do Brasil à festa. Parecia-nos que Cavaleiro Lima queria condicionar o apoio da sua representada à aprovação de determiniadas pretensões. E se isto nos parecia ficou comprovado horas após.

Não se tendo chegado a um acôrdo nas proposições mas a um "arreglo" de opiniões, alguém se iludiu. O telefone funcionou. Uma mensagem da aurora do dia do desfile, feita pelo senhor Pedro Moacyr em nome do vice-presidente da Vera Cruz iluminava de alegria o ambiente tristonho do plenário ao dizer que a grande emprêsa participaria da festa com todo o seu equipamento.

— Mas... quando sabedores da realidade e do perigo de expôr trinta milhões de material na rua para uma festa que se anunciava com um "comício" no seu final, como era justo e natural, a direção da grande emprêsa, com o ardil manhozo e maneirozo do seu representante, tirou o côrpo fora.

— Vieram os gritos. Ataques. Censuras. Tudo foi contornado pelo "superman" Cavalheiro Lima. O desfile não se realizou.

— De repente o côr de rosa do ambiente enrubeceu-se e aqueles que não gostam do "vermelho" afastaram-se.

— A madrugada do dia 19 foi o fim, antecipado, do Congresso. O desfile seria na noite do dia 19. E, no primeiro contato dos congressistas na sessão da tarde. Cavalheiro Lima explicava: —... até as 11 horas ninguem da Comissão do desfile procurou a direção da Vera Cruz. Ninguém procurou o DOPS (Departamento de Ordem Política e Social) para a indispensável licença. A Vera Cruz em face disso dispensou todo o pessoal. Não era mais possível o desfile... E a Multifilmes? Que diria o Civelli que às quatro horas declarava que os seus carros já estavam carregados e as "Chuvas artificiais" prontas para molhar o público?

— Mario Civelli — antes um grande diplomata, conciliador de situações, desapareceu. E, ninguém falou pela Multifilmes a Companhia que em menos tempo maior quantidade de "abacavis" esproduzido. Se bem que "abacaxis" estrangeiros. Corpo técnico e elenco, tudo, cem por cento estrangeiro. Só os locais de filmagem são brasileiros.

— A contrariedade é grande, especialmente daqueles que queriam o "comício". E a altos brados, gritavam, sairemos nem que seja a pé e, em praça pública, gritaremos, discursaremos e ninguém poderá impedir-nos.

— Alguém avisou que lá fora estavam viaturas do DOPS e não se falou mais em "comício". Os "rojões" espoucaram ali mesmo, no jardim, do Teatro.

— O que se viu foi o afastamento estratégico de algumas figuras influentes e o franco e claro de Civelli e companheiros da Multifilmes. Também a Bandeirantes se desiludiu. Só raros observadores eram vistos nas imediações e corredores.

— CAPÍTULO WALTER DA SILVEIRA

— Walter da Silveira é um baiano entendido em cinema. Sempre falou em cines-clubes. Discutiu muito, falou muito, debateu muito e presidiu demais. E' arguto e inteligente. E' pena que siga a linha justa. Foi tão justo que o "camarada" Modesto de Sousa de certa feita, chamou-o de traidor e fascista. O homem quase desmaiou de raiva. Falou que isso era o maior insulto que poderia receber. Pra nós, isso faz parte da tática! Em outra oportunidade criou um caso com Mauro de Alencar, presidente da Comissão de teses, obrigando êste a abandonar o Congresso. Nova comissão (fizemos, também parte desta) vai à residência do ofendido rogar-lhe o retôrno.

— Mas, Walter da Silveira criaria casos com todo o mundo. Menos conosco pois não lhe demos oportunidade apesar de ao final, na sessão de encerramento, quando não nos era facultado falar, que êle denunciou uma reportagem que havíamos transmitido pelo rádio contando as verdades.

O primeiro caso foi lamentável. Logo na primeira sessão plenária o tubulento cineclubista baiano chamou a atenção do primeiro vice-presidente da Delegação Carioca — Sr. Pedro Gouveia Filho, diretor do Departamento Nacional do Cinema Educativo, de forma ostensiva, que obrigou o ofendido a afastar-se, só não se consumando, no momento, pela interveniência de pessoas amigas. Porém, após fazer uso da palavra e repelir a ofensa, nunca mais se viu o vice-presidente carioca.

— Desfeitas foram a granel.

A VERDADEIRA HISTÓRIA DO DESFILE

— O condicionamento de aprovação do aumento dos ingressos pleiteado pelas fôrças comandadas, mentalmente, pelo Cavaleiro Lima seria a nosso ver a resultante do apoio da Vera Cruz ao Congresso e ao desfile. Os falsos defensores do povo quiseram fazer uma grande onda contra essa pretensão.

— Foi a maior e mais tumultuada reunião, essa da madrugada de sábado, dêsse sábado em que deveria realizar-se o desfile. Lá prás tantas, mais ou menos quatro horas o Sr. Pedro Moacyr diz que a Vera Cruz iria desfilar. Gritos de contentamento. Abraços. Confusão. Alegria histérica e risos falsos. Civelli radiante sobe ao palco e declara que os seus carros já estão carregando. Fala com delírio e entusiasmo, muito "bafo" de italiano bem nutrido.

— Sábado — catorze horas. Sessão plenária matinal. Ambiente de luto. Cochichos e bloquinhos. São as mais variadas as versões correntes. Uns atribuem a culpa ao DOPS declarando que nos cem mil propectos jogados pelas ruas da cidade falava-se em "comício" e o DOPS não o havia autorizado, por isso não haveria desfile.

— Foi com essa alegação e mais de que nenhum membro da comissão do desfile havia visitado a direção da Vera Cruz, que o Cavaleiro Lima declarava que não era mais possível o desfile, pois às onze horas já a direção havia desobrigado todo o pessoal.

— Há ataques imensos contra o DOPS daqueles que acham não ser necessária qualquer permissão para "comiciar" em público. Há os que atacam a Vera Cruz. E os que, como nós, procuravam uma solução conciliatória para a situação.

— Propusemos e o plenário aprovou unanimemente, que fôsse designada uma comissão para entender-se com a direção da Vera Cruz e, agora, também da Multifilmes que já não se encontrava presente, para transferir o desfile para domingo e em seguida pedir às emissoras e jornais a mais ampla divulgação a respeito. A nosso ver havia tempo de sobra para isso.

...Mas, um líder ensanguentado resolve protestar infladamente e declara que com Vera Cruz ou sem Vera Cruz o desfile se faria nem que fôsse a pé.

E mais, que se fizesse uma censura à Vera Cruz por não ter prestigiado o Congresso.

— Diante dêsse imensurável absurdo, resolvemos como autores da proposta e dirigentes da delegação que iria às grandes companhia, esperar a reunião da noite.

Sábado — vinte horas. Plenário quase vasio. Falamos a alguns líderes do nosso propósito de publicamente pedir a demissão da comissão designada por achar ofensivo o discurso feito após a nossa proposta e por sabermos que os termos insultuosos seriam levados ao conhecimento da direção daquela emprêsa. Foi-nos pedido que não o fizessemos de público a fim de não aumentar a tensão reinante.

Criou-se outra diversão. Ninguém mais falou em desfile. Agora era idéia dominante um "grandioso churrasco" no domingo, após o encerramento do Congresso. E depois, talvez um "comício" falava-se...

— SESSÃO DE ENCERRAMENTO. CHURRASCO. CONFUSÃO E SHOW"

— Domingo — 21 horas e 46 minutos. Esperou-se muito para ver se o plenário ficaria cheio. Finalmente com cêrca de duzentas pessoas mais interessadas no churrasco do que na sessão, foi iniciada a memorável reunião de encerramento.

Na presidência, como na sessão de abertura, o Sr. Alberto Russel.

— Por detrás da cortina do palco vem uma relação de última hora dos nomes que comporiam a mesa. E o permanente e defectivo "secretário" de tôdas as reuniões foi "cantando" os nomes dos amiguinhos.

— Antes extra-oficialmente, corre o rumor no plenário que, também o presidente da Delegação Carioca — Sr. Jayme Pinheiro, havia abandonado o Congresso manifestando-se contrário totalmente contrário ao que ali se vinha passando. E foi aquela água. O crimeiro vice-presidente — Sr. Pedro Gouveia Filho, já havia dado o fora. O segundo vice — Sr. Elias Jorge não quer a "bomba" em suas mãos e abandona a sessão. Nós não somos da "panelinha" e portanto como Manoel Jorge — figuras "non-gratas".

SÓ HÁ UM HOMEM NA DELEGAÇÃO CARIOCA

— Foi assim desde o início. Só um que lutava, traia e agia de tôdas as maneiras por ser lider.

E foi, finalmente. Lider único e só.

— Aliás, êsse cavalheiro (...que não é Lima mas que o Lima espremeu bem), merece um capítulo todo à parte. Fa-lo-emos mais adiante.

Churrasco. Terminada a sessão de "água fria" onde os discursos cretinos de "palavras mornas" satisfizeram a todos, lá se foram os bandos em direção ao falado "churrasco".

A comilança estava anunciada para a meia-noite. São três e meia e nada. A turma começa a impacientar-se. O primeiro a dar o grito foi o turbulento Cangaceiro Lima Barreto. Em pé sobre a mesa gritou com voz de quem está com fome: — "... como é, ainda não mataram o boi?...

— Ouve-se à distância uma voz também a reclamar e outras e outras e quase o tumulto.

— Minutos após um exército de garções traz uma pálida salada. Um pobre coitado tanta ludibriar os estômagos vazios e vai ao micro para cantar. Que vaia...

— Mais alguns minutos e eis que chega o tão falado boi m pequenos pedaços com nervo gordura e tudo

— Pequeninos pedaços contrapondo-se a uma fome voraz. Reclamações, gritaria, confusão. Há um aviso pelo micro: — quem quiser beber pode, mas pagando. Um outro aviso: — "Araçary iria correr uma bandeja para coletar niqueis para pagar a boia de quem não possui o algum".

— Lima Barreto vai ao micro e diz que o "churrasco" (em palavras claríssimas) mais parece o que o boi não quer... Moraram?... Uma vergonha.

— Paulo Pereira da Delegação Carioca também reclama. Os seus falsos companheiros vêm recriminá-lo.

Nós, já satisfeitos, ficamos do lado de Paulo Pereira, por achá-lo com a razão e o "churrasco" acabou senão o "pau" comia, e, comia mesmo...

OS GRANDES...

(Continuação da página 9)

mas extras. A vitória de Edmundo de Souza na Rádio Nacional é a vitória do esfôrço e da dedicação ao serviço. Ele é ainda um animador incomparável dos artistas, um incentivador dos valores novos, um chefe de departamento que se interessa tanto pela renovação dêsses valores, como cultiva a tradição do rádio e o mérito dos antigos. Edmundo vem do rádio passado, é o rádio presente e sonha com o rádio futuro. Na Rádio Nacional vemô-lo sempre cercado de «astros» e «estrêlas». Todos os artistas são seus amigos, porque êle é um amigo de todos os artistas. Ele soube conquistar um nome no rádio brasileiro.

COISAS DE...

(Continuação da página 17)

samba de Jorge Gonçalves e Sebastião Gomes, "Não deixarei de beber", e a marcha de Felisberto Martins, "Papai é o maior".

A marcha parece-nos mais forte. Eis os seus versos:

"Papai é o maior — Papai é que é o tal — Que coisa louca — Que coisa rara — Papai não respeita cara — Ô-ô-ô.

II

O samba também é curto. Diz:

"Bebo, não deixarei de beber — Sambo, não deixarei de sambar — Quero, quando a morte vier — Que me encontre no samba — Bebendo e sambando com muita mulher."

II

Até meu brotinho — Diz que o velho é bonitão: Porque o meu velhinho. — Tem dinheiro e posição."

E se eu gosto do samba — E' porque nêle me criei — Pois bebendo e sambando — Meu amor eu arranjei."

NÃO E' ASSIM

O repórter, pelo que vê, acha que não foi bebendo nem sambando que Afrânio arranjou o seu amor. Olivinha Carvalho que o diga.

No Carnaval, Afrânio diverte-se vindo para a rua e vendo os foliões e blocos em rumoroso desfile. Prefere sentar-se a uma mesa, conversar e beber com os amigos. Todavia, não perde oportunidade para :defender" as suas músicas.



Cupom «Escola de Corte e Costura São Paulo»
Curso por Correspondencia para Senhoras e Alfaiates

Nº 9

À Escola de Corte e Costura "São Paulo" dos Métodos "VOGUE"
Rua 2, Nº 1021 — Caixa Postal 152
RIO CLARO - Estado de São Paulo

Peço enviar-me gratuitamente prospectos sôbre o ensino de «Artes e Modas», curso de Professoras ou Contra-mestres.

NOME...
RUA... Nº
CIDADE............................ ESTADO.........................

COROADOS EM...

(Continuação da página 6)

boratórios bandeirantes. Os candidatos a «Rei» e a «Rainha» dos figurantes se submeteram inicialmente a três provas: uma de interpretação, outra de dicção e uma de fotogenia. Os exames se realizaram nos estúdios da Paradigma Cinematográfica. A derradeira das provas de seleção dos soberanos dos extras realizou-se no Ginásio do Pacaembu, como uma das solenidades do II Congresso Nacional do Cinema Brasileiro.

O NOIVO DE...

(Continuação da página 7)

Erguendo-se com dignidade, Mercedes fixou seus olhos de alucinada no homenzarrão, detendo-lhe severamente o impulso:

— Não, Raul! Por favor! Respeite a morte!

Desconsertado, o rapaz «rugiu»:

— Por Deus, criatura!... Deixe de maluquice!... De que morte você fala?... Não morreu ninguém aqui!

— Está enganado, Raul! Morreu o nosso amor!

— Você está louca?

— Estou sim, louca de dor... Era tão belo!

Um grito estranho, glacial, fez estremecer o homenzarrão, dando-lhe a certeza do desastre irreparável.

NOVIDADES, BOATOS...

(Continuação da página 23)

Story" fará através os Estados Unidos". Se isso é descanso...

— 0 —

A recusa veemente de Spencer Tracy ao ser convidado para representar o principal papel em "Bad Day at the Black Rock", foi um "maná" para Joel McCrea, que, há muito, vinha desejando interpretá-lo. Declarou Joel aos seus amigos: — Não me incomodo de ser um substituto. Fiquei entusiasmado pela história de Don McGuire, tanto assim que tentei comprá-la mas a MGM superou a minha oferta. Se o estúdio me quiser é só dizer que irei correndo aceitar o papel.

— 0 —

O passa-tempo de Alfred Hitchcock, o famoso diretor, é um dos mais dispendiosos de Hollywood. No seu rancho de Sant Cruz, na California, Hitchcock possui um grande orquidário. Recentemente, resolveu remodelar a sua estufa. Os trabalhadores chamados para fazer a obra orçaram-na em $ 1.200. No fim foi preciso instalar aquecimento, sistema de ventilação, além das pinturas e a despesa subiu a $ 6.000. Hitchcock admite que seria mais barato ter uma conta numa florista e encomendar as orquidéias que desejasse.

— 0 —

Bob Wagner continua a afirmar que não pensa em casar-se tão cedo.

— Que poderia eu oferecer a uma moça? — raciocina êle. — Tudo que tenho são 100 ações da 20th Century-Fox, um carro novo e alguns discos usados! — Será mesmo?

"COMPENSAÇÃO"

(Continuação da página 26)

Tiveste que voltar à cidade por causa do teu trabalho, confiando em minha capacidade de carcereira. Então Lícia chorou, chorou diante de mim, como eu chorara diante de ti, em outros tempos... E o jovem insistiu em ser recebido por mim para uma explicação. Revelou-me que seu verdadeiro sobrenome era Bernard...

Sim, André, trata-se do filho de Raul! Não o trouxe aqui o acaso, mas uma promessa feita ao seu pai. Seu lar fôra desditoso porque faltava amor e compreensão entre seus gropenitores. A mãe morreu prematuramente e Raul dedicou-se inteiramente a êle. Entretanto, minava o pai um segredo doloroso que o fazia quedar-se contemplando o mar, com olhos nublados, durante longas horas. Quando se lhe agravou a enfermidade, confiou êsse segredo ao filho, com posteriores recomendações.

Contou-lhe que a única criatura que amara na vida fôra uma jovem chamada... Stela, a quem conhecera por ocasião de sua última viagem. Haviam combinado que se casariam quando de sua volta. Mas, ao chegar a um porto longinquo recebeu uma carta do irmão da moça comunicando-lhe que ela acabava de casar-se com um homem rico, porque tinha medo de lutar junto a um pobre. Despeitado, Raul casou-se por sua vez com a primeira mulher que lhe sorriu, mas o atormentava a lembrança de Stela, como o canto de uma sereia.

Agora, a clarividência da agonia o levava a pensar que aquela carta talvez houvesse sido um ardil do irmão e que Stela havia ficado esperando em vão... Por isto suplicava ao filho que, quando encontrasse o amor o retivesse em sua vida, ainda que para tanto tivesse que lutar contra tudo e contra todos.

Alex interpretou também o desejo que seu pai não se atrevera a formular, e de procurar Stela para esclarecer a verdade. Assim, quando o pai morreu, êle recebeu sua herança e viajou para aqui onde após pacientes investigações conseguiu encontrar-me...

Na realidade encontrou duas Stelas, a Stela de seu pai convertida numa solteirona de alma fenecida e a Stela que êle almejaria para si próprio, sorrindo-lhe com a beleza e a mocidade transbordante de Lícia.

Compreendes agora, André, por que testemunhei ontem o casamento de tua filha com o filho de Raul, apressando-o para que não pudesses separá-los? A essa hora estão em viagem de lua de mel para a Europa, onde viverão seu amor...".

Meu irmão ficou vencido, duplamente vencido, pelas circunstâncias e por meu perdão. Mas mesmo assim, ainda me contemplou com arrogância.

— Fi-lo em benefício de Lícia, de Alex... e também no teu, André. Para que não voltasses a elaborar a infelicidade de teus entes queridos em nome de falsas idéias... Sim, eu o sei. Então pretendeste proteger-me contra um possível aventureiro, oferecendo-me em troca a segurança do teu lar. Deixemo-lo assim... Estamos em paz.

Baixa o olhar, pestanejando, talvez de emoção. Vejo-o velho, de cãs, de rugas, com os ombros caidos.

— Que vamos... que vais fazer agora, Stela ? — balbucia por fim, mais em tom de súplica que de pergunta.

Antes de responder, trato de fechar a porta e acender o fogo da lareira, porque já se vai fazendo noite e faz frio, muito frio.

— "Vamos" continuar juntos, meu irmão, porque agora sim, que precisamos um do outro. Vem o inverno, "nosso inverno", sobretudo...

André deixa-se cair numa cadeira, com um suspiro que é quase soluço, não sei se de pena ou de agradecimento.

E eu, a tia Stela, me acomodo serenamente à sua esquerda, diante da chaminé, e me ponho a pensar na felicidade de Lícia e Alex, em quem, pela magia da lembrança e do sonho termino vendo Raul e eu.

E já não importa que o inverno golpeie as janelas e que a grande sombra se aproxime inevitávelmente.

QUE ESPERA EM...

(Conclusão da página 11)

dade de cirurgião-dentista, saldar os compromissos financeiros decorrentes da compra do palacete onde moro e a possibilidade de ir à Suiça.

NORA NEY — Ser bem sucedida como proprietária de uma granja, em Agulhas Negras, como o fui, artisticamente, em 1953.

PAULO TAPAJÓS — Repetir, com os discos "Regente", os bons negócos que, em 1953, consegui com os "Carroussel" e apresentar, em várias capitais, o "Festival de Música Brasileira".

EDMUNDO DE SOUZA — O beneplácito da população de Niterói à minha candidatura a vereador pelo P.S.D.

ROBERTO FAISSAL — Empreender uma excursão ao Norte e à Bahia e resolver uma situação de ordem sentimental.

LINDA BATISTA — Triunfar, como diretora artística e sócia, na "boite" do Plaza Copacabana.

OLIVINHA CARVALHO — Ir ao pretório e casar com... Já sabe, não é?

HERON DOMINGUES — Viajar ao Extremo Oriente, comprar um carro e mais um apartamento, o terceiro.

EURICO SILVA — Escrever um programa para ser um dos maiores do nosso rádio.

RODOLFO MAYER — Se Deus me der um 54 como me deu o 53, estarei excelentemente servido e feliz, na quase certeza de que, no teatro, realizarei muita coisa rara e bela, entre nós.

LUIZ JATOBÁ — Dedicar-me à medicina, pois já voltei a familiarizar-me com ela.

REINALDO COSTA — Abrir minha banca de advogado, ser pai e duplicar meu amor por Franca Fenatti.

DIRCINHA BATISTA — A saúde e tran-

quilidade que faltaram a mim e à minha família.

JACYRA COSTA — Ficar boa do coração e, assim, poder passar dois meses no estrangeiro, distraindo-me.

NELMA COSTA — Uma pequena temporada no teatro, para matar as saudades.

HAROLDO BARBOSA — Andar pela Europa, em maio.

BRICIO DE ABREU — Regularização e melhoria dos salários dos jornalistas e os mesmos triunfos teatrais de 1953, com as traduções que fiz de "Obrigada, Pelo Amor de Vocês!" e "Mayá".

LOURDES MAYER — Um bis do que foi 1953, no rádio e no teatro, aqui, ao lado do Rodolfo.

BLACK-AUT — Um ordenado melhor, perder o medo de operar-me e ir a Portugal.

GERMANO — Gravar um disco humorístico como se eu fôsse de fato o "Cazuza".

MUITO ENTUSIASMO

(Continuação da página 31)

estúdios e laboratórios dos dois maiores centros cinematográficos do país.

*

Patrocinado pelo Sindicato Nacional da Indústria Cinematográfica, pela Associação Profissional dos Trabalhadores da Indústria Cinematográfica, pela Associação do Cinema Brasileiro, o II Congresso Nacional do Cinema Brasileiro reuniu em São Paulo, sem distinção de hierarquia profissional, todos aqueles que desejaram discutir os problemas atuais e futuros do nosso cinema, a fim de que soluções justas e proveitosas fossem encontradas e postas em prática com a devida urgência.

*

A fim de participar o certame bandeirante, seguiram para São Paulo os profissionais cariocas, em embaixada que teve o título de «Delegação Moacir Fenelon» e constituida dos seguintes elementos — Jaime Pinheiro, Pedro Gouveia, Elias Jorge, Anelio Latini, Alex Viany, Jece Valadão, Marly Sorel, Italo Jaques, Modesto de Souza, Salviano Cavalcanti de Paiva, Glauce Rocha, Carlos Manga, Jacob Manuel Bonder, Miriam Moema, Luis Flavio de Faro, Antonio Gonçalves, Arnaldo Montel, Rosangela Maldonado, Milton Parnés, Duilio Mastroiani, Dulce Pereira e de outras figuras de prestígio nas atividades filmicas do Rio de Janeiro.

A ALMA ...

(Continuação da página 3

Êle nos convidou, não foi, Peer? Que felicidade! Vou fechar os olhos. Confiarei em ti.

E ela, deslumbrada, cerra as pálpebras, serenamente, e morre.

Nessa peça, a alma, sem dúvida alguma ocupa o lugar do palco... Isto não é Teatro, não, meus amigos; é infinitamente maior e mais leve: é Poesia. É Poesia, êsse mundo sem dimensões, acima de nós, e com um habitante apenas: Deus.

Ali, não vive senão Êle. Mas os poetas vão visitá-lo, quando querem, seguindo, de olhos fechados, pelo caminho dos astros.

Como a ingênua mãezinha de Peer Gynt...

ESTER DE ABREU...

(Continuação da página 14)

e Português. Lágrimas afluiram aos olhos dos mais emotivos que lá estavam, mesmo sem esperar um parente ou um amigo, única e exclusivamente pelo prazer de admirar um pedaço flutuante da terra de Camões. Muitos visitantes ilustres estiveram percorrendo tôdas as luxuosas dependências do grande navio, tendo também lá comparecido a famosa cantora Ester de Abreu, do "cast" da Rádio Nacional. Seus passos foram seguidos pela reportagem de CARIOCA.

Participamos das mesmas emoções de Ester, que foram muitas. Sentimos quanto a bela cantora ama o Brasil a ponto de sentir-se brasileira, embora sem perder sua inconfundível personalidade lusitana. Os instantes vividos a bordo do "Santa Maria" ultrapassaram a imaginação do jornalista afeito a essas "vistorias". É que, soando aos ouvidos da popular intérprete o linguajar de seus patrícios, conseguiu rever, nas riquezas que ornamentam os belissimos salões do imponente "liner", como tapeçarias, jarrões, lustres, quadros, mobiliário artisticamente trabalhado, o seu berço natal, a pátria distante que venera em seu coração, com o mais justificado dos orgulhos.

A curiosidade dos que nos acompanhavam foi flagrante. Comungando das indisfarçáveis alegrias de Ester de Abreu, todos nem se aperceberam do tempo (quase três horas) em que a gentil criadora de "Segrêdo" caminhou pelos vastos corredores, passeou pelo convés, etc. O fotógrafo acompanhou a fadista exímia e obteve as fotografias que ilustram esta reportagem.

PERGUNTE O QUE...

(Continuação da página 55)

aqui vão alguns dos principais: «Metempsicose», «O contrôle conjugal», «Depois da morte», «A porta fechada», «Zuma, a escrava negra», «Entre homens e feras», «A máscara da honra», «Orvalho de sangue», «Coração de gêlo», «Marcela», «A mordaça», «Almas tenebrosas», «Mistério de uma noite de primavera», «O poder soberano», «Jou-Jou», «A dama de copas», «Guerra de amor», «L'aigrette» e «A dama das camélias». Está viva, mas não trabalha mais. O último filme que interpretou foi feito em 1938 e teve o título «Orgoglio».

*

JOÃO GOMES — Rio — Francisco Alves apareceu nos seguintes filmes: «Alo, alo, Brasil!», «Alo, alo, Carnaval!», «Laranja da China», «Céu azul», «Samba em Berlim», «Berlim na batucada», «Caidos do céu» e «Esta é fina», além de ter cantado em alguns «shorts».

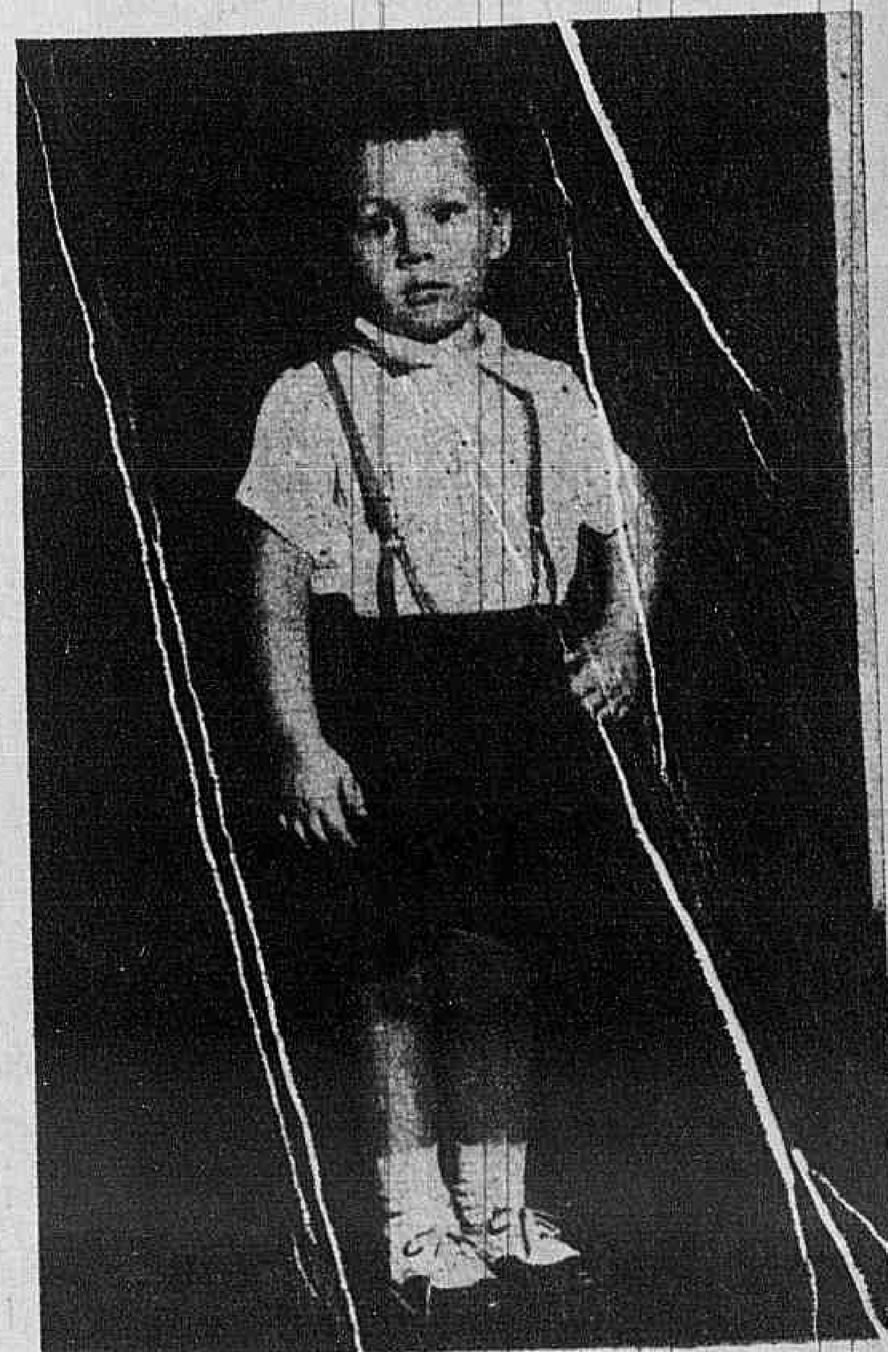
*

AMINTHAS FERNANDO BRITTO — Aracaju — Não tenho a distribuição de «Rosas trágicas». O elenco foi o seguinte: Peggy Cummins, Victor Mature, Ethel Barrymore, Vincent Price, Margo Woode, George Zucco, Patricia Medina, Rhys Williams, Felippa Rock, Carol Savage, Victor Wood, Patrick O'Moore, Billy Bevan, Michael Dyne, John Rogers, Charles McNaughton, Alex Frazer, Harry Allen, Gilbert Wilson, Stanley Mann, Alec Hartford, John Goldworthy, Sally Sheppard, Paul England, Al Ferguson, Clifford Brooke, Stuart Holmes, Colin Campbell, Connie Leon, Leonard Carey, Major Sam Harris e Norman Ainsley. O diretor é Gregory Ratoff. Produção 20th-Century-Fox. O título original é «Moss Rose», sendo o argumento baseado na novela de Joseph Shearing. O filme já foi exibido. Quanto à re-apresentação, não sei se a Fox a fará.

*

MARGO — Piracicaba — Gary Cooper: Warner Bross-Studios, Burbank, Califórnia, USA. Wanda Hendrix: United-Artists-Studios. Sunset Boulevard, Hollywood, Califórnia. USA. Pode escrever em português, citando um título de filme de cada artista, no original. Por exemplo: «Springfield Rifle» (para Gary

(Conclui na página 62)



O menino Sergio, filho de Sergio de Albuquerque Armstrong, funcionário de «A Noite», e de D. Maria do Carmo Baranda Armstrong, completou 3 anos em 20 de dezembro próximo passado. Por êsse motivo, Sergio — que se vê na fotografia — ofereceu uma mesa de doces aos seus parentes e amiguinhos

NO RIO...

(Continuação da página 5)

como sua colega, resolveu abandonar esta filosofia.

Disse também ser artista de rádio, teatro e cinema, já havendo filmado em Alexandria, e recentemente, recebido um convite para filmar na França. Falou também sôbre suas canções; contou-nos que odeia, sobretudo, as "canções idiotas", aquelas em que as palavras não passam de um lamentável "bla...bla... bla..." ajustadas ao sabor de ritmos convencionais.

Ela é uma cantora diferente das outras, reconhecemos com um suspiro de satisfação... E Line Andrés fala do seu repertório, de "Padam", de "Intoxicação" e, sobretudo, de "Je t'ai dans la peau", sua canção preferida e grande sucesso. Ela fala de Paris, onde cantou ultimamente, antes de vir para o Rio; fala do Cairo, onde ficou mais do que seu contrato previa; de Beyrouth, de Istambul e de Atenas, que a reclamou, a volta a falar de Paris.

Porém, os ponteiros do relógio correm desesperadamente. O tempo passa mais rapidamente do que de hábito, contra os nossos desejos. Restam mais algumas perguntas e mais algumas respostas.

PARA FINALIZAR

— Que acha você dos homens brasileiros?

— Vestem-se com muito gosto e elegância. São românticos e, sobretudo, sabem contar lindas histórias de amor... nas quais não acredito; porém, gosto de ouví-las!

— E qual é o seu tipo preferido?

— De histórias, ou... de homens?...

— De homens.

— Gosto dos homens altos. Fico encantada com o tipo do homem brasileiro, que, aliás, tem me dominado inteiramente, sobretudo os de pele tostada pelo sol.

Prosseguindo, Line Andrés falou que o Rio é de fato uma cidade inesperadamente maravilhosa; que foi proclamada, em Paris, pelos fotógrafos de jornais e revistas, como a garota preferida para ser fotografada por eles, e que, apesar de sua atual temporada no Brasil, ser muito curta, pretende voltar oportunamente.

Mas o tempo, êsse nosso inimigo...

E, com isso, felicidade no ano novo, amigos.

A GAROTA...

(Continuação da página 13)

tendo muito sucesso. A música brasileira desperta grande interêsse no exterior. Outro fato de nosso sucesso foi Ary Barroso, que se revelou um companheiro e diretor admirável. Gostei muito da viagem e fiquei apaixonada pelos cubanos, que nos receberam maravilhosamente.

* ★ *

Como vemos, Aracy Costa tem galgado, rapidamente, o caminho da estrelato, se considerarmos, ainda, que em 1953 ela foi consagrada pelos fãs como «A melhor cantora das associadas» no concurso instituido pela Tupi-Tamoio.

Aracy é solteira e possui um «anjo da guarda» muito vivo, que a acompanha a todos os lugares em que se apresenta — sua mãe. Indagamos da estrelinha o que pensava do amor e a resposta não se fez esperar:

— Eu ainda não o conheço, porquanto nunca fiquei apaixonada, mas acho que deve ser formidável.

— E do casamento?

— Para mim é muito cedo pensar nisso. Sou muito jovem e tenho outros planos, uma vez que coloco minha carreira em primeiro lugar, e o casamento, neste caso, é um impecilho que nem o amor pode superar. No entanto, creio que casar é o ideal de tôda mulher, e eu não pretendo fugir à regra.

Esta resposta traz uma esperança aos jovens apaixonados de Aracy Costa. Aliás, inúmeros são os pretendentes à mão da cantora, e não são poucas as cartas de amor que recebe quase diariamente. Quando esteve em Punta del Leste, despertou grande paixão num milionário, que lhe escreve constantemente, fazendo novas declarações de amor.

Assim é Aracy Costa, graciosa, com uma vozinha de ouro e um modo personalíssimo de interpretar o samba.

ESTUDE
Contabilidade ou contador, com diploma, por correspondência no INST. RIO BRANCO. Grátis a todo aluno: 1 cart. de identidade, 1 pasta, mat. estudos, etc. Procure-nos s/compromisso.
CAIXA POSTAL, 5.215 — SÃO PAULO

"Meu Amor Brasileiro"

(Continuação da página 21)

em que aparecem até o Pão de Açucar — cartão postal dos cariocas — e palavras em português da própria «estrêla» estadunidense. Lana, entre outras frases do nosso idioma, diz com uma pronúncia muito engraçada:

«Você... tem... bonitos... cavalos... Querido».

*

Querem naturalmente os fãs de cinema saber nossa opinião sôbre o divertimento, não é? Encurtando as apreciações: o filme fará, pelo menos, sucesso no Brasil.

Houve o cuidado do americano em oferecer o papel mais destacado ao que interpreta a figura do brasileiro, o que leva a melhor, conquistando o coração da pequena; a música, o samba, a dança e algumas piadinhas valerão como passatempo.

O único senão é o exagêro com que procuram pintar o brasileiro. Há uma cena em que Ricardo Montalban, ainda não conhecendo, não tendo sequer sido apresentado à heroina do filme, puxa seu braço e lhe sapeca com uma impetuosidade nunca vista, uma beijo 3 x 4 nos lábios...

Francamente, assim também é demais.

Por isso é que, na América, bandeirinha brasileira na lapela é uma espécie de sinal de perigo, no que diz respeito às coisas do amor. Daí a desconfiança das expansivas americanas, quando, à pouca distância, surge um carioca, paulista, baiano, mineiro, ou qualquer outro representante dos nossos Estados.

Uma jovem teve a coragem de nos dizer, a bordo do «S. S. Argentina», da Frota da Boa Vizinhança, que, ao iniciar seu cruzeiro de turismo, seus papais a advertiram:

Cuidado com os brasileiros!

Esta, a nosso ver, embora divertida, a contra-propaganda do longa-metragem da MGM.

RETROSPECTO...

(Continuação da página 29)

pálido entusiasmo. As peças já conhecidas, realmente, decepcionaram, muito embora o trabalho artístico, e principalmente o de Alda Garrido, dêsse motivo a justos aplausos.

Para não haver maiores prejuizos, era preciso a Companhia retornar ao Brasil. E como o fim de temporada é a hora dos festivais, Milton Moraes não deixou de promover o seu, utilizando o próprio teatro Avenida. Foi uma grande noite, a da sua festa artística, com Adelia Iorio. Teve a colaboração dos artistas de teatro e rádio de Portugal. Destacando-se, "Amalia Rodrigues, que nunca deixou de prestar gentilmente o seu concurso às festas artísticas, para as quais é frequentemente convidada. Como atração fundamental, desfiou plangente rosário de fados e fez-se ouvir com o agrado de sempre, em canções espanholas e brasileiras".

Milton ainda nos informa que, na sua noite de festa, o embaixador brasileiro, doutor Olegario Mariano, abrilhantou a platéia com tôda a sua simpatia de poeta e diplomata.

Foi um espetáculo de rara felicidade para o galã Milton Moraes, na qual êle contou ainda com a cooperação dos artistas: Salomé, que é um comprovado sucesso em Lisboa; Max, o cômico que já devia ter vindo ao Brasil e mais — Tony de Mattos, Jimmy, Carlos Fernandes, a parelha de baile "Paulo e Ivone", Tomé Barros Queiroz, Isaura Alice de Carvalho, Artur Ribeiro, Julieta Fernandes, Maria Bertini, João Azevedo e Abilio Herlander.

Com o trabalho e a retribuição das atenções, o artista ainda teve tempo para fazer uns "extras", participando de espetáculos da madrugada. Atuou no "Club Miami", na Praça da Alegria, apresentando no "show" "Batuque no Rio". Juntamente com a sambista Adelia Iorio e com os cantores Atila Iorio e Luiz Pinho, Milton levou a Portugal, em primeira mão, o célebre baião "Muié rendeira", sucesso do filme "Cangaceiro".

Por muito tempo, o galã guardará saudades da terra irmã, e faz parte de seus planos uma nova viagem a Portugal. Espera para breve um contrato, mas, enquanto êste não chegar, Milton ficará enviando daqui aos seus amigos as mais sinceras lembranças.


FINAL
A NOITE no lar
Pela sua linguagem clara, escoimada de inconvenientes, pela informação fiel, pelas seções escolhidas, pela ilustração sugestiva, A NOITE é o jornal de grande aceitação nos lares brasileiros, onde já se consagrou, inclusive porque elegeu e premiou "A MELHOR DONA DE CASA" e mantém seções que colaboram com a mulher.
Por isso, é decisiva a influência publicitária de A NOITE junto das senhoras. E as senhoras, segundo estatística, por sua vez influem em noventa por cento do total das compras feitas no Brasil.

PERGUNTE O QUE...

(Conclusão da página 59)

Cooper) e «The Highwayman» (para Wanda).

*

SARITA — São Paulo — Mel tem 36 anos. O endereço é Metro-Goldwyn-Mayer-Studios, Culver City, Califórnia, USA. Não sei o estado civil. Sôbre o artigo, escreva ao secretário de CARIOCA.

*

PAULO NUNES FERREIRA — São José do Rio Preto — Nada sei sôbre a morte de George O'Brien. Se algum leitor puder informar-me (inclusive a data), desde já agradeço.

*

DEMETRIO SANTANA — São Paulo — Está correta a lista de filmes falados do saudoso Lewis Stone que enviou. Apenas um reparo: «Strictly Unconfidential» e «The Circle» são a mesma película. Quanto à relação dos filmes mudos do grande ator, a mesma compreende: «No altar da honra», «The Havoc», «Espião amoroso», «The River's End», «Retrogrados», «Negligência de marido», «O concêrto», «O elegante Horacio», «Os peregrinos da vingança», «O prisioneiro do Castelo de Zenda», «Nascer, gozar e morrer», «A pérfida», «Frívolo amor», «A idade perigosa», «O filho do pecado», «Ele não dormiu em casa», «Scaramouch», «A flor do vício», «O rosário», «Cytherea», «Maridos e amantes», «Porque os maridos se aborrecem de casa», «Casar é melhor», «O escândalo de Hollywood», «Confissão de uma rainha», «A mulher que jurou falso», «A mulher moderna», «Em busca do triunfo», «Amor a crédito», «Dinheiro à rôdo», «A dançarina de Montmartre», «Amor beduino», «As três noites de Don Juan», «A santa lourinha», «O mundo desconhecido», «Um caso de bastidores», «A dama do mistério», «Maitre d'hotel», «Esposas solteiras», «A vida privada de Helena de Tróia», «A Legião Estrangeira», «Liberdade de imprensa», «Orquídeas silvestres» e «Mulher de brio».

*

ALBERTO SILVEIRA — Rio — Em «Os três recrutas»: Colé, Ankito e Adriano Reis — recrutas, Miriam Tereza — a filha do comandante, Sergio de Oliveira — comandante, José Lewgoy — sargento, Dary Reis — capitão, Cristina Landi — noiva do sargento, Lya Mara — cantora, Consuelo Leandro — criada, e Terezinha Tapajós — mãe do recruta.

*

SEMIRAMIS — Santos — Robert Taylor ainda não casou novamente.

*

RODOLFO SERTORIO — Rio — O título brasileiro de «Monsoon» é «Ao rugir da tormenta».

*

FÃ DE J. H. — Rio — Segundo as últimas notícias, sua favorita não voltaria ao convento, re-encetando a carreira cinematográfica. De sorte que poderá escrever-lhe para Twentieth-Century-Fox-Studios, Beverly Hills, Hollywood, Cal. USA.

*

JERONIMO CERQUEIRA — Rio — De fato, era Tyrone Power quem devia ter interpretado «O gaucho», mas êle se recusou a trabalhar em trajes característicos gauchos, sendo suspenso pelo estúdio. E ainda aí não foi escolhido um substituto definitivo, pois o primeiro ator indicado fôra Dale Robertson, posteriormente substituido por Rory Calhoun, devido ao produtor achar que êste último tinha mais aparência de latino... E já que lhe informo isso, posso dizer que a heroina do filme seria Jean Peters, não fôra esta atriz ter adoecido gravemente (felizmente ficou boa), obrigando o «producer» a enviar em seu lugar para Buenos Aires, Gene Tierney... Quanto à outra pergunta: não tenho apontamentos do filme citado.

*

ALCIDES B. CONCEIÇÃO — Salvador — Não existe nenhum jornal de cinema no Brasil com o nome «A película». Com êsse nome, só conheço «La Pelicula», argentina.

*

CARLO SALVINI — Sim, Maria Mercador é espôsa do ator-diretor Vittorio De Sica.



Realizou-se no dia 8 de dezembro o enlace matrimonial da senhorita Dolores Valizelos, filha do comerciante Acacio Valizelos e da Sra. Gracinda Valizelos, com o Sr. Hamilton Lopes Gama, filho do comerciante Lopes Guerra e da Sra. Julia Lopes Guerra. Serviram de testemunhas o Sr. Antônio Morgado e a Sra. Elza Morgado. Acima, os nubentes, em fotografia colhida após à cerimônia



Completou seis anos no dia 3 de dezembro a graciosa garota Glorinha, filha do casal Nilza-Edgard Alves Pinheiro, residente nesta capital. Acima, a pequenina aniversariante em fotografia feita naquela dia

DR. JOSÉ DE ALBUQUERQUE
Membro efetivo da
Sociedade de Sexologia de Paris
DOENÇAS SEXUAIS DO HOMEM
Rua do Rosário, 98 — De 13 às 18 hs.
Rio de Janeiro



Por Maria Celeste Ribeiro Barroso

MÔLHO BRANCO PARA PEIXE

Numa caçarola, põem-se 2 colheres de azeite(uma cebola cortada fina, uma pimenta, noz-moscada ralada, alguns camarões já cozidos, algumas ostras e, depois de bem refogado, juntam-se duas (ou uma) xícaras de leite, engrossando-se com maizena.

MIOLO COM CEBOLINHAS

Fervem-se ligeiramente umas 12 cebolinhas, que vão numa caçarola, com uma colher de gordura, para dourar, junta-se uma colher de farinha de trigo, mexe-se, com uma xícara de caldo de carne, um cálice de vinho branco, sal, pimenta, salsa, deixa-se ferver alguns minutos. Cortam-se em fatias 2 miolos já preparados e colocam-se estas no meio de um prato-travessa, em volta as cebolinhas e quadradinhos de pão frito com manteiga, cobre-se com o môlho, que deve ser pasado numa passadeira.

Serve-se quente.

COUVE FLOR DE FRICASSE'

Tomam-se 2 (ou uma) couve-flores, que sejam boas, limpam-se das fôlhas, partem-se em pedaços regulares, que se cozinham em água e sal. Escorre-se a água, passam-se os pedaços por ovos batidos e fritam-se em gordura quente. A seguir, faz-se um môlho com cebola picada, salsa, uma colher de manteiga, 6 colheres de caldo, juntam-se 2 gemas, engrossa-se tudo com farinha de trigo e quando o môlho estiver pronto, deitam-se por cima dois pedaços de couve-flor, que se servem quentes.

MILHO VERDE COM MÔLHO BRANCO

Refoga-se em um picadinho e junta-se uma lata de milho verde e deixa-se cozinhar um pouco.

Em seguida, deita-se num prato-pires raso e core-se com môlho branco, no qual se adiciona uma gema.

Core-se com queijo ralado e vai ao forno para dourar.

BÔLO DE FUBÁ DE ARROZ

Rala-se um côco e leva-se ao forno durante alguns minutos para aquecer, em seguida, extrai-se o leite, espremendo-o num guardanapo. Batem-se 400 gr de açúcar com 200 gr de manteiga e 6 gemas, depois juntam-se as claras batidas em neve e ½ quilo de farinha de arroz e o leite de côco. Mistura-se bem e deita-se numa fôrma untada com manteiga.

Leva-se ao forno quente.

CREME DE LARANJA

250 gramas de açúcar, 10 ovos, 1 copo de caldo de laranja, misturam-se os ovos e o açúcar, junta-se-lhe o caldo de laranja, passa-se dez vêzes numa peneira fina e coloca-se numa fôrma previamente untada de calda de açúcar queimado. Assa-se em banho-maria e retira-se da fôrma quando frio.

Pela mesma receita faz-se o creme de abacaxi.

PANETONE

Preparação do fermento: dissolve-se 50 gramas de fermento Fleischmann, com 1 xícara de leite morno, depois juntam-se 250 gramas de farinha de trigo, 1 colher de açúcar e ½ colherinha de sal; mistura-se tudo e amassa-se bem. A massa deve ser bem mole. Deixa-se crescer por espaço de duas horas.

Panetone: batem-se 6 ovos inteiros e juntam-se a êstes o fermento e mais 100 gramas de manteiga, 100 gramas de banha e uma colherinha de sal; mistura-se tudo muito bem. Em seguida, juntam-se-lhe 150 gramas de açúcar, 1 xícara de leite morno e 750 gramas de farinha de trigo. Continua-se a amassar e quando pronto ajuntam-se 200 gramas de passas, sem os caroços, 200 gramas de frutas sêcas, picadas em pedacinhos: cidra, mamão, laranja, goiaba etc.; mistura-se bem e deixa-se descansar durante 2 horas e meia.

Depois, corta-se a massa em quatro pedaços e coloca-se cada pedaço numa fôrma redonda e deixa-se crescer até atingir ao dôbro do seu tamanho, isto é, durante 2 ou 4 horas. Este pão deve ser assado em forno moderado. Querendo maior quantidade, basta dobrar a receita.

DO MEU CANTINHO... PARA O SEU LAR

MARIA CLARA

Atualmente a renda irlandesa está novamente em moda, como ornamento nas roupas interiores, barra de lenços de cambraia, roupinha de crianças, blusas, jogos americanos, enfim, a renda irlandesa ornamenta qualquer peça, sabendo executá-la com perfeição, com lacêt estreito e fino, para lingerie e roupa de criança; lacêt mais largo em côr beige para jogos americanos, guarnição para mesa e mesmo toalhas de chá.

*

Como medida contra resfriados, a água salgada para irrigações nasais é insubstituível.

*

Os gerâneos, os ciclamens e as glicínias, para conservarem melhor, depois de apanhados devem ser colocados em água contendo uma colher de açucar por litro de água.

*

Na Noruega, é costume colocar à porta das casas um bolo de arroz para Papai Noel.

*

A sopa de abóbora, para ficar saborosa, deve levar meio litro de leite para cada quilo de abóbora.

*

O engenheiro francês Tellier foi quem idealizou o navio frigorífico. O primeiro transporte de carne congelada através do oceano foi efetuado em 1882, de Buenos Aires para Ruan, cidade da França à margem do Sena.

*

A batata compõe-se de três quartas partes de água.

*

Domine os seus nervos seja em que ocasião fôr, quer nas alegrias quer nas contrariedades. Nada melhor que a palavra moderada.

*

Quando o tapete se encontrar em mau estado, para que o mesmo readquira o aspecto de novo, adicione um pouco de amoniaco numa bacia de água fria e mergulhe nela uma escova untada de sabão, esfregando em seguida para completar a operação.

*

A graciosa "estrela" norte-americana, Mari Blanchard, deseja a seus fans um feliz Ano Novo.



Ao presentear uma pessoa de suas relações, de sua amizade, ou de sua família, lembre-se sempre do

TRIO MARAVILHOSO

REGINA

Agua de Colonia,
Sabonete e Talco